

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Revista Municipal



PUBLICAÇÃO CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

NA CAPA: Fonte Monumental



VISTA DE LISBOA
— ÁGUA TINTA DE FRANZ HEGI, SEGUNDO
ORIGINAL DE ALEXANDRE JEAN NOEL
(1752-1834)

REVISTA MUNICIPAL

DIRECTOR
HENRIQUE MARTINS GOMES

ASSISTENTE GRÁFICO
ALFREDO THEODORO

DESENHOS DE
CARLOS O. PINTO
G. PROSPERI
JÚLIO GIL
LUIS OSÓRIO



ANO XXVI—NÚMEROS 106/107—3.º E 4.º TRIMESTRES DE 1965

OS ARTIGOS PUBLICADOS SÃO
DA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

REVISTA MUNICIPAL

ANEXO
REVISTA MUNICIPAL
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA
RUA DO BOM FIM, 150
CASA 100
01011-000
SÃO PAULO, SP



SUMÁRIO

HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS — III
IRISALVA MOITA

ETERNIDADE DE BOCAGE
ADOLFO SIMÕES MÜLLER

EXTRA TEXTO
PINTURA A ÓLEO — CAFÉ NICOLA — LISBOA

ASPECTOS DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE LISBOA
NO SÉCULO XV
MARIA TERESA CAMPOS RODRIGUES

AS GAIVOTAS NO CÉU DE LISBOA
AFONSO LOPES VIEIRA

MOINHOS DE VENTO DE LISBOA
J. M. DOS SANTOS SIMÕES

SUBSIDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA GERAL DE LISBOA
COSTA GARCEZ

ACONTECIMENTOS CIDADINOS

INDICE GERAL DA «REVISTA MUNICIPAL» N.ºs 104 A 107
— ANO DE 1965



IRISALVA MOITA

HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS—III

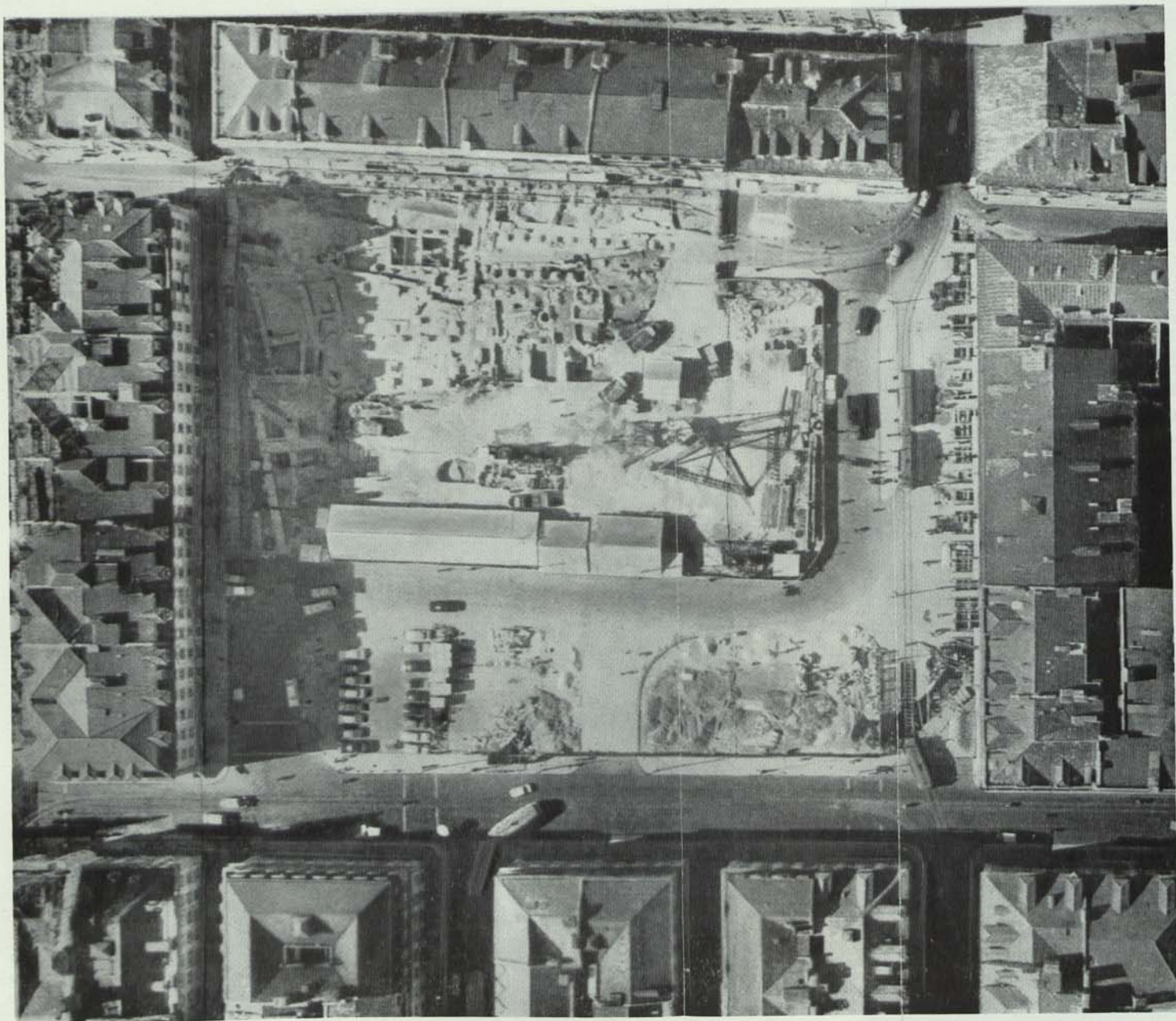
RELATÓRIO DAS ESCAVAÇÕES A QUE MANDOU PROCEDER
A C. M. L. DE 22 DE AGOSTO A 24 DE SETEMBRO DE 1960

III — ASPECTOS GERAIS DAS RUINAS, CONJUNTOS ARQUITECTÓNICOS E CANTARIAS DIVERSAS

Estampa XL:

Fotografia aérea do conjunto das ruínas.

EST. XL



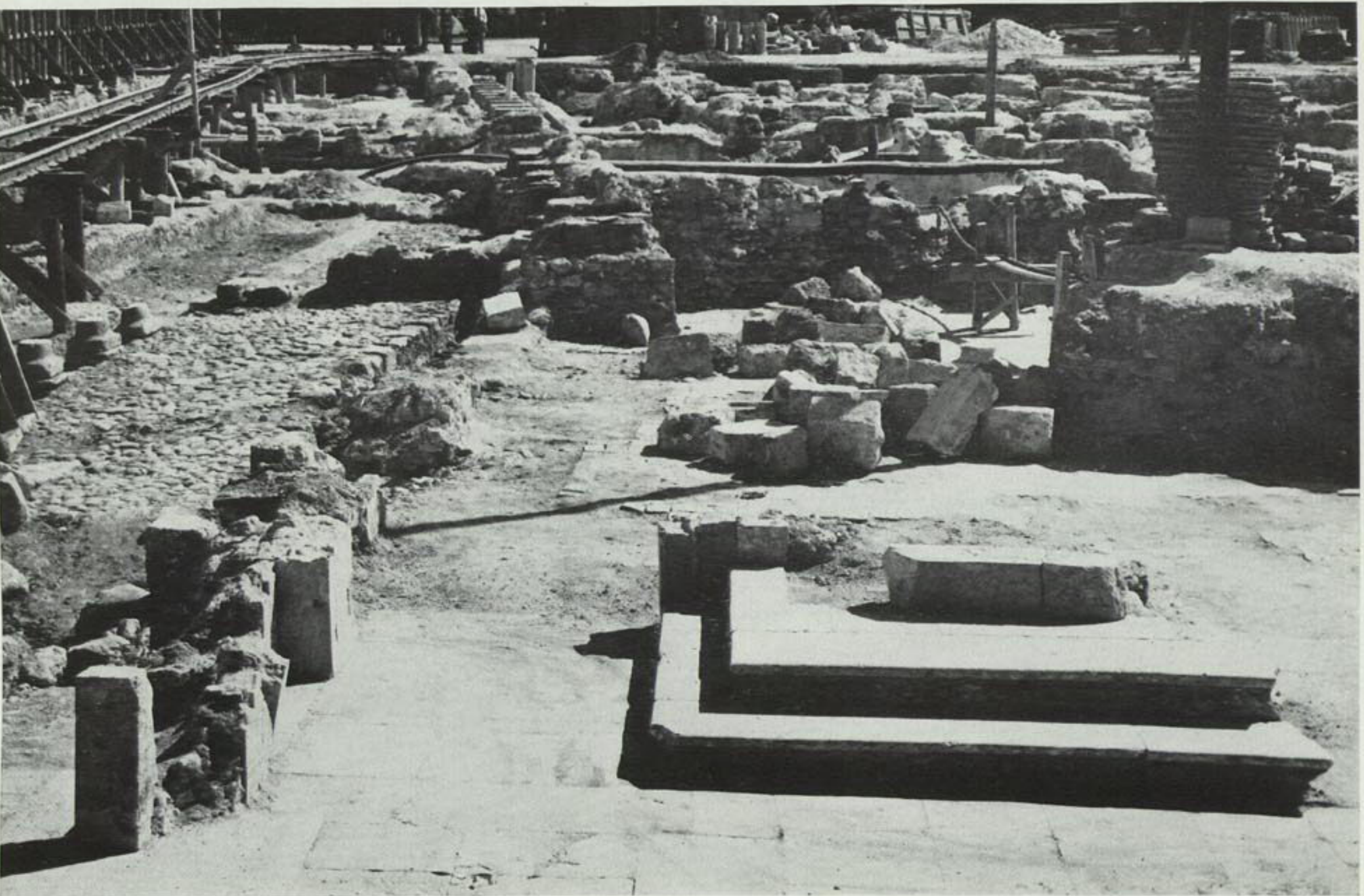
Estampa XLI:

Aspecto parcial das ruínas vendo-se, em primeiro plano, a Ermida da Senhora do Amparo no momento em que se procedia ao levantamento dos azulejos; a entrada lateral lajeada e o compartimento ladrilhado situado à direita. Na parte superior vê-se a calçada e a fiada de colunas (bases), restos duma galeria dum claustro ou pátio.



Estampa XLII:

Capela-mor da Ermida de Nossa Senhora do Amparo,
tendo, em primeiro plano, os degraus sobre que
assentava o altar-mor e parte da parede norte.



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

EST. XLII



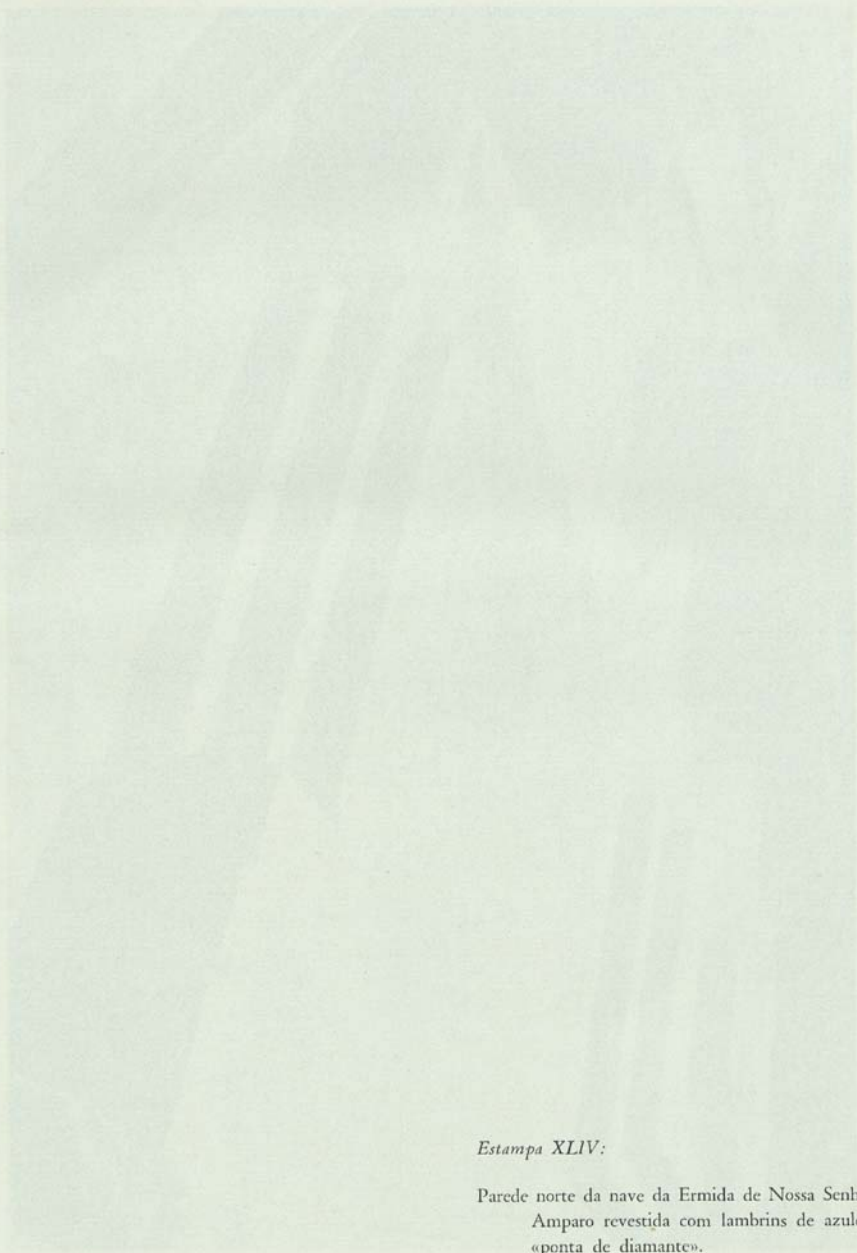
Estampa XLIII:

Pormenor da Ermida de Nossa Senhora do Amparo
— escadas de acesso da nave para a capela-mor.



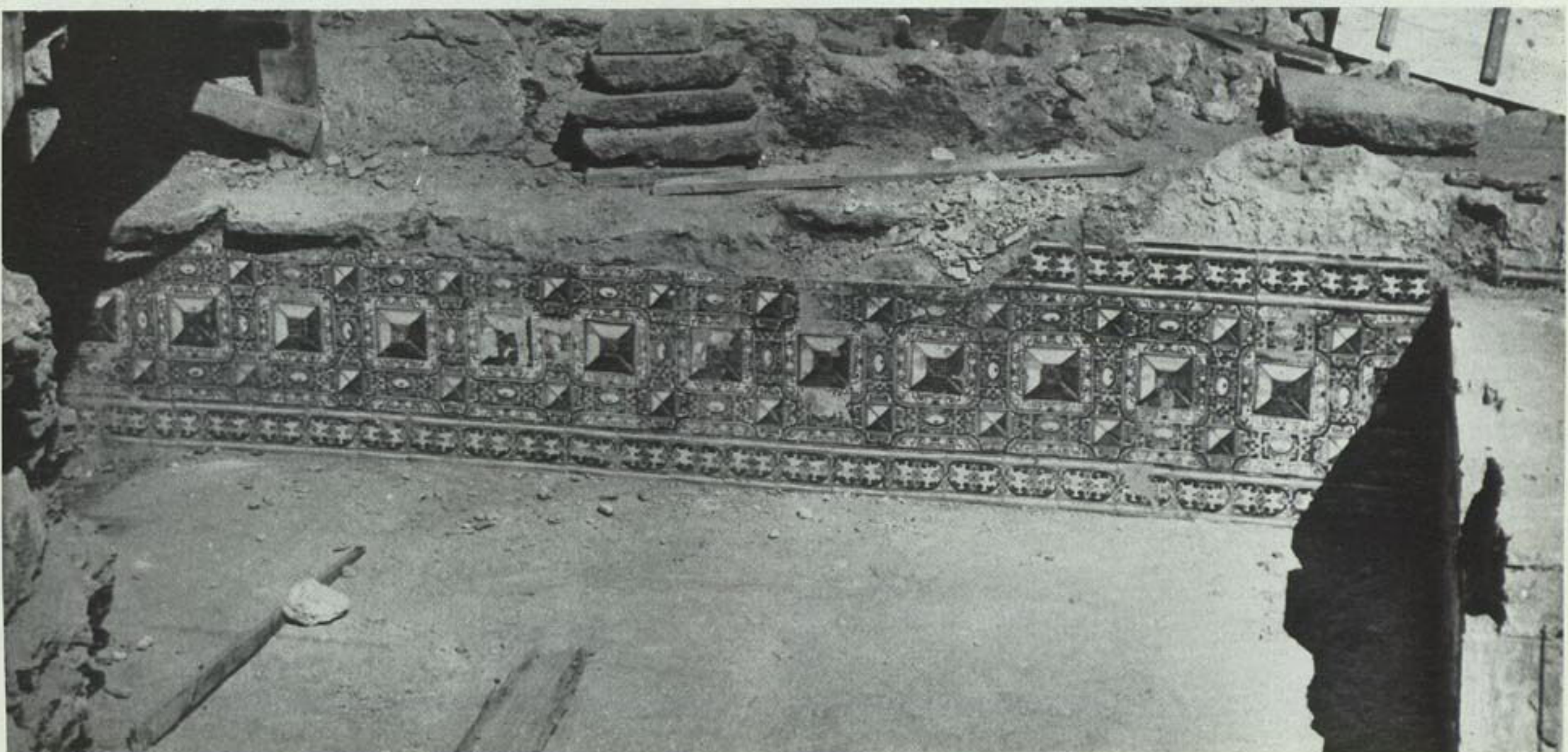
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

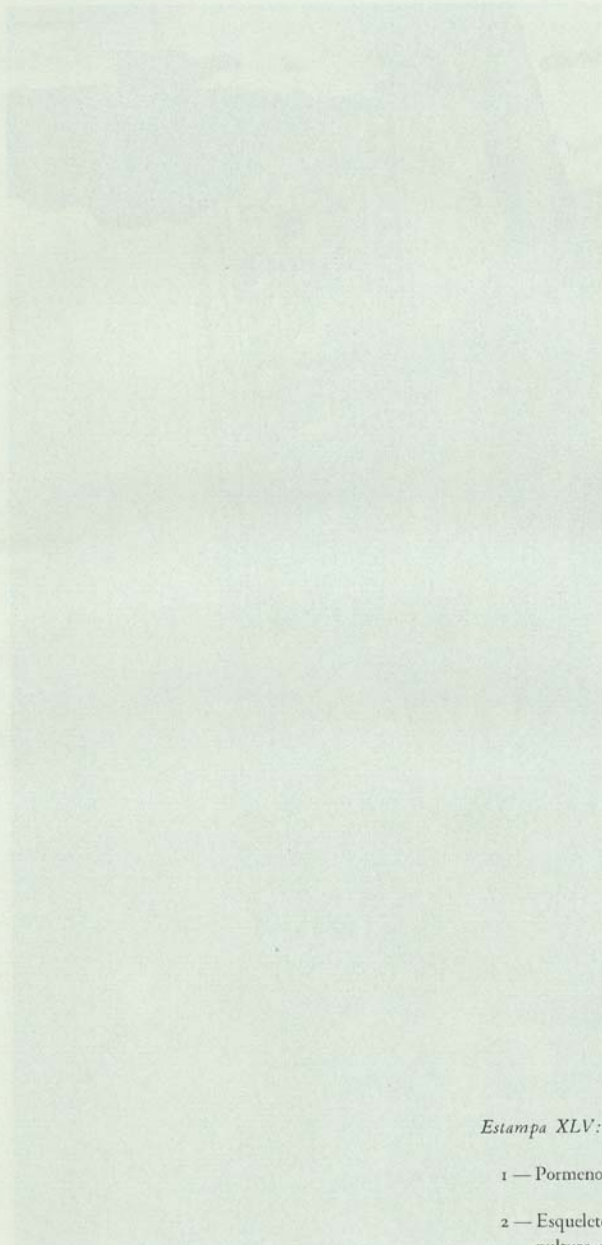
EST. XLIII



Estampa XLIV:

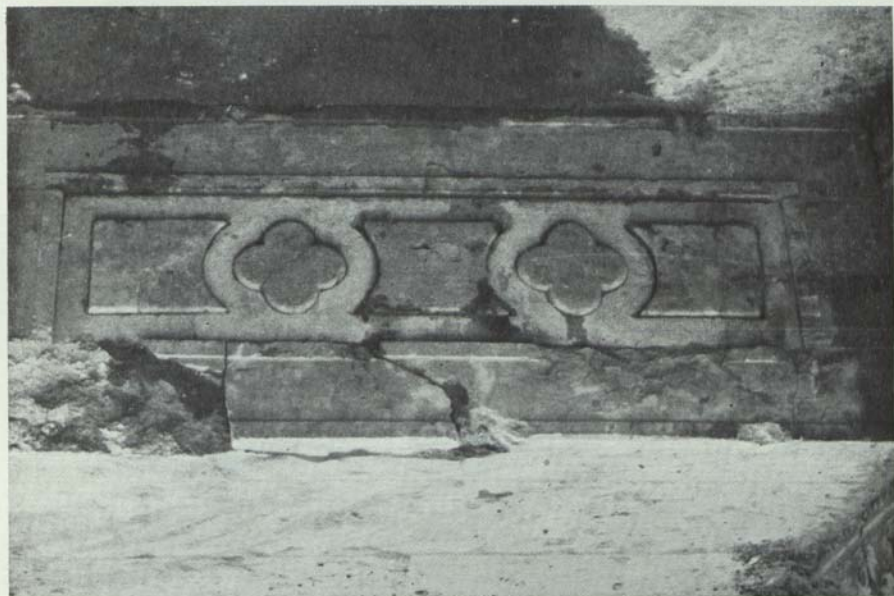
Parede norte da nave da Ermida de Nossa Senhora do Amparo revestida com lambrins de azulejos de «ponta de diamante».





Estampa XLV:

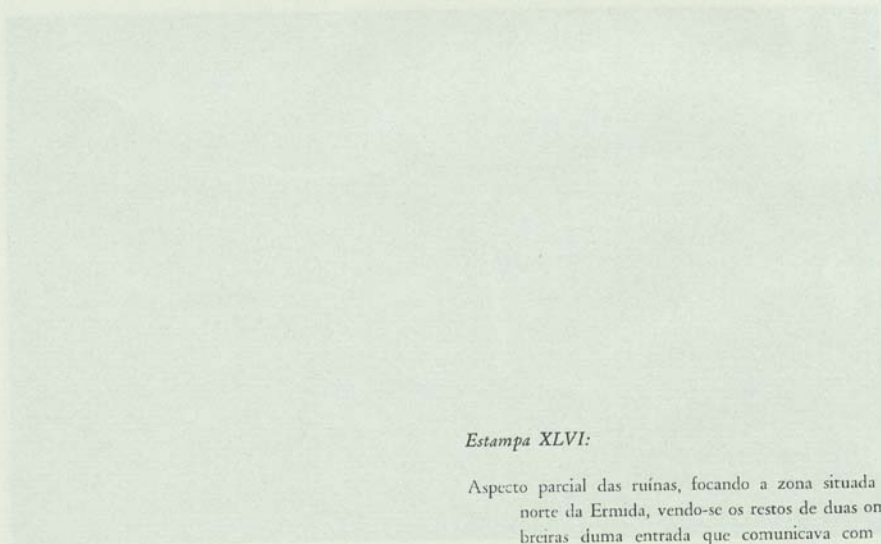
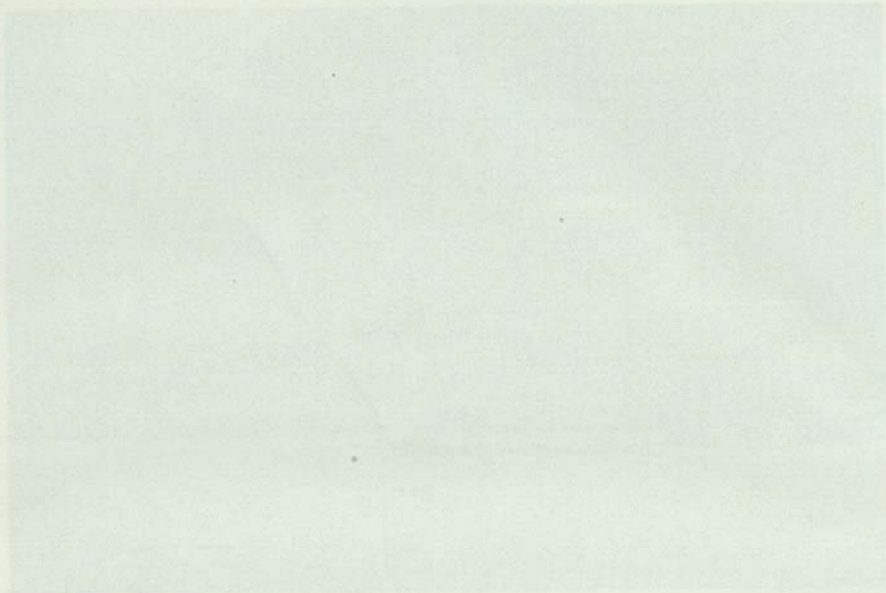
- 1 — Pormenores da *Estampa XLIII*.
- 2 — Esqueleto masculino que se encontrava na sepultura com inscrição aberta na nave da Ermida.



1



2



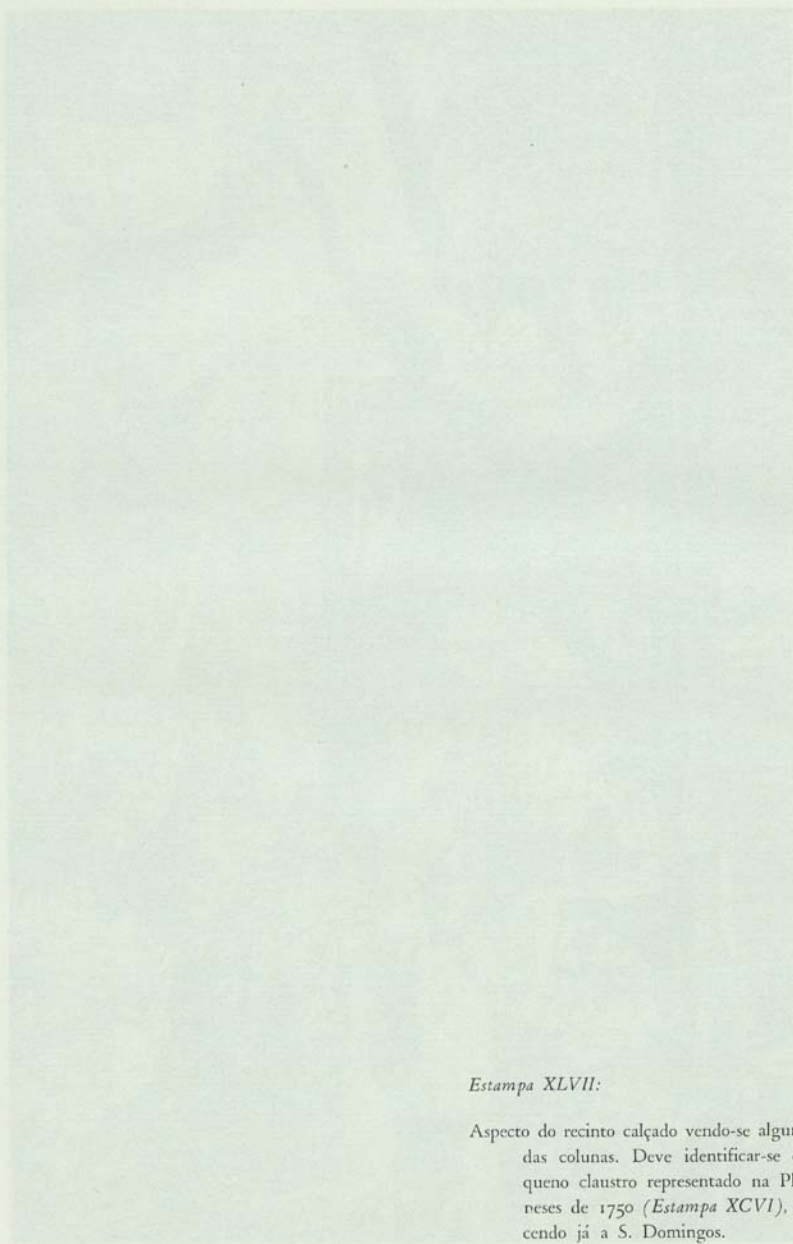
Estampa XLVI:

Aspecto parcial das ruínas, focando a zona situada a norte da Ermida, vendo-se os restos de duas ombreiras duma entrada que comunicava com o recinto calçado (parcela dum claustro).



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELEM

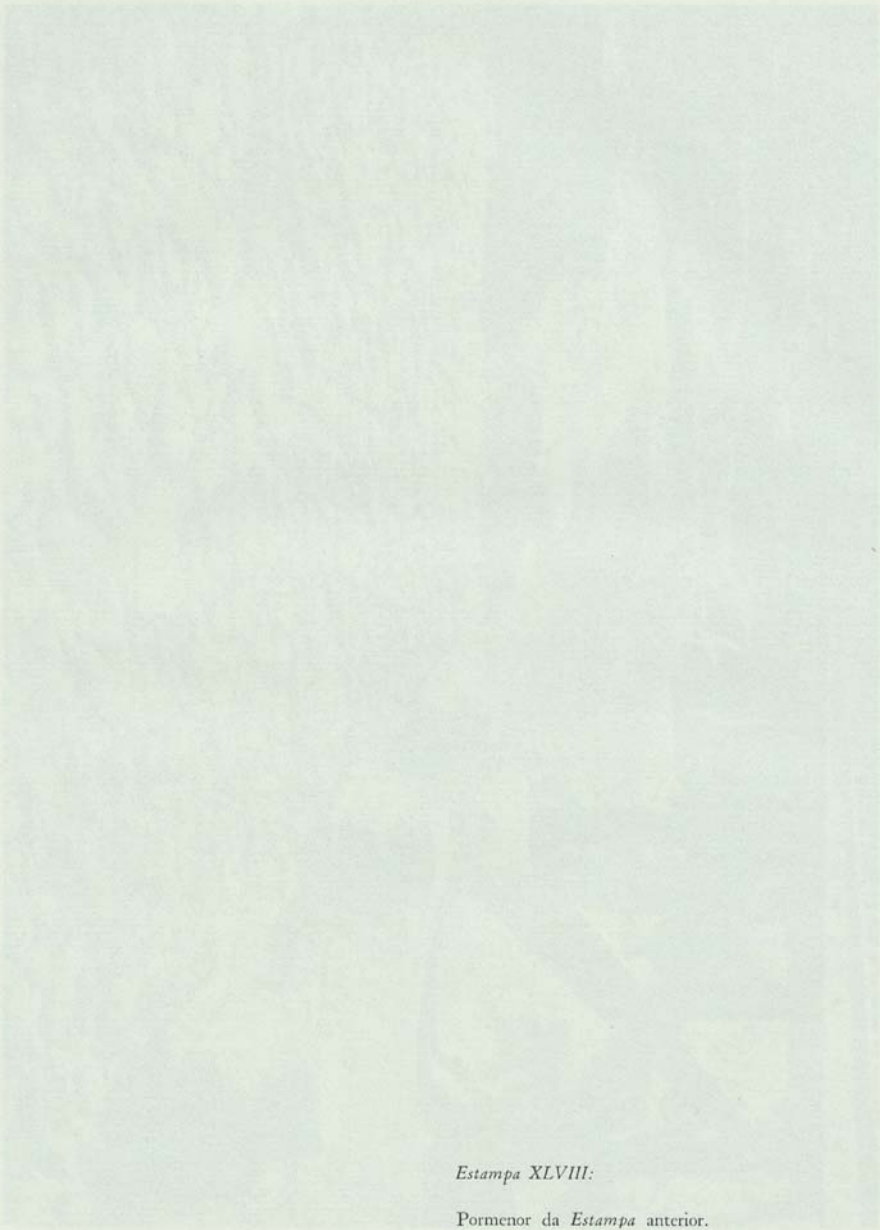
EST. XLVI



Estampa XLVII:

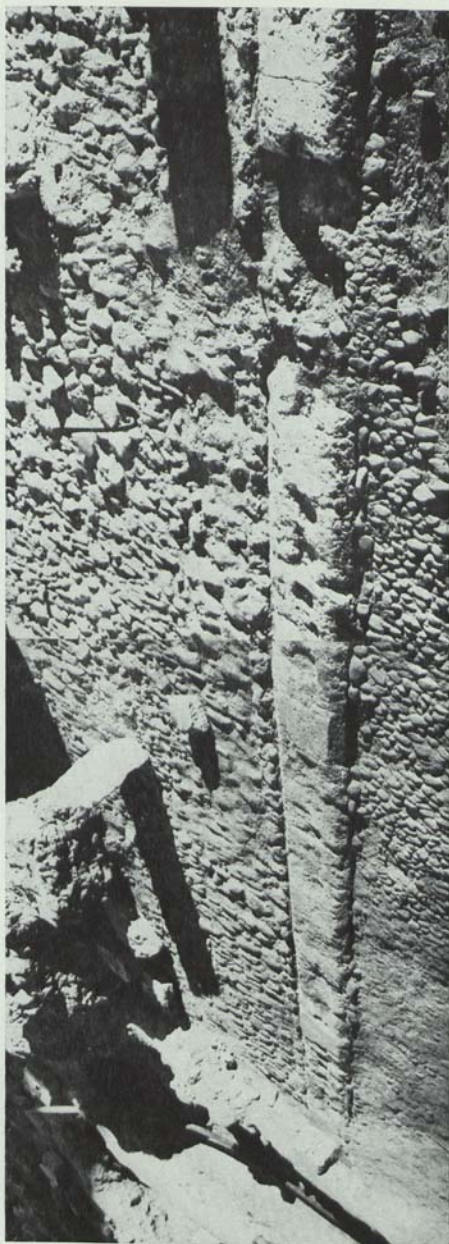
Aspecto do recinto calçado vendo-se algumas das bases das colunas. Deve identificar-se com um pequeno claustro representado na Planta de Meneses de 1750 (*Estampa XCVI*), como pertencendo já a S. Domingos.

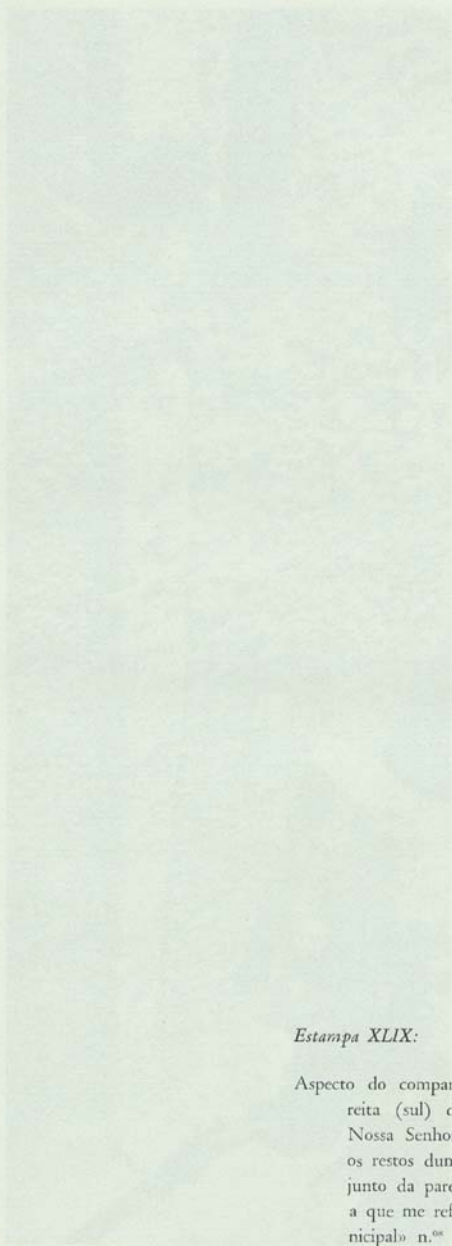




Estampa XLVIII:

Pormenor da *Estampa* anterior.

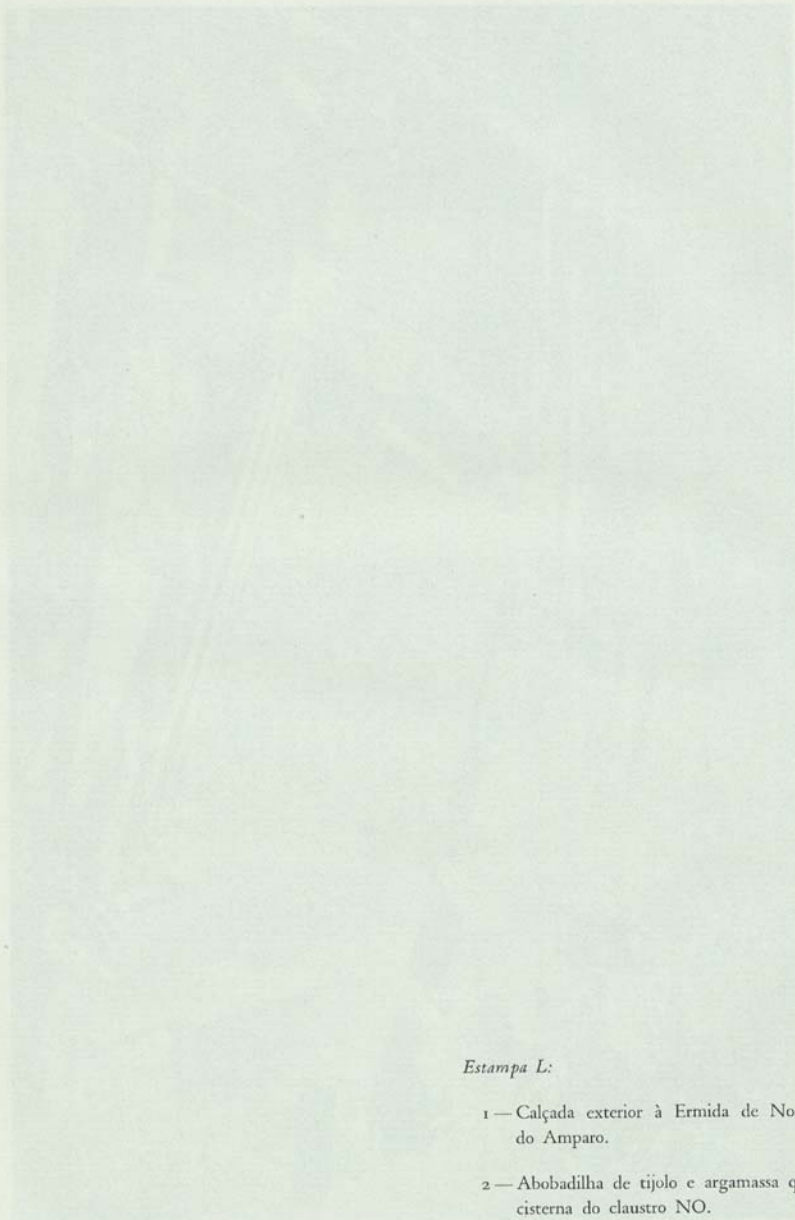




Estampa XLIX:

Aspecto do compartimento ladrilhado situado à direita (sul) da entrada lateral da Ermida de Nossa Senhora do Amparo. Notar, ao fundo, os restos dum altar (?) forrado de azulejos e, junto da parede poente, quatro bases de pedra a que me referi a páginas 92 da «Revista Municipal» n.º 101/102.



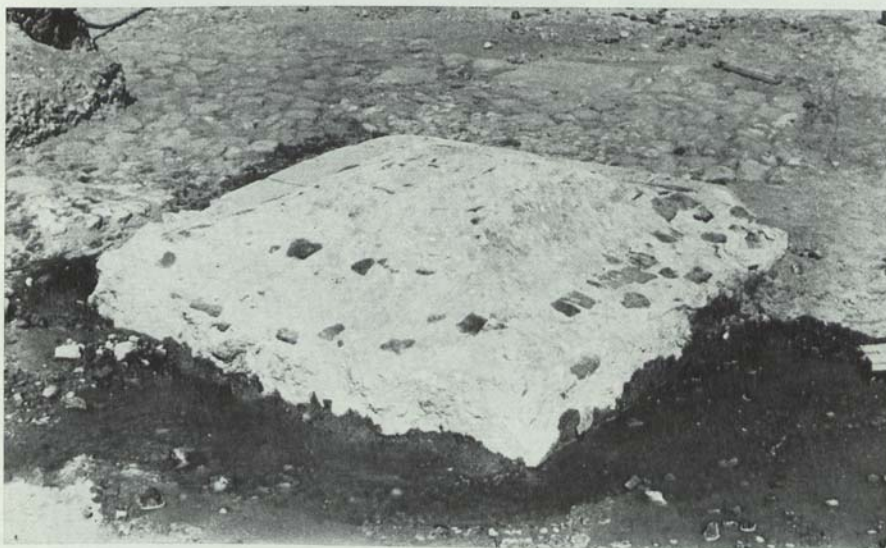


Estampa L:

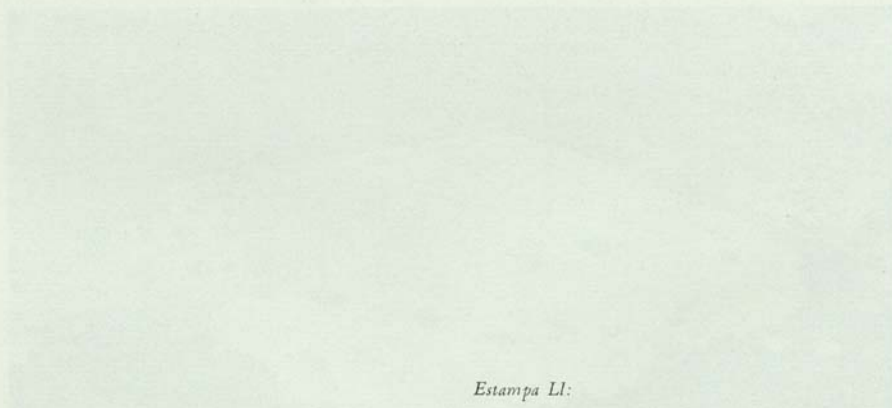
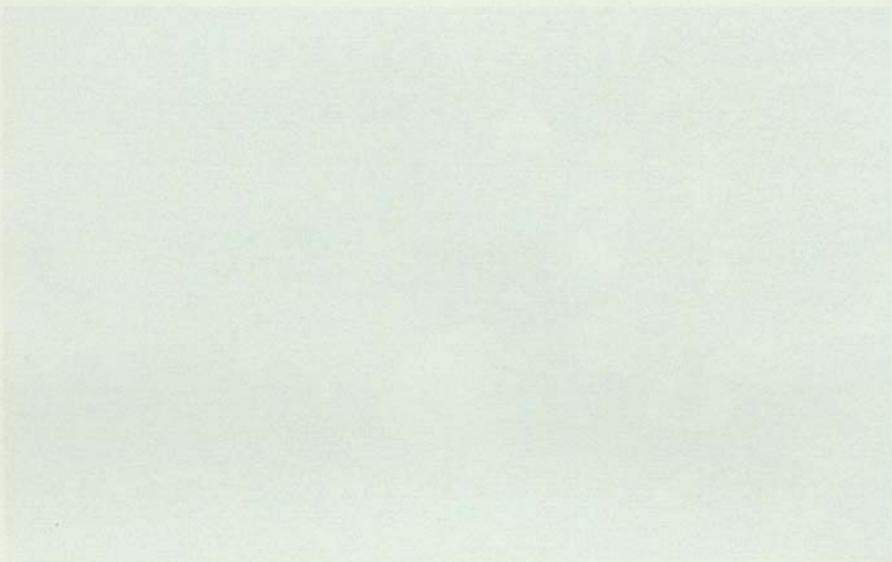
- 1 — Calçada exterior à Ermida de Nossa Senhora do Amparo.
- 2 — Abobadilha de tijolo e argamassa que cobria a cisterna do claustro NO.



1

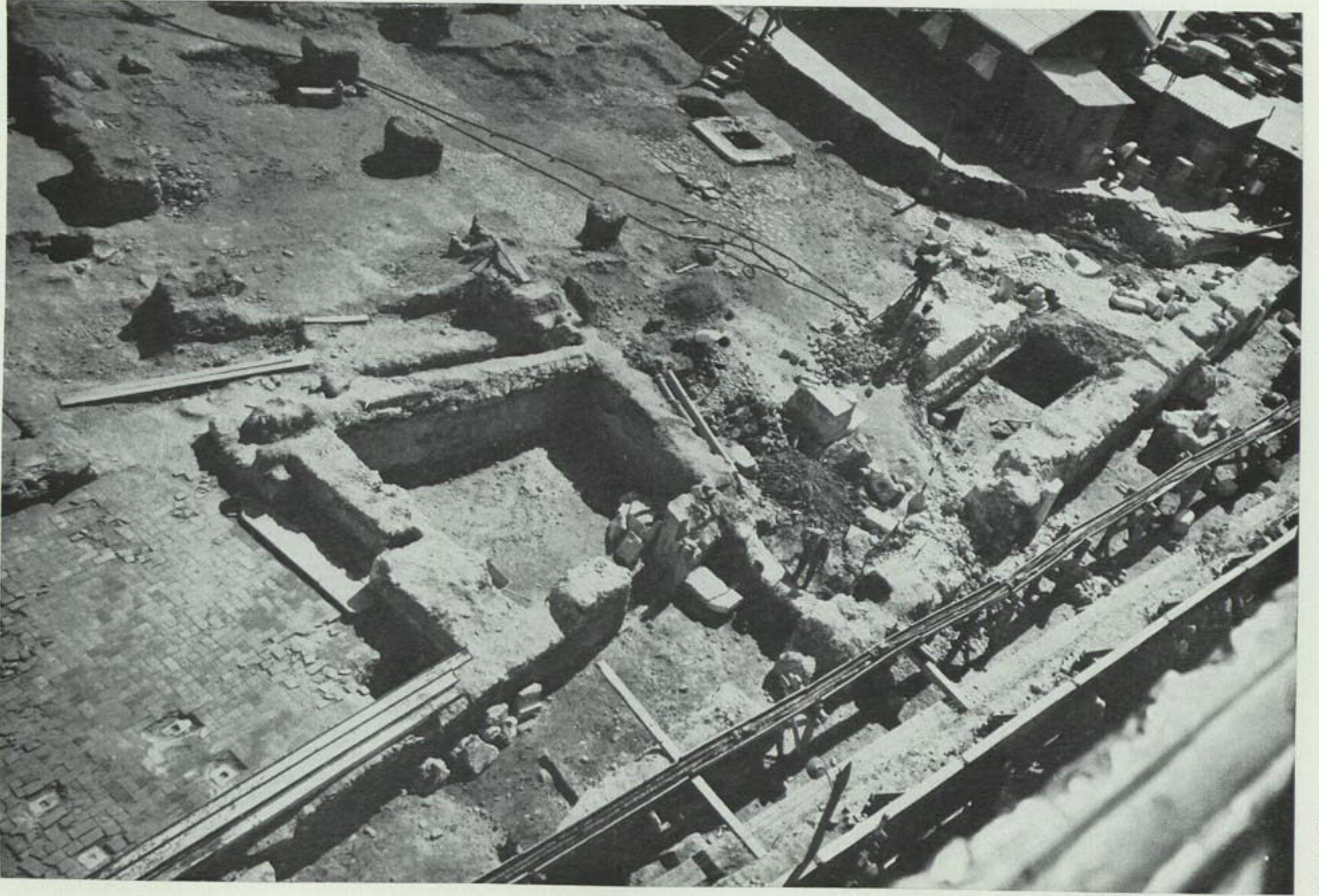


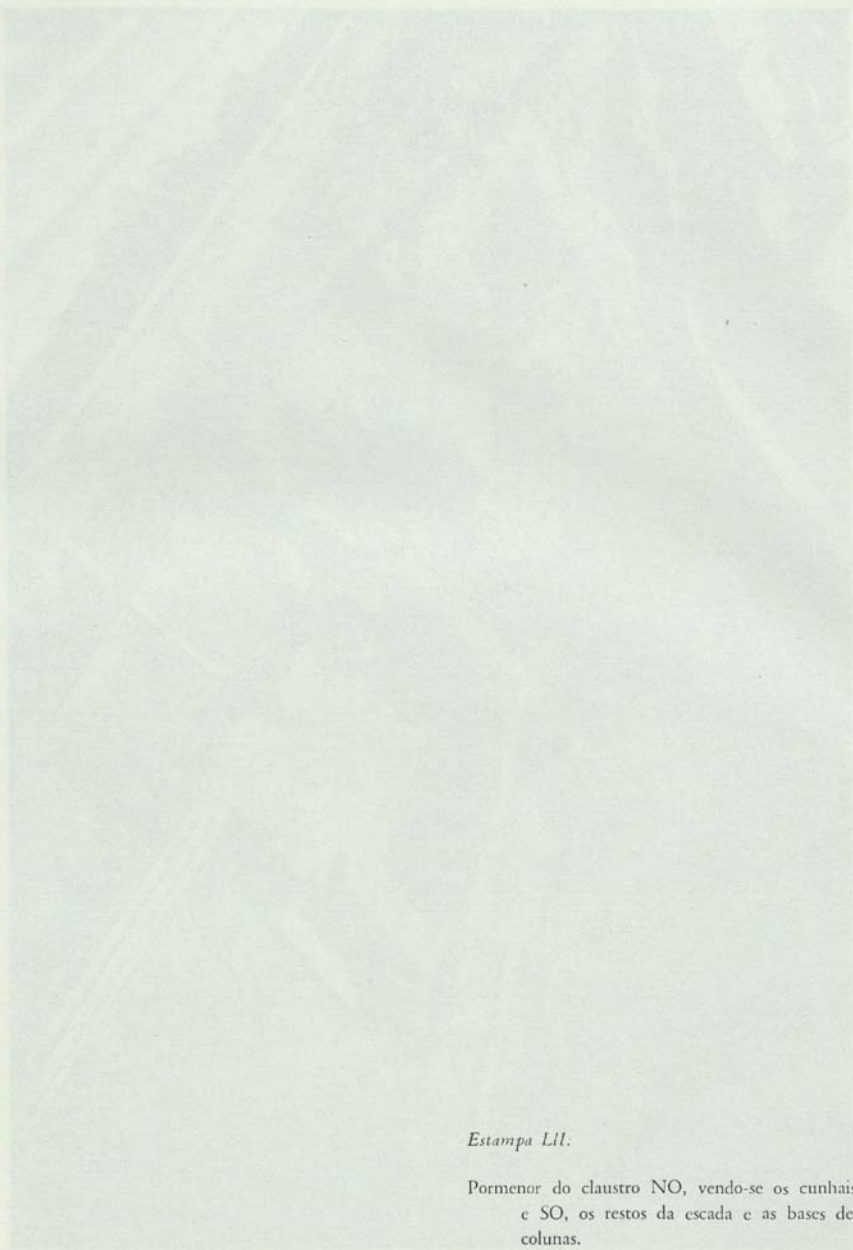
2



Estampa LI:

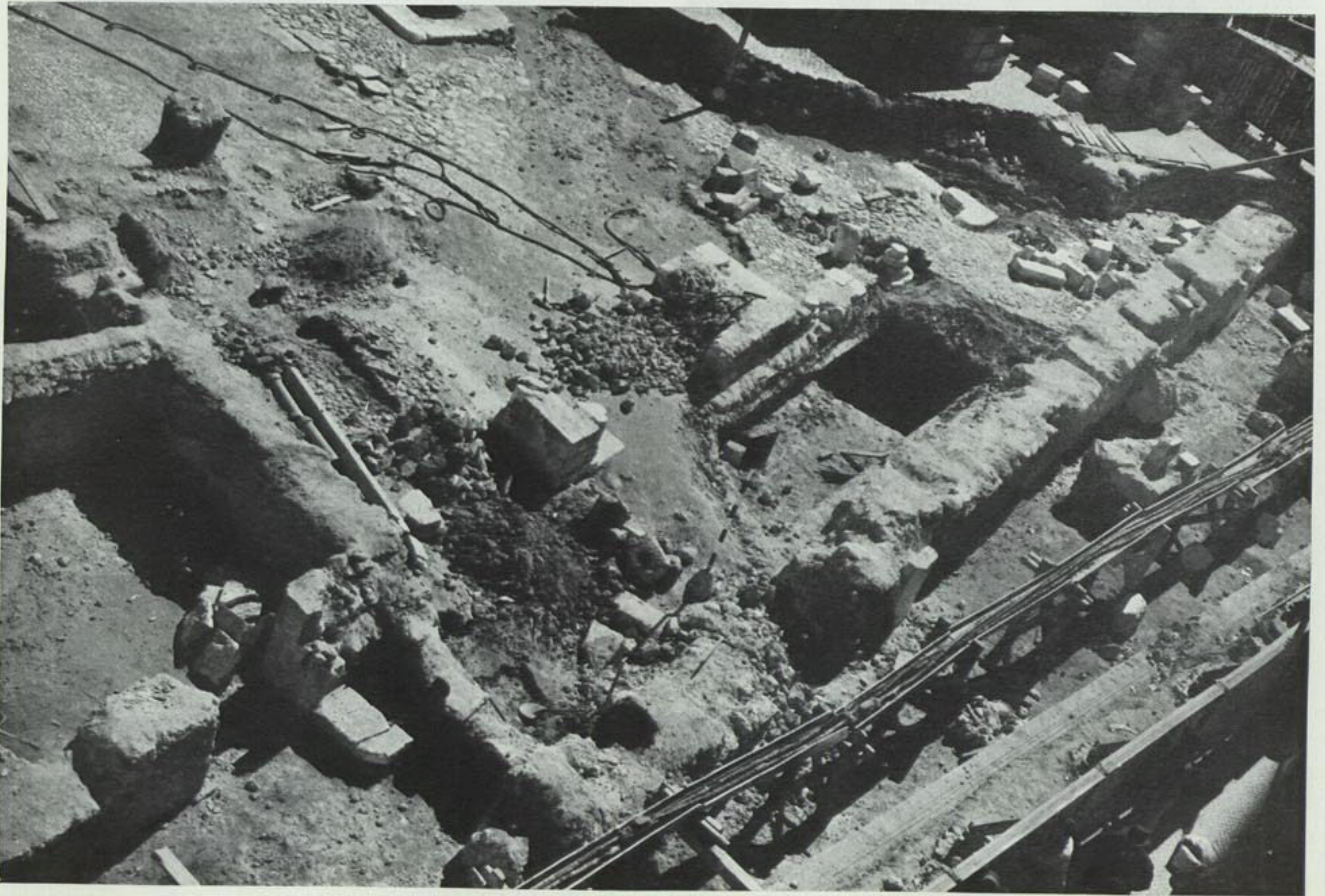
Aspecto parcial dos compartimentos da ala poente (troço norte) do Hospital, vendo-se, além dos compartimentos focados na *Estampa* anterior, o claustro NO, o corredor situado entre os compartimentos da frontaria do Hospital e a arcada e uma grande secção da parede mestra.



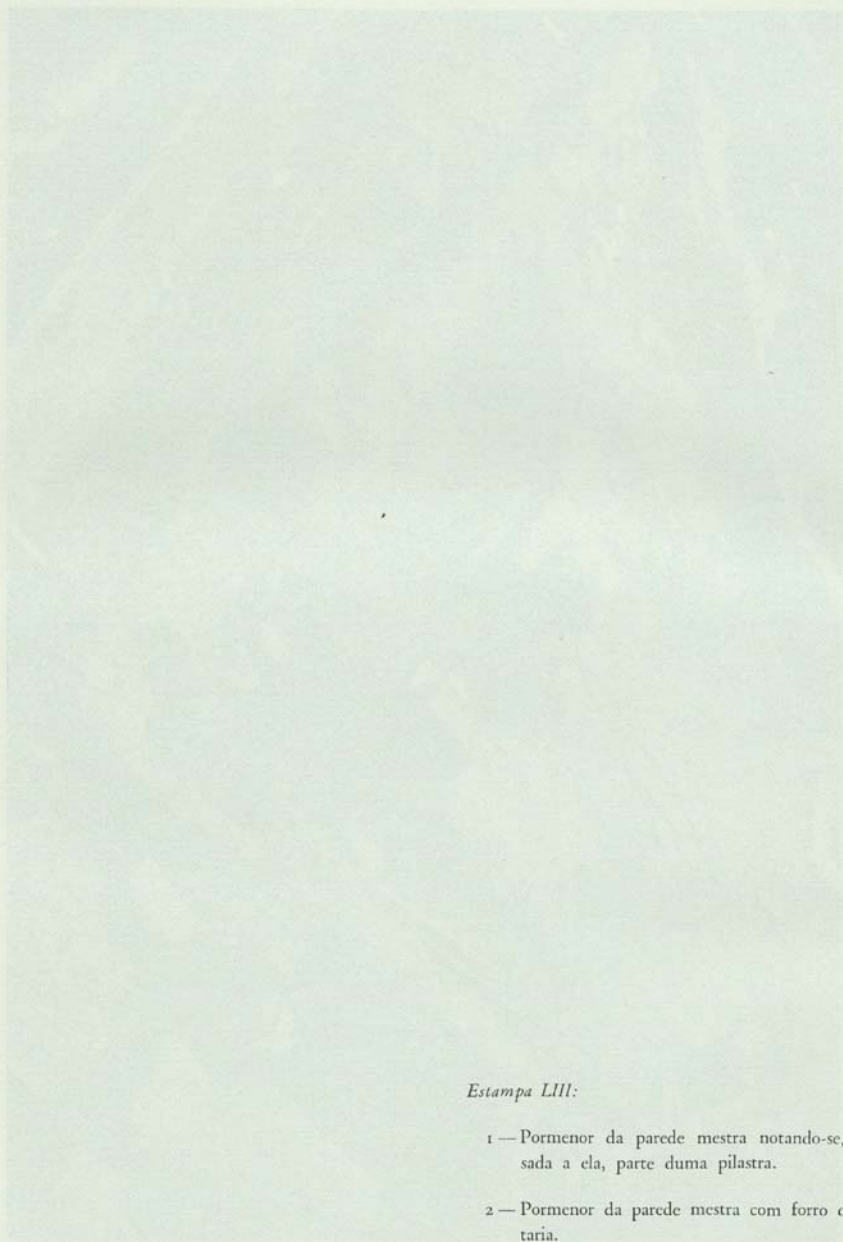


Estampa LII.

Pormenor do claustro NO, vendo-se os cunhais NO e SO, os restos da escada e as bases de duas colunas.



EST. LII



Estampa LIII:

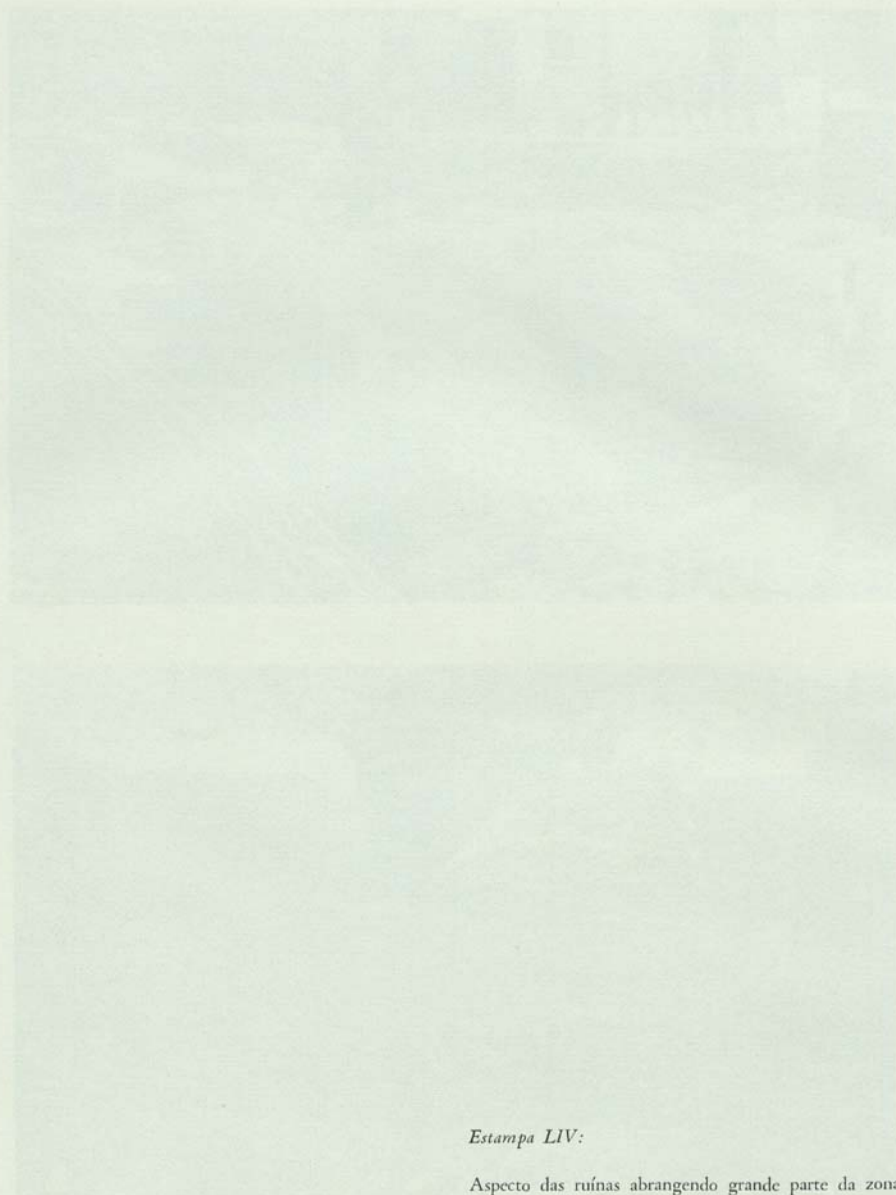
- 1 — Pormenor da parede mestra notando-se, adossada a ela, parte duma pilastra.
- 2 — Pormenor da parede mestra com forro de cantaria.



1



2



Estampa LIV:

Aspecto das ruínas abrangendo grande parte da zona escavada: Ermida e dependências; claustro NO e baixos da enfermaria de Santa Clara.



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

EST. LIV



Estampa LV:

Aspecto das ruínas, vendo-se, em pormenor, as dependências situadas nas traseiras da Ermida de Nossa Senhora do Amparo, interrompida, a certa altura, por uma cave da Praça da Figueira. Em primeiro plano, o átrio e a secção da conduta de água que lhe passava por baixo.





Estampa LVI:

Aspecto parcial das ruínas dos baixos da enfermaria de Santa Clara, vendo-se, em primeiro plano, o corredor ou passagem calçada entre os claustros NO e NE e as portas de acesso para os compartimentos que ficavam de um e outro lado.



EST. LVI



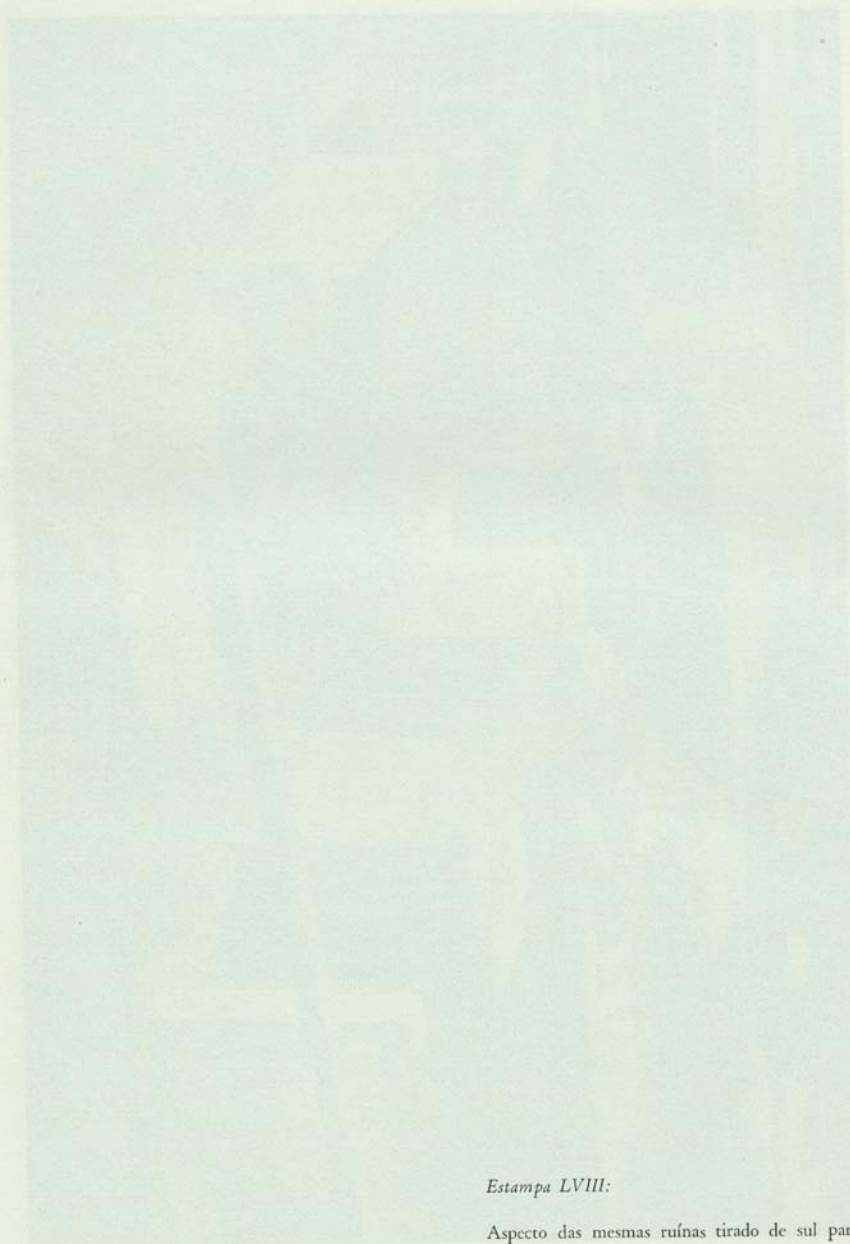
Estampa LVII:

Outro aspecto da mesma passagem.



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BÉTFM

EST. LVII



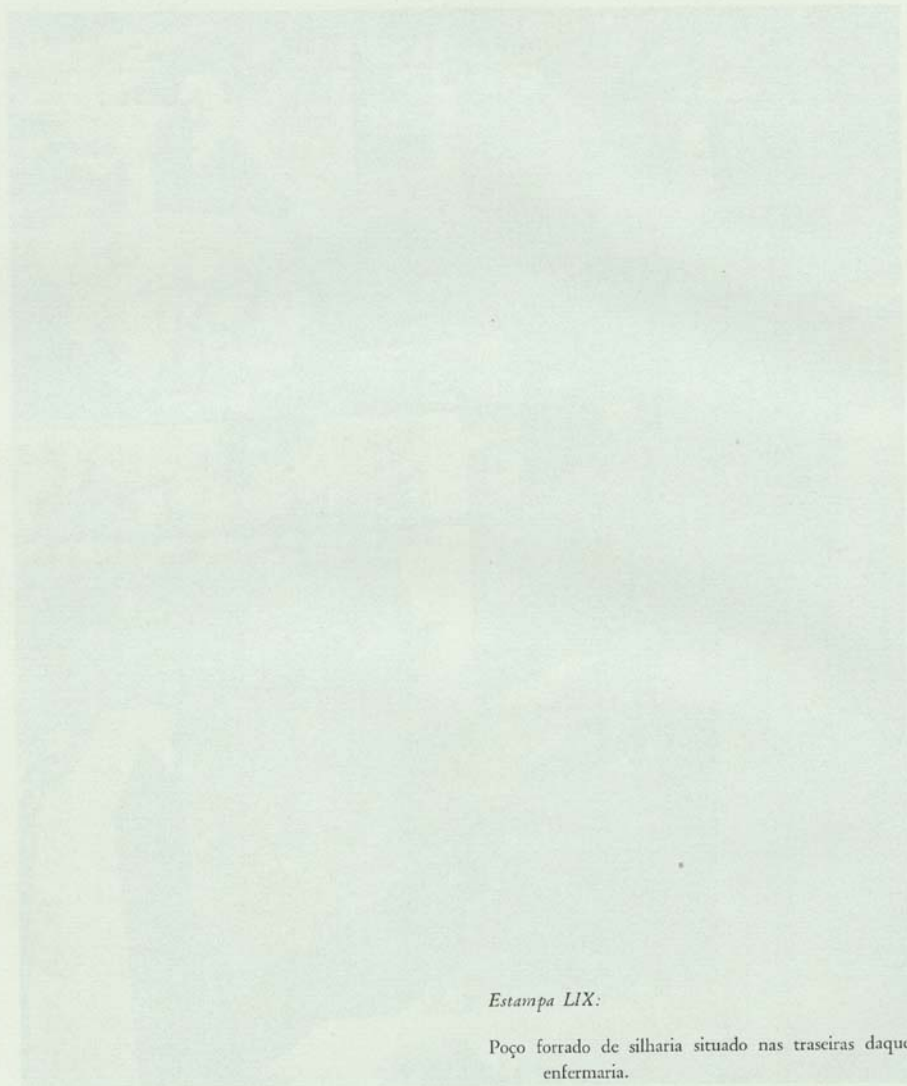
Estampa LVIII:

Aspecto das mesmas ruínas tirado de sul para norte.

EST. LVIII



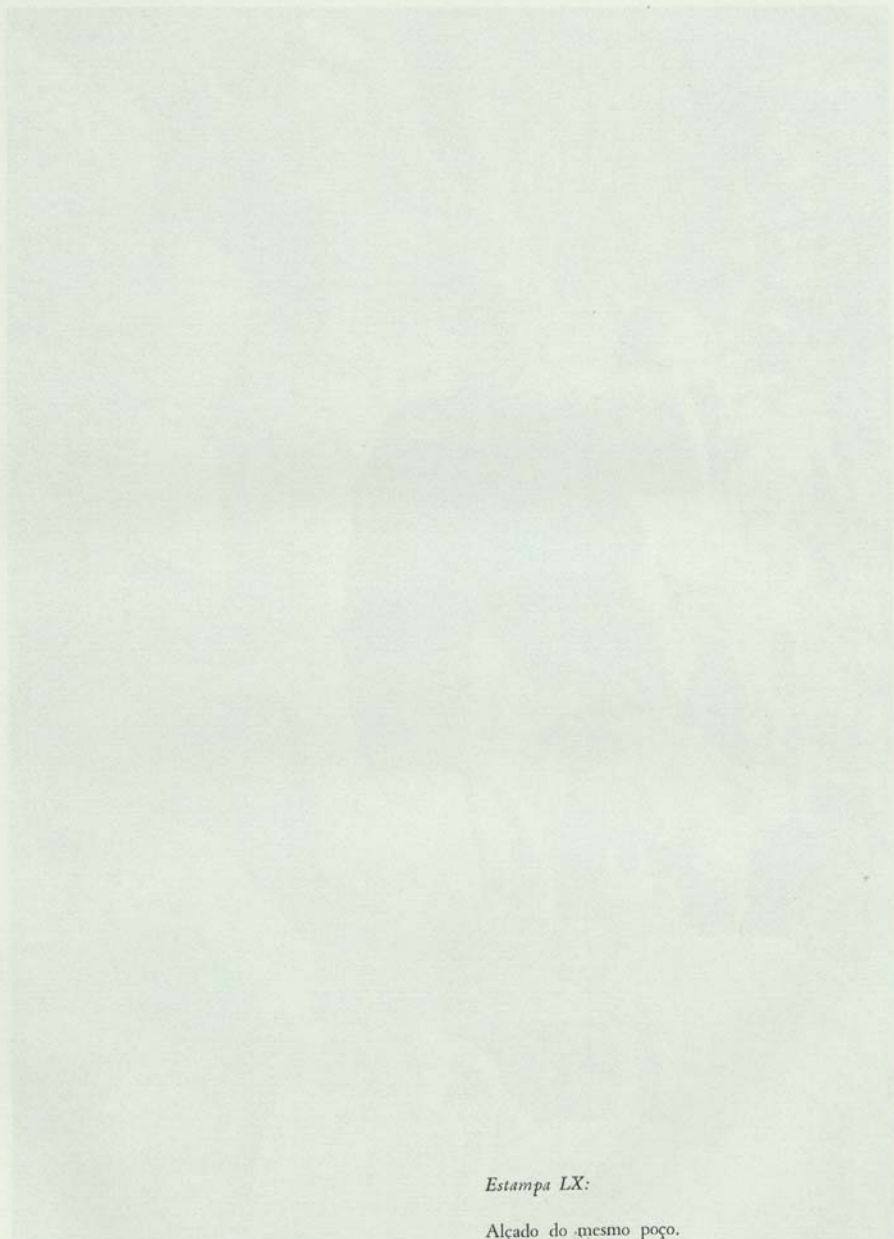
1971



Estampa LIX:

Poço forrado de silharia situado nas traseiras daquela enfermaria.

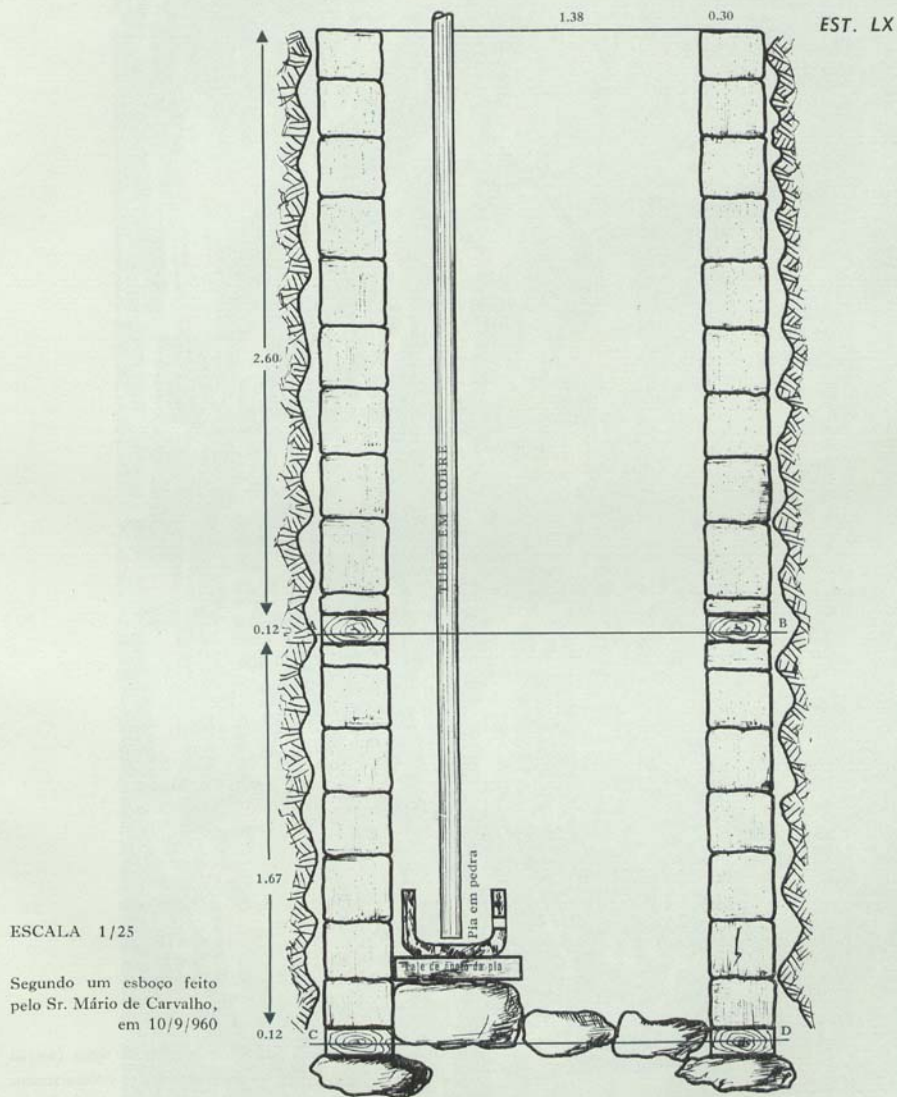




Estampa LX:

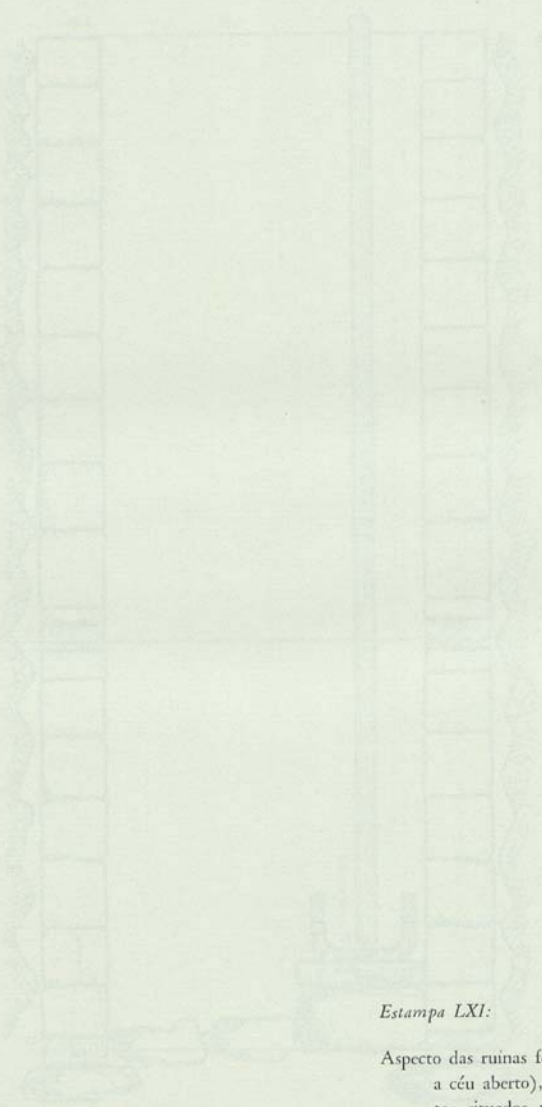
Alçado do mesmo poço.

POÇO EXISTENTE NA PRAÇA DA FIGUEIRA (CORTE LONGITUDINAL)



A - B e C - D — Quadros em madeira de pinho de formato poligonal

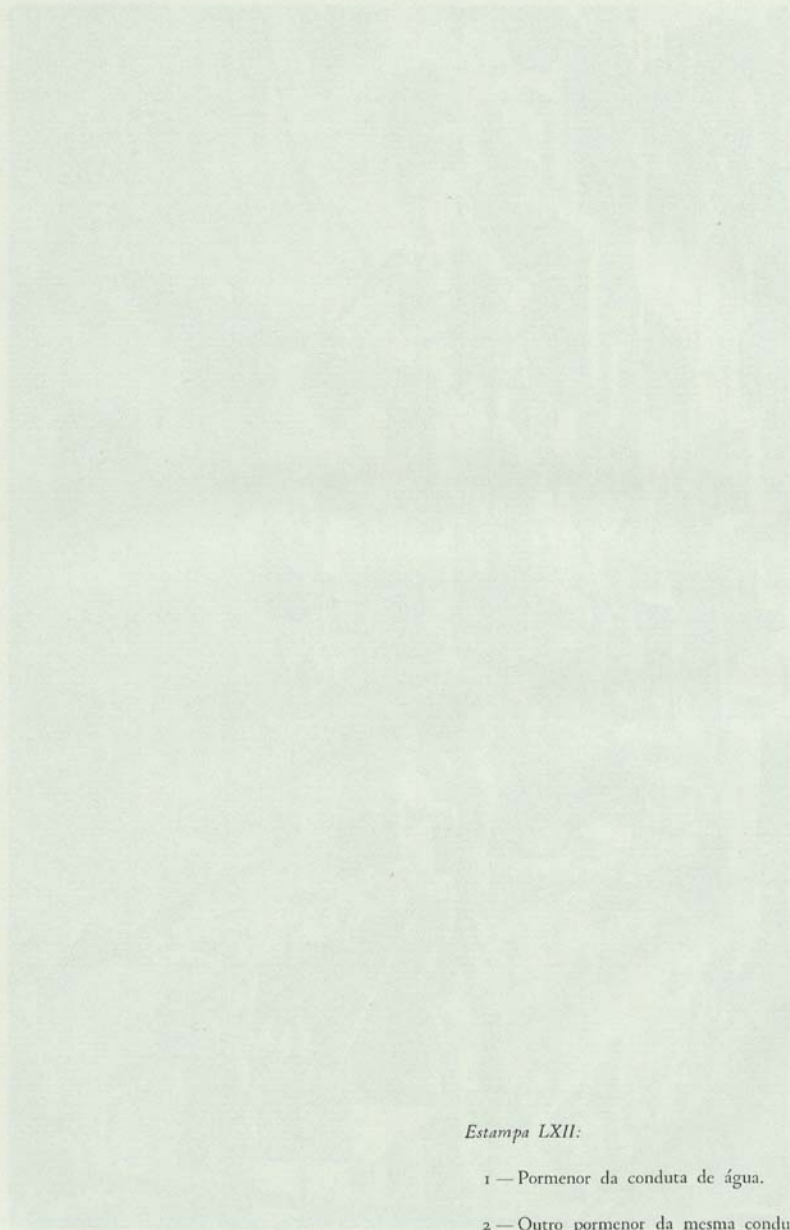
Fig. 11



Estampa LXI:

Aspecto das ruínas focando a conduta de água (secção a céu aberto), o aspecto geral dos compartimentos situados no ângulo NE, grande parte dos baixos da enfermaria de Santa Clara, etc.

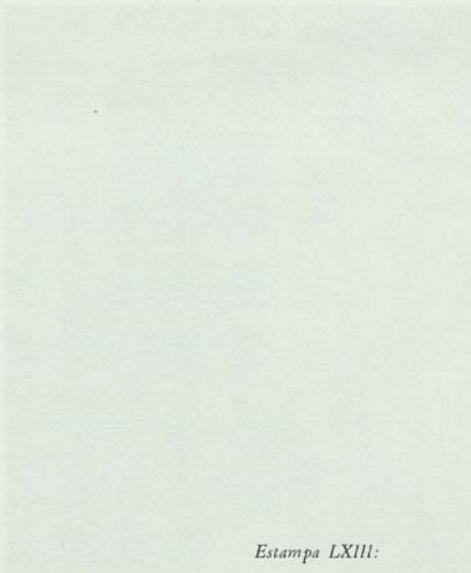
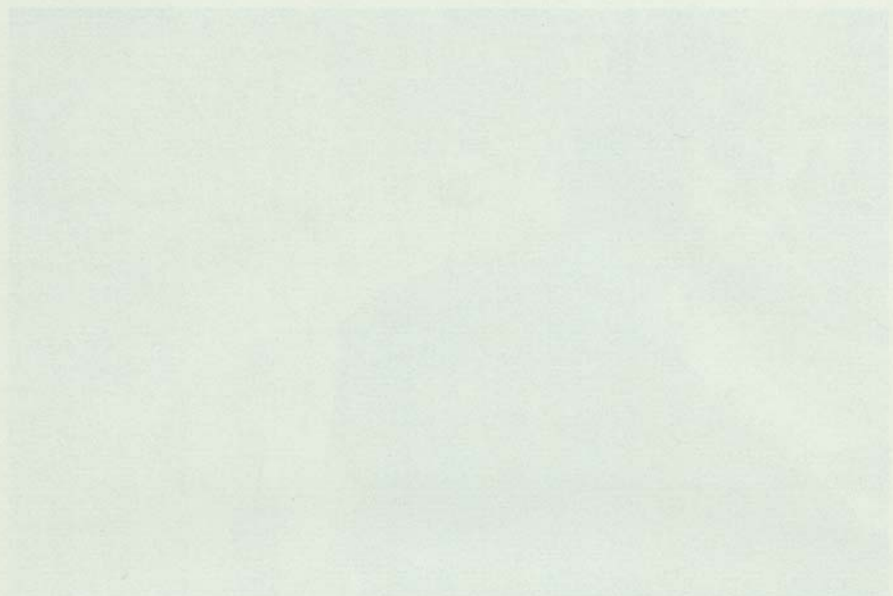




Estampa LXII:

- 1 — Pormenor da conduta de água.
- 2 — Outro pormenor da mesma conduta.

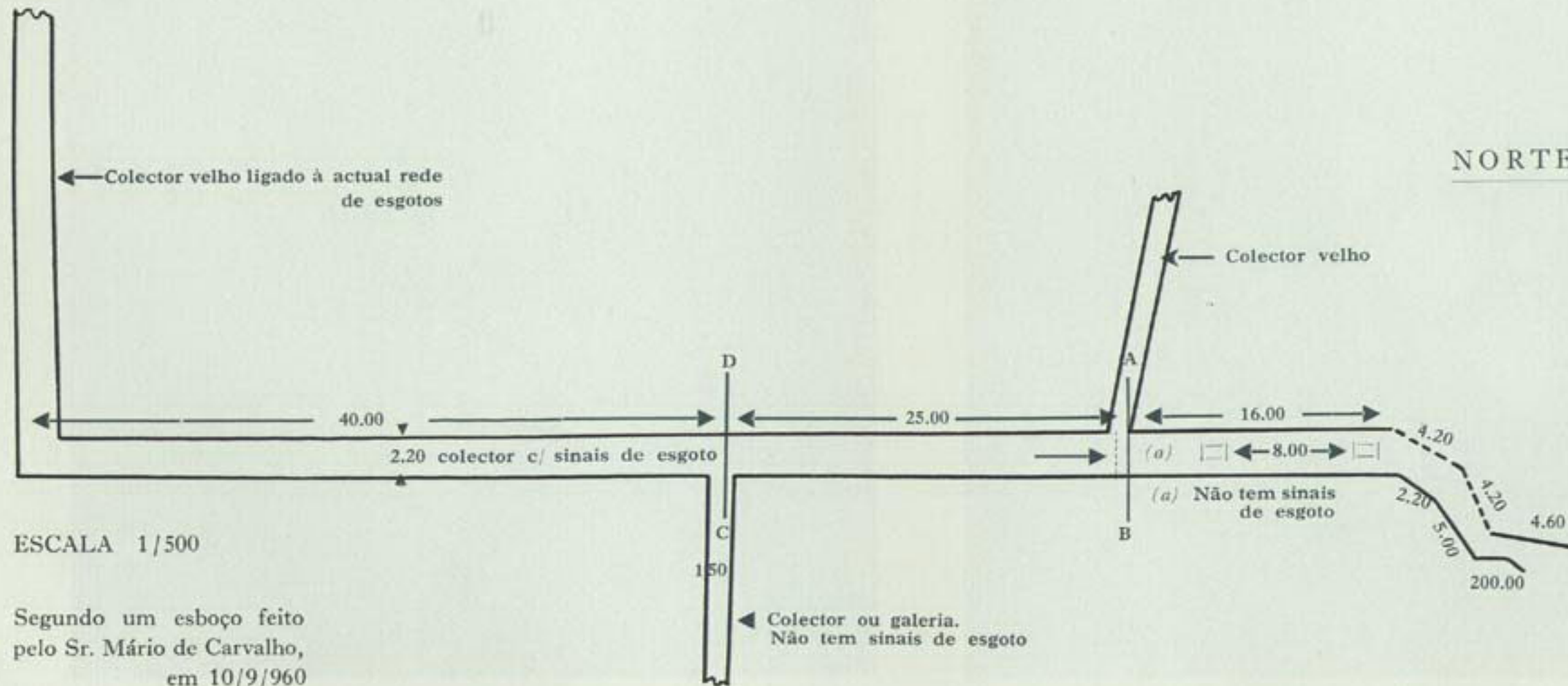
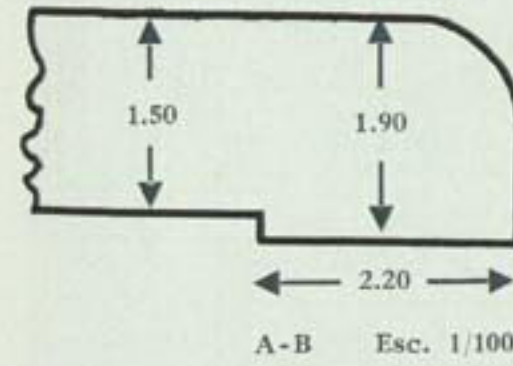
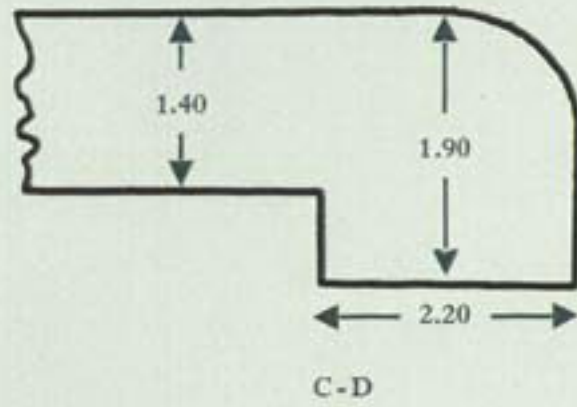


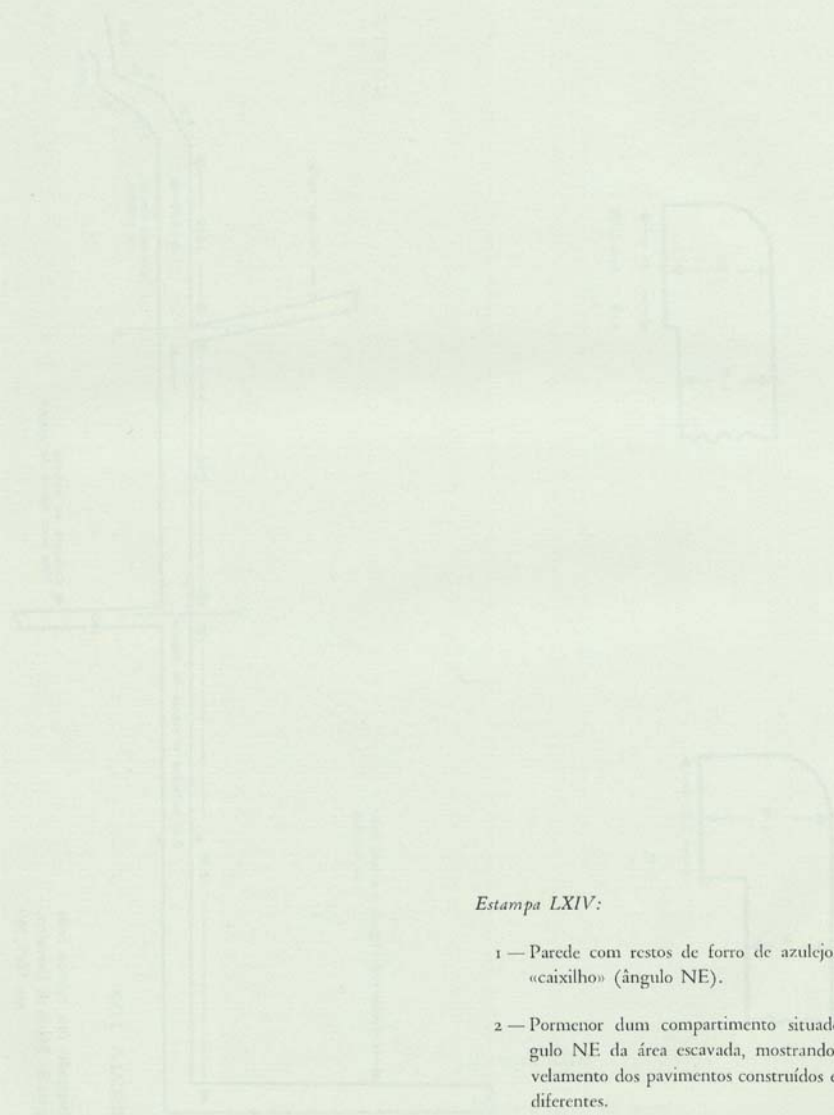


Estampa LXIII:

Planta e cortes da mesma.

CONDUTA DE ÁGUA SOB O HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS





Estampa LXIV:

- 1 — Parede com restos de forro de azulejos do tipo «caixilho» (ângulo NE).
- 2 — Pormenor dum compartimento situado no ângulo NE da área escavada, mostrando o desnivelamento dos pavimentos construídos em épocas diferentes.



1



2

ETERNIDADE DE BOCAGE

«JÁ BOCAGE NÃO SOU!» Assim começa um dos mais famosos sonetos do Poeta, considerado, se não o «último», pelo menos um dos últimos de Bocage, a par daquele outro que termina com o terceto:

*Deus, oh Deus!... Quando a morte à luz
[me roube,
ganhe um momento o que perderam anos,
saiba morrer o que viver não soube.*

Estes versos teriam sido escritos assim — ou ditados — nas agonias da morte, ocorrida há 160 anos, na manhã chuvosa e fria de 21 de Dezembro de 1805, nas vésperas de mais um Natal de Jesus, em que o Poeta veria

*... na palha, o Redentor chorando,
ao lado a Mãe, prostrados os pastores,
a milagrosa estrela os reis guiando...*

Apesar de jovem ainda (Elmano contava apenas 40 anos quando expirou), a doença afligia-o há muito. Uma dilatação nas carótidas, convertida em aneurisma formado sobre a artéria cervical do lado esquerdo, prostrara-o — diz um dos seus biógrafos — no «leito sem esperanças».

Talvez Manuel Maria, após mais uma visita médica, encontrasse inspiração para novos epigramas aos doutores e às suas receitas:

*Aqui jaz um homem rico
nesta rica sepultura:
escapava da moléstia,
se não morresse da cura.*

*Lavrrou chibante receita
um doutor com todo o esmero;
era para certa moça,
que ficou sã como um pero.
«Tão cedo! É milagre!»
a mãe (que de gosto chora).
— «Minha mãe, não é milagre,
deitei o remédio fora.»*

Parece que o Poeta nunca fora forte. Ele próprio se retratara: «magro... triste de facha, o mesmo de figura». Os anos passados na Índia não deviam ter contribuído para melhorar-lhe a saúde. A vida desregrada de Lisboa — e não só a atmosfera dos «cafés» e o abuso do tabaco — também não havia de ser propícia a aliviar-lhe o mal, embora alguns amigos dedicados lhe valessem. De facto, não se pode dizer que Bocage tivesse nesses derradeiros anos vivido desamparado. Mesmo nos dias de cárcere, «mãos providentes de piedoso amigo» transmitiam as suas epístolas aos grandes do reino. Transferido para o Mosteiro de S. Bento da Saúde, lembra-se no registo de transferência que se trata do «célebre Poeta» Manuel Maria Barbosa du Bocage, «bem conhecido nesta Corte pelos seus versos e não menos pela sua instrução». E é ali, friza o prof. Cidade, «entre os oratorianos, de tão grande prestígio como sacerdotes e como sábios, em tudo actualizados, que Bocage encontra as condições de tranquilidade, trabalho e moderação que vão encher de dignidade os seus últimos anos». Datam aliás dessa época, lembra Eloy do Amáral, «os seus mais esplêndidos versos».

Quanto a José Pedro da Silva, o José Pedro das Luminárias, o proprietário do Botequim das Parras, era o «Josino amável» que lhe vendia os improvisos.

O poeta fora viver, por fim, com sua sobrinha e sua irmã Maria Francisca, para o terceiro andar do n.º 11 (hoje 25) da Travessa de André Valente, ali à Calçada do Combro. A renda da casa — 21 600 réis — ia sendo paga graças a traduções e revisões de provas e ao auxílio de alguns bons companheiros. A morte dir-se-ia que tomara gosto por aquela casa. O próprio Bocage assinala numa nota que ali morreram um homem de mais de sessenta anos, uma das suas sobrinhas, de idade de cinco, e, por fim, uma moça de dezoito.

Entretanto, e apesar do mal-estar provocado pela enfermidade, acrescido pelas mil dificuldades de ordem material e moral, Bocage mantinha-se lúcido e continuava a improvisar. Os seus íntimos não se furtavam a trepar àquele íngreme terceiro andar aos Paulistas, recolhendo-lhe as lágrimas e os versos. Um deles seria o Morgado de Assentiz — Francisco de Paula Cardoso de Almeida — a quem o Poeta teria ditado, sabe Deus com que custo:

Já Bocage não sou . . .

Tem-se dito que este último soneto, espécie de testamento espiritual — em que Bocage faz o balanço da sua vida e lança à mocidade um «alto pregão», para que ela rasgue os seus versos e creia na eternidade — seria apócrifo, escrito por outros com a intenção de que se acreditasse no arrependimento final do Poeta.

Ocorre-me a propósito uma anedota atribuída a Bernard Shaw que, convidado a intervir no debate acerca da discutida autoria da «Ilíada» e da «Odisséia», teria declarado perentoriamente:

— Estudei o assunto a fundo e posso afirmar, por isso, que Homero nunca existiu! A «Ilíada» e a «Odisséia» foram escritas por um poeta que viveu por acaso na mesma época e que, por coincidência, se chamava também Homero...

É evidente que o célebre «derradeiro soneto» de Bocage, a não haver sido escrito por este, só poderia atribuir-se a quem tivesse idêntico talento. Ora não vemos, entre os seus contemporâneos, quem fosse capaz de cinzelar uma tal obra-prima de beleza formal, de concisão, de profundidade de conceitos, utilizando para mais palavras e expressões tão caras ao Poeta: «vida escura», «cova escura», «terra dura», «sorte dura», «sorte ímpia», «intento», «tormento» e outros termos similares.

Aliás, mesmo que se provasse não ser este soneto da autoria de Bocage, ficariam a atestar o drama íntimo dos seus últimos anos muitos outros versos em que o Poeta alude à sua existência falaz, à lida insana do tropel de paixões em que evaporara o ser, aos erros que cometera e que chorava, embora, no fundo da sua alma, continuasse a ter a certeza de que lhe ficava a

glória, de que lhe ficava a virtude e de que os zoilos haveriam de tremer porque, para além do horizonte limitado daquela pobre mansarda da Travessa de André Valente, era sua a posteridade!

★

Os homens, ao que parece, nunca tiveram um respeito por aí além pelos valores morais e espirituais, no fim de contas os únicos que contribuem para a sua dignificação e para a sua sobrevivência terrena. Talvez por isso e num rebate de consciência, resolveram um dia criar as comemorações das datas célebres: de um nascimento ou de uma morte, de uma batalha ou de uma descoberta. Assim nasceram os centenários.

A esta iniciativa, que nos não pertence, logo aderimos, nós os portugueses, de alma e coração. Um centenário é uma coisa que não ocorre, normalmente, senão de cem em cem anos . . . Festeja-se com foguetes e discursos e, se for possível, com uma estátua. E, depois, durante mais um século, lavadas as mãos como as de Pilatos, não se fala mais no assunto: o herói, o escritor, o sábio ou o artista foram-se pelo chão abaixo como por alçapão de mágica.

Criada a instituição dos centenários, nunca mais faltou, nos últimos meses de cada ano, quem generosamente, na melhor das intenções, consultasse arquivos, manuseasse enciclopédias à cata das figuras a evocar e a celebrar a partir do Janeiro seguinte. O prof. Vitorino Nemésio, no prefácio de uma edição comemorativa do centenário de Cesário Verde (publicada, aliás, com dez anos de atraso) escreve precisamente: «Como os jornais e os curiosos organizam tabuinhas de efemérides, não há remédio senão ir gozando com essas simetrias dos livros de nascimento e de óbito que têm mais de cem anos de lombada».

Assim se tem feito entre nós e, é justo reconhecer-lhe, com razoável brilho. Diga-se, entre parêntesis, que algumas personagens «centenariadas» não morrem por completo durante os noventa e nove anos imediatos, como sucede aos cometas de aparição periódica. É o caso, por exemplo, entre nós, de Luís de Camões cuja estátua, por iniciativa da ilustre Câmara Municipal de Lisboa, se emoldura de flores pontualissimamente todos os 10 de Junho. Entretanto, os jo-



MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE
(1765 — 1805)

Pintura sobre tela por
HENRIQUE JOSE DA SILVA

Da Col. do Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Manuel de Lancaster Bobone

vens das escolas são ensinadas não a amar o Poeta, no oiro e no cristal das suas oitavas, dos seus sonetos e das suas redondilhas, mas a detestá-lo, só porque determinado «que» é uma conjunção integrante quando podia muito bem contentar-se com ser um modestíssimo pronome relativo . . . Por isso eles lamentam talvez, como disse um dia Agripino Grieco, que o épico, por ocasião do seu naufrágio, não tivesse salvo antes a Dinamene deixando ir para o fundo a epopeia . . .

Já agora, não quero perder a oportunidade de lembrar aos colecionadores de centenários — e para falar apenas em poetas, e em poetas portugueses — que o de António Nobre ocorrerá em 1967, o de Eugénio de Castro em 1969, o de Fausto Guedes Teixeira em 1971 . . . Quanto a Afonso Lopes Vieira e a Teixeira de Pascoais, terão pouca sorte, pois celebram ambos o seu primeiro centenário em 1978. Centenário geminado, como o deste ano aliás, em que Bocage e Gil Vicente, cruzando no tempo as suas órbitas de glória, repartiram as comemorações, os discursos e os actos inaugurais . . .

Assinale-se, a propósito, que a malícia, o pendor para a crítica, o espírito satírico, certa falta de papas na língua aparentam estranhamente, a três séculos de distância um do outro, dando-lhes acentuado ar de família, estes dois grandes vultos da nossa história literária.

É chegada também a altura de os «centenaristas» começarem a pensar a sério no novo centenário de Camões, em 1980, nomeando-se uma comissão de honra e solicitando-se desde já uma conferência ao prof. Hernâni Cidade, uma estátua ao escultor Martins Correia e os desenhos para uma emissão filatélica à pintora Estrela Faria . . .

Oxalá essas comemorações não venham a ser seriamente prejudicadas no seu fausto pela circunstância de as verbas disponíveis deverem ser absorvidas pelo relato directo e integral do primeiro desafio de futebol transmitido da Lua, entre selenitas e um misto russo-americano . . .

Entretanto, por mim, muito particularmente, não posso deixar de estar gratíssimo ao criador desta instituição internacional dos centenários — de que mais tarde ou mais cedo se comemorará também o centenário . . . —, pois permite-me o raro privilégio de falar, nesta luzida sessão, pe-

rante tão selecta assistência, sobre uma das mais altas figuras da nossa Poesia, o nosso primeiro poeta popular depois de Camões, na definição exacta de Alexandre Herculano.

★

Foi em Setúbal, na Rua de Bartissol, que Manuel Maria Barbosa du Bocage — donde, o anagrama arcádico de Elmano Sadino (Elmano, derivado de Manuel com o) — nasceu em 15 de Setembro de 1765. É esse facto, ocorrido há dois séculos, que Portugal vem celebrando em comemorações a que hoje se associa a cidade de Lisboa, por iniciativa da ilustre Presidência do Município.

É curioso registar, a propósito, que tal como Bocage a grande maioria dos poetas portugueses não nasceu em Lisboa. Se é certo que a capital reparte com Coimbra (pelo menos) a glória de ter sido berço de Camões; se parece fora de dúvida que aqui nasceram também D. Dinis e António Ferreira, D. Francisco Manuel de Melo e Tolentino, Castilho e Cesário Verde, Alcipe e Branca de Gonta, Carlos Queirós e Fernando Pessoa — cuidado, que cito praticamente ao acaso, sem qualquer ordem preconcebida, nem sequer a cronológica . . . —, não é menos verdade que um roteiro assinalando as terras de origem dos nossos principais poetas abrangeria por assim dizer toda a pátria portuguesa, numa afirmação eloquente, e aliás desnecessária, de que Portugal inteiro, de lés-a-lés, foi sempre pátria da Poesia. Senão vejamos, e novamente ao acaso, quase ao sabor da memória, e com ressalva das inevitáveis mas involuntárias omissões: Garcia de Resende nasceu em Évora, Bernardim na Vila do Torrão, no Alentejo, Cristóvão Falcão em Portalegre, Sá de Miranda em Coimbra, Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz em Ponte da Barca. Gil Vicente viu a luz em Guimarães, Rodrigues Lobo em Leiria ou nas proximidades, o abade Jazente em Reguengos de Amarante. Tomás António Gonzaga no Porto, onde também nasceu Garrett, João de Lemos na Régua, Tomás Ribeiro em Parada de Gonta, Antero em Ponta Delgada, João de Deus em S. Bartolomeu de Messines. António Nobre veio ao mundo no

Porto, «pela lua nova, nasceu um menino» — Gonçalves Crespo no Rio (atenção: centenário da morte em 1983!), Junqueiro em Freixo-de-Espada-à-Cinta, Eugénio de Castro em Coimbra, Augusto Gil em Lordelo do Ouro, Fausto Guedes Teixeira em Lamego, João de Barros na Figueira, José Duro em Portalegre, Feijó em Ponte de Lima, Jaime Cortezão em Ançã. Corrêa d'Oliveira teve o seu berço em S. Pedro do Sul, Mário Beirão em Beja, Sardinha em Monforte do Alentejo, Pascoais em Amarante, Lopes Vieira em Leiria, Júlio Dantas em Lagos, Florbela em Vila Viçosa, António Botto em Alvega, Cândido Guerreiro em Alte, Silva Tavares em Estremoz, Campos de Figueiredo em Cernache. E, já agora, voltando os olhos aos vivos, recordemos por exemplo que José Régio nasceu em Vila do Conde, Vitorino Nemésio em Praia da Vitória (Ilha Terceira), Américo Durão em Couço (Coruche), Casais Monteiro no Porto, Cabral do Nascimento no Funchal, Moreira das Neves em Gandra (Paredes), Dinis da Luz em S. Miguel (Açores), José Gomes Ferreira no Porto, Jorge Barbosa na Ilha de Santiago (Cabo Verde), Virgínia Vitorino em Alcobaça, Natércia Freire em Benavente, Torga em S. Martinho de Anta . . .

Esta dispersão dos berços dos nossos poetas por todo o território português — eis um mapa a desenhar! — não obsteu, porém, a que eles, na sua quase totalidade, tivessem cantado algum dia Lisboa. Houve, por isso, um poeta, João de Castro Osório — esse natural de Setúbal . . . — que teve a ideia, a que a Câmara Municipal de Lisboa deu justa e feliz realização, de reunir os poemas consagrados, através dos tempos, à nossa bela e gloriosa capital que ele aponta como uma das três cidades — a par de Jerusalém e de Roma — mais e melhor cantadas e celebradas na Poesia.

Lá vêm nesse precioso Cancioneiro, como não podia deixar de ser, numerosos versos de Bocage, o «numerado Elmano» como o saudou Filinto Elísio, do seu exílio em Paris: desde o poema em que Afonso Henriques exorta os «chefes invictos, férvidos soldados» à conquista de Lisboa, até ao soneto em que o Poeta, ao despedir-se do «Tejo formoso e brando», se confessa um dos cantores da «alta Ulisseia» que, noutros versos, define como «grã Cidade»

que espelha os torreões no vítreo Tejo.

Diga-se, contudo, em abono da verdade, e sem que se deva interpretar o facto como prova de menos apreço de Bocage por Lisboa — que ele amava decerto profundamente, pois em Lisboa decorreu a maior parte da sua vida, desde que veio de Setúbal como guarda-marinha em 1783 até à sua morte, com excepção do interregno de quatro anos passados no Oriente — diga-se, em abono da verdade, que nestes versos as referências à cidade, ao Tejo, às praias de Sacavém, são quase sempre a moldura ou o pretexto — ou não fosse Elmano o «devoto incensador de mil deidades» — para uma alusão aos seus amores, como a Lemnoria de pés nevados e mimosos ou a celeste Armânia . . .

Quero também aproveitar a ocasião — já que não estou de modo algum a fazer uma conferência mas a conversar com V. Ex.^{aa} «ao correr da pena» — para lembrar que se contam por algumas dezenas os nomes das amadas do Poeta. Eis, por ordem alfabética — como se diz nos cartazes dos teatros, para evitar ferir susceptibilidades . . . — uma breve relação dos «caros objectos do seu amor»:

Alcina, Amarília, Anália, Anarda, Aónia, Armia, Armânia, Anselina, Corina, Crinaura, Elfira, Elisa, Elmira, Encenera, Felisa, Flérida, Flora, Filena, Filis, Gertrúria, Glaura, Inália, Isbela, Ismene, Jónia, Lemnoria, Lénia, Lília, Lucina, Manteigui, Marcia, Marfida, Marília, Marina, Natércia, Nise, Olinta, Ritália, Tirsália, Tirseia, Ulania, Ulina, Urselina. . .

É difícil afirmar a quem pertenceriam todos estes anagramas. Alguns deles diriam respeito à mesma pessoa, outros limitar-se-iam a encarnar amores puramente imaginários. Se, como disse Fernando Pessoa, «o poeta é um fingidor», não nos esfalfemos a dar corpo real a todas as amadas de Elmano, tanto mais que ele próprio confessava também que muitos dos seus versos foram

escritos pela mão do fingimento . . .

Em compensação, talvez outras mulheres tenham sido por ele cortejadas sem que o seu nome, ou um anagrama sequer, fosse perpetuado no mármore e na pétala de rosa dos seus versos imortais.

Do que não há dúvida é que Manuel Maria Barbosa du Bocage foi, numa Poesia como a nossa, tão rica de grandes poetas de amor, um dos que melhor souberam traduzir em verso — em muitos dos seus 376 sonetos e em vários outros géneros, como odes, cantatas, elegias, canções — as alegrias e os sofrimentos de um coração enamorado . . .

*Olha, Marília, as flautas dos pastores,
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha: não sentes,
Os Zéfiros brincar por entre as flores?*

*Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores!*

*Naquele arbusto o rouxinol suspira:
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares, sussurrando, gira.*

*Que alegre campo! Que manã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu não te vira,
Mais tristeza que a morte me causara.*

*Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados;
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no Céu forjados;*

*Santuários de Amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da cor de meus cuidados,
Que podeis inflamar as pedras frias,
Animar os cadáveres mirrados;*

*Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogância as nuvens toca,
Cuja horrisona voz perturba os ares.*

*Troquei-vos pelo mal que me sufoca;
Troquei-vos pelos ais, pelos pesares.
Oh câmbio triste! Oh deplorável troca!*

*Veloz borboleta,
Que leda girando
Penosas ideias
Me estás aivando:*

*Insecto mimoso
Aos olhos tão grato,
Da minha tirana
Tu és o retrato.*

*A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ela nos olhos
Gentis, penetrantes:*

*Tu andas brincando
De flor para flor;
Anarda vagueia
De amor em amor.*

★

Entre as amadas, reais ou imaginárias, de Bocage, figurou, como V. Ex.^{aa} não ignoram, uma Natércia. E o facto leva-nos, por natural associação de ideias, a pensar noutra Natércia cantada igualmente por um extraordinário Poeta e cuja identidade tem sido também um quebra-cabeças para os estudiosos do assunto, para aqueles que gostam de saber o que está por detrás dos versos — por detrás do espelho de Lewis Carrol . . . Refiro-me à Natércia de Camões, lembrando que esta coincidência de nomes, quem sabe se forçada pelo próprio Bocage, pois qualquer poeta pode dar o nome de Natércia a uma das suas musas sem que ela se chame sequer Catarina, seria mais uma a acrescentar àquelas que levaram Elmano a escrever o admirável soneto em que compara o seu fado ao do épico, lamentando porém que só o tenha imitado na desventura e não no génio, nos dons da Natureza. «Que de pontos de contacto — escreveu António Feliciano de Castilho nas «Novas Telas Literárias» — entre esta duas glórias nacionais».

É interessante registar que este soneto teria sido escrito, segundo os mais autorizados críticos do Poeta, antes de Bocage partir da Índia para a China. Portanto, nessa altura, Bocage apenas podia encontrar como «pontos de contacto», ao estabelecer o paralelo da sua vida com a de Camões, o ter deixado o Tejo, o ter arrostado com as fúrias do Adamastor e o haver sofrido na Índia. Isto, é claro, sem contar que ambos tinham sido soldados, tinham pelejado e haviam conhecido uma Natércia.

Ora bem. Depois de Bocage escrever o soneto, é deportado — quem sabe se com secreta alegria de seguir assim, uma vez mais, o roteiro do épico — para Macau, onde Camões escrevera algumas estrofes de «Os Lusíadas». Insurgem-se ambos,



BOCAGE
VISTO POR JÚLIO GIL

nos seus versos, contra a decadência de Goa — e aqui é lícito admitir que Elmano se inspirasse no autor da epopeia —, e ambos sofrem por não saberem calar a sua amargura. O «frágil lenho» que transportava Bocage naufraga, sendo arrojado por um ciclone a Cantão, tal como sucedera a Camões perto da foz do rio Mecom. Elmano vê-se

nos turbilhões das vagas envolvido

e, como o épico, salva a nado os seus versos. Como sabemos, Camões teria sido roubado em Moçambique, desaparecendo-lhe o manuscrito de um livro a que chamava «O Parnaso». Pois Bocage, de regresso a Portugal, sofre igualmente o furto de alguns dos seus poemas, quando se encontrava em Santarém. Diz ele, num soneto, que lhe foram, porém,

... por negro zoilo em vão roubados

isto porque o Poeta os conseguiu reconstituir, «restaurar»

c'ò pronto auxílio de fácil memória

Mas não ficam por aqui as coincidências no fado dos dois poetas, e que Bocage estaria longe de adivinhar ao escrever o seu soneto a Camões. Os últimos anos da vida dos dois poetas são passados em Lisboa, e, senão na miséria, pelo menos numa triste penúria. E, para cúmulo das coincidências, Portugal é invadido pelos castelhanos logo após a morte de Camões, e é de novo invadido pelas hostes napoleónicas, pouco tempo volvido sobre a morte de Bocage. Ocorre a do primeiro em 1580, a do último em 1805. As duas datas são formadas pelos mesmos algarismos . . .

Mas a maior identidade entre ambos, e essa negava-a Bocage — creio bem que com falsa modestia, pois ele, além de ser adulado nos salões e nos botequins, nos «cafés» e nas vielas, tinha a consciência do seu talento, bem patenteada em muitos dos seus versos — reside precisamente nos «dons da Natureza» que deles haviam feito duas glórias paralelas . . .

*Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c'ò sacrilego gigante;*

*Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.*

*Ludíbrio, como tu, da Sorte dura,
Meu fim demando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.*

*Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos transe da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.*

★

Eu nunca me atreveria a definir Poesia, de tal forma considero esta como indefinível . . . Mas creio poder dizer que o Poeta é um cristal através do qual a vida se iriza, nos mais variados tons e cambiantes. É assim que o Poeta, mesmo o mais subjectivo, consegue dar-nos curiosas imagens da vida real, quase numa objectividade de repórter. Senão vejamos: onde encontrar melhor evocação do bilhar oitocentista ou dos penteados da época do que nos versos de um Tolentino:

*Eis senão quando (caso nunca visto!)
sai-lhe o colchão de dentro do toucado...*

ou um quadro mais fiel da descarga do carvão ou da faina das peixeiras, do que nos poemas de Cesário?

*Vazam-se os arsenais e as oficinas;
re luz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;
e num cardume negro, bercúleas, galhofeiras,
correndo com firmeza, assomam as varinas.*

Os «cafés» de Paris são recordados magistralmente por Mário de Sá Carneiro:

*Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra brunida
Que linda e que fresca é!*

*Um sijão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.*

*Sobre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber...*



. . . ao passo que José Régio nos descreve com pormenores fotográficos, modelados é certo pela lente da ironia, um casamento faustoso dos nossos dias, num poema a que o próprio Poeta deu o título de «Reportagem»:

*Diante da Vetusta
Sé-Catedral, erguendo a fronte angusta
na indecifrável placidez dos céus,
estacionara o núcleo triunfal
dos carros cintilando em chispas, fogarêus
de vidros e metal.*

*Um impecável mestre de etiqueta
foi «régisseur» de todo o cerimonial.
E o vestido da noiva, a cauda do cometa,
com dignidade digna de registo,
solenemente, entron no gótico portal.*

FILINTO, O GRANDE ELISIO COPIOU MEUS VERSOS
ZOILOS, TREMEI, POSTERIDADE ES MINHA.

(Pintura a óleo — Café Nicola — Lisboa)

Bocage, sob este aspecto que me permito clas-
sificar de reportagem poética, deixou-nos preciosos
documentos, que vão desde as notas auto-biográ-

ficas à descrição dos mais variados acontecimentos. Sabemos, assim, que começou a ver-sejar muito cedo:

*Das faixas infantis despido apenas
sentia o sacro fogo arder na mente.
.....
Incultas produções da mocidade.
.....
Versos balbuciei cõ a voz da infância;
vate nasci, fui vate, ainda na quadra
em que o rosto viril, macio e tenro,
semelha o mimo da virginea face.*

Não ignoramos que sua irmã Maria Eugénia faleceu na flor da idade:

Deste imaturo adeus ao mundo triste.

Bocage evoca-nos a decadência do império português na Ásia:

Por terra jaz o empório do Oriente.

a morte do príncipe da Beira e do Brasil, filho promogénito de D. Maria I e que fora a esperança de Pombal e dos que confiavam no «despotismo esclarecido»:

Áureas, vãs esperanças concebemos...

E tão depressa Bocage faz a crítica de uma comédia cuja tradução se atribuía a Curvo Semedo:

Tem versos naturais: parecem prosa!

como nos leva a assistir a uma sessão da Nova Arcádia, em casa do conde de Pombeiro, sob a presidência do Padre Domingos Caldas Barbosa, que improvisava cantigas ao som da viola e que tinha na Academia o nome de Lerenio Salinun-tino:

Eis aqui de Lerenio as quartas-feiras.

Queremos a reportagem de um grande incêndio que devora um prédio na Calçada de Santo André, em Lisboa, e poupa o contíguo palácio do conselheiro José de Andrade Carvalho? Oicamos Bocage:

*Rápida chama, que os mortais assusta,
nobre Carvalho, o teu solar perdoa
por ser o asilo da virtude angusta.*

A morte de Nelson, ocorrida em 1803, quando ao Poeta apenas restavam dois anos de vida, consagra três sonetos, num dos quais diz:

Triunfando viveu, morreu vencendo.

Já a morte de Maria Antonieta, guilhotinada em 1793, lhe merecera uma elegia:

*Oh! Justiça dos céus! Oh mundo! Oh gente!
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
a malfadada vítima inocente!...*

Em 24 de Agosto de 1794, Lisboa pasma com a ascensão aerostática do capitão italiano Lunardi, «il signori Vincenzo Lunardi», como o mundo inteiro se maravilha hoje com os voos dos cosmonautas, creio que ainda por glorificar em verso. Pois Elmano saúda o intrépido Lunardi e o seu feito assombroso, erguendo-se no Terreiro do Paço para ir cair quatro horas depois perto de Vendas Novas. A sua lira, negando-se um dia às branduras de Marília gentil,

*Ressoa, aplaude, exalta o sábio, o forte,
que, além das altas nuvens assomando,
colheu no Olimpo o antidoto da morte!*

É Bocage quem nos diz que, apesar de contar pouco mais de trinta e três anos, já tem cabelos brancos:

*Excedo lustros seis por mais três anos
.....
..... e já me alovejam
não raro na cabeça os desenganos.*

Manuel Maria é preso em 1797 e ele próprio nos dá uma imagem viva do seu cárcere que talvez lhe inspirasse o soneto em que exalta a constância do sábio superior ao infortúnio, mesmo quando «em sórdida masmorra aferrolhado»:

*A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve princípio o meu pranto,
O meu sossego deu fim.*

*Do funesto Limoeiro
Já toco os tristes degraus,
Por onde sobem e descem
Igualmente os bons e os maus.*



OLHA, MARILLA, AS PLANTAS DOS PASTORES
QUE BEM QUE SOAM, COMO ESTÃO CADENTES

(Pintura a óleo — Café Nicola — Lisboa)

*Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes.
Feroz condutor me enterra
No sepulcro dos viventes.*

*Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados;
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.*

*Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manuel Maria —
E logo à margem — Segredo. —*

*Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.*

*Tiram-me chapéu, gravata.
Fivelas, e, desta sorte,
Por um guarda sou levado
Ao domicílio da morte.*

*Estufa de treze palmos
Com uma fresta, que dizia
Para lugar ascoroso,
Denominado enxovia.*

*Fecham-me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanso os membros no chão.*

Quase moribundo, chega ao seu conhecimento que lhe atribuem a má tradução de uma novela «A Espanhola Inglesa» — a ele que tão bem vertera para português Tasso e La Fontaine, Ovídio e Delille, e até a sua tia-avó, do lado materno, Madame du Bocage, autora da «Colombiade», uma epopeia de Cristóvão Colombo, e que Voltaire, outro dos seus traduzidos, sagrara com uma coroa de loiros . . . (Essa «Colombiade» foi, aliás, vertida mais tarde integralmente em português pelo visconde de Seabra e dada à estampa em 1893).

Pois logo Bocage se revolta contra a injúria, fazendo publicar uma folha volante com o desagradado jocoso:

*Ai de quem ousa com venal balela
pôr-me em pardo papel e em vil barbante!*

O Poeta, que sabe assim retratar e comentar o quotidiano, o «caso da rua», o «homem da rua», é o mesmo, porém, que se afasta dos caminhos terrenos, para ascender a culminâncias só igualáveis às de Antero no soneto à Virgem Santíssima:

*Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado,
Tartáreo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida;*

*Doce abrigo, santíssima guarida
De quem te busca em lágrimas banhado,
Corrente com que as nódoas do pecado
Lava uma alma, que geme arrependida;*

*Virgem, de estrelas nítidas c'roada,
Do Espírito, do Pai, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa e mais que tudo amada,*

*Valba-me o teu poder e amor materno;
Guia este cego, arranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso Inferno!*

★

Creio haver abusado já demasiado da paciência de V. Ex.^{sa}, com a atenuante apenas de ter tido o privilégio de lhes recordar alguns versos de Bocage. Tudo o que disse sobre o Poeta — ou mais ainda — sabem-no V. Ex.^{ss}. E, depois, voltando à minha, eu sou contra os anos dos centenários como sou contra os dias de finados. Entendo que os nossos mortos devem ser lembrados todos os dias. E que as grandes figuras da história — sábios, heróis, artistas, poetas — têm de estar permanentemente no nosso espírito. Mas não apenas no seu nome. Nem sequer exclusivamente na sua obra. Mas no nome e na obra de todos que, através dos séculos, têm contribuído para tornar o mundo, este nosso miserável e maravilhoso mundo, maior e mais belo.

No caso presente de Bocage, estamos certos de que ele próprio preferiria que, em vez de o evocarmos episódicamente, «centenariamente», evocássemos, lêssemos e amássemos a Poesia, essa

Poesia que eu há pouco não me atrevi a definir mas que, afinal, é sempre a mesma, só uma. Com o espírito satírico que lhe ditou este breve diálogo:

— *Elmano, lê-me os teus versos!*

— *Melhor sorte me dê Deus!*

Tremo disso.

— *E porque tremes?*

— *Porque podes ler-me os teus.*

ele saberia fazer a destriça entre os bons e os maus versos — mesmo que fossem da sua autoria —, esquecendo o fácil, o efémero, para exaltar apenas a verdadeira Poesia, aquela que representa uma vitória do espírito sobre a matéria.

O que importa, assim, é amar e celebrar os Poetas. E não só depois de mortos, depois de recolhidos os seus despojos de ouro nos esquifes das antologias mais ou menos escolares. Os versos não devem ser como folhas secas boiando à flor dos tanques nem como estrelas perdidas em remotas galáxias. Há que levá-los ao conhecimento de todos, ao convívio do povo que tem, aliás, um sentido inato da poesia e não ignora, como diz um provérbio, que «olhar para a uva não mata a sede». . . . E no caso presente de Bocage há ainda muitos, infelizmente, para os quais ele é apenas um poeta chocarreiro e beberrão, autor de dichotes e epigramas e triste herói de anedotas — quantas delas pura invenção! — e não um lírico do maior fulgor!

Por isso, eu aplaudo às mãos ambas Amália quando canta Camões. Se ela canta bem — e se os versos, ao que parece, não são maus de todo . . . —, por que não divulgá-los desse modo,

sobretudo junto de quem nunca os leu? Entendo que Amália devia cantar não só Camões, mas Bocage e Nobre, D. Dinis e Fernando Pessoa. E, como ela, outros artistas poderiam pôr a sua voz ao serviço desta ideia meritória.

★

Neste ano centenário de Bocage, se ele pudesse assistir oculto às celebrações, mau grado o brilho delas, apenas empanado hoje pela minha pobre voz, e não obstante o indiscutível orgulho do Poeta, talvez sorrisse, repetindo os versos que Filinto de Almeida lhe consagrou:

E vem rir-te da pompa das estátuas . . .

Evoquemos Bocage, relendo Camões. Celebremos Camões, aprendendo os versos de Régio ou de Torga. Só assim poderemos, neste aspecto, dar cumprimento ao voto do Poeta, atender o seu derradeiro apelo, proferido quando — como escreveu Camilo — estavam a abrir-se as portas da eternidade «ao mais inspirado e desditoso génio que ainda viram portugueses». Sem rasgarmos os versos do Poeta, glorificando-os entre os dos seus pares, entre os dos que o antecederam e os dos que se lhe seguiram e hão-de seguir, afirmamos crer na eternidade e, consequentemente, na eternidade de Bocage, na eternidade da Poesia.

Palestra de Adolfo Simões Müller na Tarde Cultural realizada no Palácio Galveias em 21/12/1965 comemorando o centenário de Bocage.

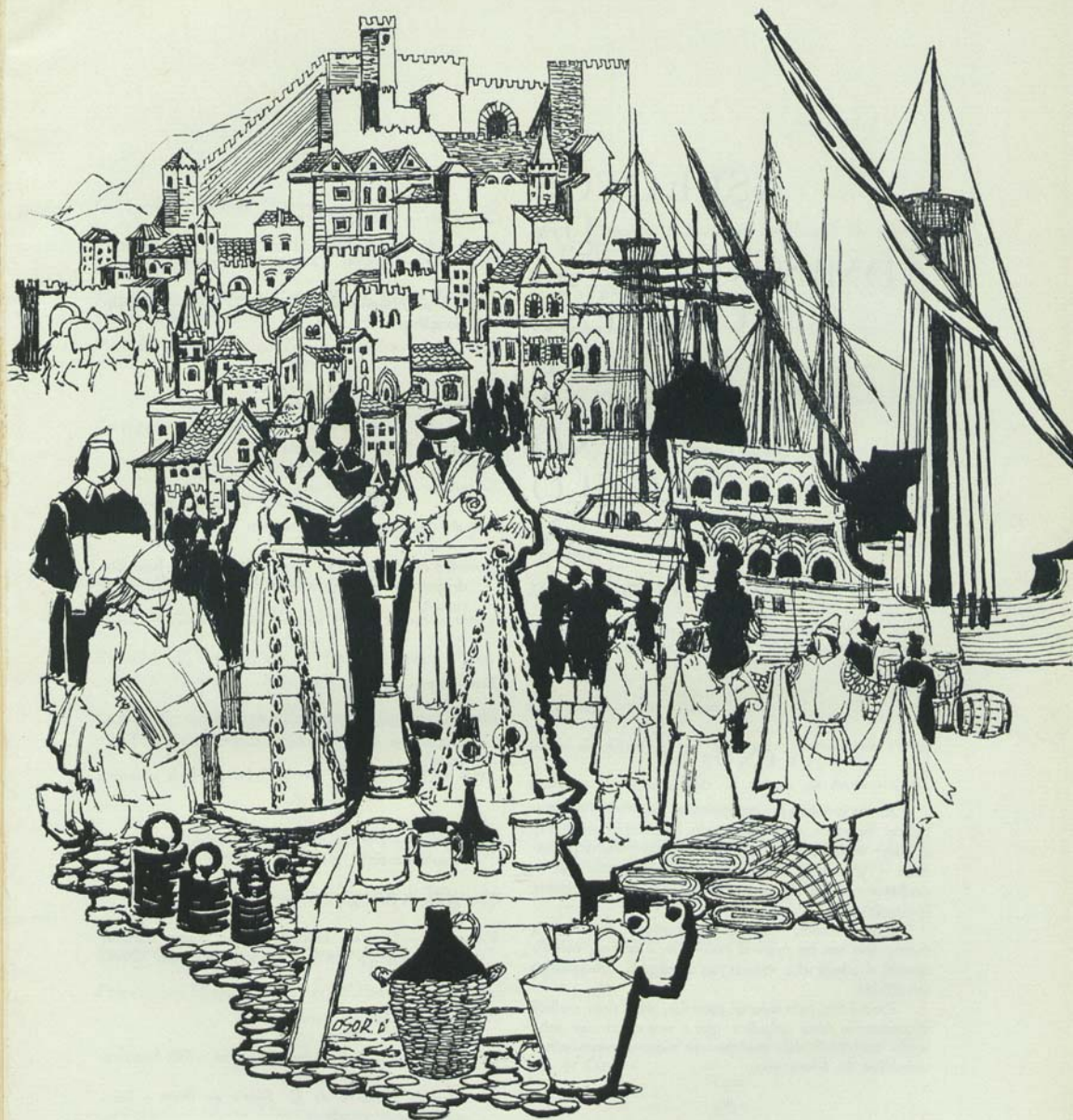
Leitura de poemas do Poeta pelo Actor Assis Pacheco.

A D O L F O S I M Õ E S M Ü L L E R



SOU O POETA BOCAGE
VENHO DO CAFÉ NICOLA
E IREI PARA O OUTRO MUNDO
SE DISPARAS A PISTOLA

(Pintura a óleo—Café Nicola—Lisboa)



ASPECTOS DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE LISBOA NO SÉCULO XV

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

MARIA TERESA CAMPOS RODRIGUES

APÊNDICE

A documentação compulsada permitiu-nos estabelecer listas de funcionários do Município referentes à quase totalidade dos anos abrangidos pelo nosso estudo (1385-1495) que julgamos interessante dar a conhecer embora algumas delas se apresentem bastante incompletas.

Juntámos-lhes, ainda, os procuradores de Lisboa a cortes, que nos foi possível encontrar, e os vencimentos anuais, estabelecidos em 1471, de alguns funcionários concelhios.

Parece-nos conveniente recordar, para uma melhor compreensão deste apêndice, que o ano camarário tinha início em Abril, mês em que era eleito o corpo administrativo do Município.

1385

Vereadores — Gil Martins da Patameira e Gonçalo Vasques Carregueiro

Procurador — Vasco Lourenço

1386

Corregedor — Rodrigo Esteves

Procurador — Gonçalo Vasques Carregueiro

Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Gonçalves

1387

Corregedor — Rodrigo Esteves

Vereador — João Pires Canelas

Procurador — Diogo Alvares

Juiz do Cível — Fernão Gonçalves, licenciado em leis

Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Rodrigues ou Roiz (também Almojarife das Taracenas)

1388

Tesoureiro — António Martins

Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Rodrigues ou Roiz (também Almojarife das Taracenas)

1389

Alcaide-mor — Estêvão Vasques de Góis, cavaleiro e vassallo do rei

Corregedor — Rodrigo Esteves

Vereadores — Gonçalo Domingues de Santo Antoninho, Lourenço Anes e Gonçalo Vasques Carregueiro

Procurador — Gonçalo Esteves

Juizes do Cível — João Afonso Fuscero e Gil Martins.

Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Lourenço Anes, escudeiro

Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Roiz (também almojarife das Taracenas). A meados de Fevereiro de 1390 foi eleito para o cargo João Anes

1390
Corregedor — Rodrigo Esteves
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Lourenço Anes
Escrivão do Hospital e Capela de D. Maria de Boim — Gonçalo Esteves
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Anes

1391
Corregedor — Afonso Martins Alvarnaz

1392
Corregedor — Afonso Martins Alvarnaz

1393
Procurador — Vasco Martins
Juizes do Cível — João Vicente e João Afonso Fusciro
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Lourenço Anes
Escrivão do Hospital de D. Maria de Boim — Gonçalo Esteves
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Anes

1394
Corregedor — Afonso Martins Alvarnaz
Vereadores — Rui Garcia, João Vicente e Vasco da Veiga
Procurador — Gonçalo Vaz Carqueiro
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Anes

1395

1396
Corregedor — Afonso Martins Alvarnaz

1397
Corregedor — Afonso Martins Alvarnaz

1398

1399
Alcaide Pequeno e Provedor da Capela do Conde D. Pedro — João Anes (endo em conta que este individuo é, em 1394, provedor do hospital e que o cargo se acumulava com o de provedor da capela, parece-nos que neste ano seria, também, Provedor do Hospital do Conde D. Pedro).

1400
Juizes do Cível — Gonçalo Vasques Carqueiro e Domingos Anes, mercador
Juizes do Crime — Vicente Domingues, escolar e Gonçalo Martins de Pombal

1401
Corregedor — Afonso Martins Alvarnaz
Escrivão da Câmara — Gomes Anes
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Lourenço Anes

1402
Corregedor — João Afonso Fusciro
Juizes do Cível — João Martins e Bartolomeu Anes
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Lourenço Anes
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Afonso de Óbidos (eleito a 16 de Fevereiro de 1403)

1403
Corregedor — João Afonso Fusciro
Escrivão do Hospital do Conde D. Pedro — Vasco Martins

1404
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Afonso de Óbidos

1405

1406
Corregedor — João Afonso Fusciro
Procurador — João Esteves

- Juizes do Cível* — Sancho Gomes de Avelar e Domingos Anes, mercador 1415
- Escrivão da Câmara* — Gomes Eanes
- Escrivão dos Contos do concelho e do Hospital de D. Maria de Boim* — Afonso Bacias 1416
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Lourenço Anes
- 1407
- Juiz do crime* — Álvaro Gonçalves Machado
- Contador do concelho* — Martim Lourenço
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Lourenço Anes
- 1408
- Provedor do Hospital do Conde D. Pedro* — João Afonso de Óbidos
- 1409
- Procurador* — Diogo Roiz
- Juizes do Cível* — Álvaro Gonçalves Maio, cidadão e Palamades Vasques, cavaleiro
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Martim Lourenço 1410
- Corregedor* — João Afonso Fusciro
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Martim Lourenço 1411
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Martim Lourenço
- 1412
- Provedor da Capela do Conde D. Pedro* — João Afonso de Óbidos (decerto, também Provedor do mesmo Hospital)
- 1413
- Corregedor* — João Afonso Fusciro
- 1414
- Corregedor* — João Afonso Fusciro
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Martim Lourenço 1415
- Corregedor* — João Afonso Fusciro
- 1416
- Corregedor* — João Mendes
- Juiz do crime* — Francisco Domingues de Beja
- 1417
- Vereadores* — Fernando Álvares (da Escada de Pedra), Rodrigo Anes e Giraldo Anes
- Procurador* — João Esteves
- Escrivão da Câmara* — Gomes Eanes 1418
- 1419
- Corregedor* — Vasco Esteves de Santarém
- Vereadores* — Gonçalo Vaz Carregueiro, Álvaro Gonçalves Machado e João Afonso de Óbidos.
- Procurador* — Afonso Anes
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Martim Lourenço. 1420
- Corregedor* — João Afonso Fusciro
- Vereadores* — Fernando Álvares da Escada de Pedra e Giraldo Anes.
- Tesoureiro* — João Vasques
- Escrivão do Tesouro* — Antão Lourenço
- Almotacés em Setembro* — João de Braga e Heitor Álvares
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim* — Martim Lourenço. 1421
- Corregedor* — João Afonso Fusciro
- Vereadores* — Afonso Roiz Portela, Álvaro Gonçalves Machado e Francisco Domingues de Beja

- Procurador*—Gonçalo Álvares de Carnide 1425
- Escrivão da Câmara*—Gomes Anes de Montagraço 1426
- Sacador*—Afonso Esteves
- Vedor das Obras*—João de Évora
- 1422
- Corregedor*—João Afonso Fuseiro
- Vereadores*—João Esteves e Rui Gomes
- Procurador*—Rui Pires
- Juízes do Cível*—Vicente Roiz Mem Roiz, escudeiro
- Juiz do Crime*—Fernão da Veiga
- Escrivão da Câmara*—Gomes Eanes, o moço
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim*—Martim Lourenço
- 1423
- Vereador*—Gil Martins
- Procurador*—Álvaro Martins, escolar em leis
- Juiz do Cível*—Gomes Eanes
- Juiz do Crime*—João Afonso
- Juiz dos Órfãos*—Álvaro Peres
- Contador*—Rodrigo Anes
- Provedor do Hospital e da Capela do Conde D. Pedro*—João Afonso de Óbidos
- Escrivão do Hospital do Conde D. Pedro*—Vasco Martins.
- 1424
- Vereadores*—Afonso Rodrigues Portela, Álvaro Gonçalves Machado e Rodrigo Anes
- Procurador*—Pero Sanches, mercador
- Juiz do Cível*—Gomes Anes, escolar em direito
- Provedor do Hospital do Conde D. Pedro*—João Afonso de Óbidos
- Corregedor*—João Afonso Fuseiro
- Vereadores*—Martim Afonso, mercador, Martim de Santarém e Vicente Domingues
- Procurador*—João Velho
- Juiz do Cível*—Egas Lourenço
- Escrivão da Câmara e do Hospital do Conde D. Pedro*—Álvaro Martins, escolar em leis
- Juiz dos Órfãos e Judens*—Vasco Filipe.
- Provedor do Hospital do Conde D. Pedro*—João Afonso de Óbidos
- 1427
- Corregedor*—João Afonso Fuseiro
- Vereadores*—João Esteves de S. Cristóvão, Álvaro Gonçalves de St.º António e Rui Gomes.
- Procurador*—João Afonso
- Juízes do Cível*—Afonso Anes e Aires Afonso Valente, cavaleiro
- Juiz do crime*—Álvaro Lopes
- Escrivão da Câmara e do Hospital do Conde D. Pedro*—Álvaro Martins
- Tesoureiro*—Vasco Vicente
- Contador*—Martim Lourenço
- Sacador*—Afonso Esteves
- Vedor das Obras*—João de Évora
- Escrivão das Obras*—João Gomes
- Provedor do Hospital do Conde D. Pedro*—João Afonso de Óbidos
- 1428
- Procurador*—Fernão Pires
- Juiz do Cível*—Mem Roiz
- Escrivão da Câmara*—Álvaro Martins
- Provedor do Hospital de D. Maria de Boim*—Martim Lourenço

- 1429
Corregedor — João Afonso (Fuscuro?)
Procurador — João de Bessa, escudeiro
- 1430
Procurador — João Aires
- 1431
Juiz do Cível — Afonso Fernandes
Escrivão da Câmara — Gomes Anes
- 1432
Corregedor — Lopo Gonçalves, cavaleiro
Vereadores — Pero Lopes do Carvalho, Manuel Pestana e João Vaz de Alvalade
Procuradores dos Mesteres — Brás Afonso, barbeiro e Diogo Afonso, ourives
Escrivão da Câmara — Álvaro de Calvos
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — João Afonso de Óbidos.
- 1433
Corregedor — João Afonso Fuscuro e, em Março de 1434, Lopo Gonçalves.
Vereadores — Vicente Domingues, Rui Gomes e Filipe Daniel
Procurador — Rodrigo Álvares
Juiz do Cível — Pero Lopes de Frielas
- 1434
Procurador — João Gomes
Juízes do Cível — Tristão Vasques e Vicente Egas
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço
- 1435
Procurador — Diogo Álvares
Juízes do Cível — João Aires, cavaleiro e Luís Anes, cidadão
Contador e Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço
- 1436
Juízes do Cível — Fernão de Gralhas, escudeiro e Afonso Anes de St.^a Marinha, escolar em direito
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço
Escrivão do Hospital de D. Maria de Boim — Afonso Anes
- 1437
Vereadores — João Teixeira e Pero de Serpa
- 1438
Juiz do Cível — Vicente Domingues
- 1439
Procurador — João Gonçalves
Juízes do Cível — Huel Xira, cavaleiro e Pero de Barcelos
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço
Escrivão do Hospital de D. Maria de Boim — Afonso Anes
- 1440
Alcaide-mor — Álvaro Vaz de Almada
Vereadores — João Lourenço Farinha, escudeiro e Lopo Vasques de Alvalade
Procurador — Rodrigo Álvares, escudeiro
Juízes do Cível — Vicente Egas, cidadão e Álvaro Borges.
Juiz do Crime — João Aires Dambodete, cavaleiro.
Tesoureiro — João de Guimarães, cidadão
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço
- 1441
Vereadores — Pero Gonçalves Teixeira e Álvaro Gonçalves
Procurador — Pero Vasques
- 1442
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço

- 1443
1444
1445
Alcaide-mor — Álvaro Vaz de Almada
1446
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Martim Lourenço
1447
1448
Corregedor — Pero Faleiro
Vereadores — Tristão Vaz da Veiga e Lopo Vaz de Alvalade
Procurador — Pero de Magos
Juiz do Crime — Rui Vaz
Procuradores dos Meteres (Março de 1449) — João Vicente, correiro, Diogo Esteves, carpinteiro, Álvaro Fernandes, carpinteiro, Rodrigo Afonso, alfaiate, Afonso Anes, esteceiro, João de Mafra, sapateiro, Álvaro Lopes, ourives, Martinho Anes, tecelão e Diogo Fernandes, tosador.
Escrivão da Câmara — Jorge Vaz
Tesoureiro — Fernão Garcia
1449
Alcaide-mor — Galote Pereira, fidalgo do rei, seu guarda e camareiro
Procurador — Pero Anes
Juizes do Cível — Palamades Vaz, cavaleiro e Vasco Gil, conservador do «studo»
1450
Corregedor — Pero Faleiro
Vereador — Gonçalo Vasques Carregueiro
Procurador — João Esteves
Procuradores dos Mesteres em Março de 1451 — Luís Gonçalves, tosador, Diogo Pires, sapateiro, João Ascenço, tecelão e Gonçalo Pires, sapateiro
Escrivão da Câmara — Gomes Anes e em Março de 1451 Jorge Vaz
Porteiro da Câmara — Bento Fernandes
- 1451
1452
Vereadores — Lopo Vasques de Alvalade, Luís Anes e Lourenço Anes
Procurador — João Afonso Belo
Procuradores dos Mesteres (Julho) — João Martins, sapateiro, João Afonso, tecelão, Martim Gonçalves, barbeiro e Gonçalo Gonçalves, tonoeiro.
Escrivão da Câmara — Jorge Vasques
Tesoureiro — Fernão Martins
Escrivão do Tesouro — João de Braga
Vedor das Obras — João Gonçalves
Porteiro da Câmara — João Afonso
1453
Corregedor — Diogo Gonçalves Lobo
Vereadores — Tristão Vasques da Veiga, Gomes Martins Teixeira e Gonçalo Nunes da Pedreira.
Procurador — Heitor Álvares
Juiz do Cível — Palamades Vaz, cavaleiro
Procuradores dos Mesteres — João Anes, alfaiate, Rodrigo Afonso, alfaiate e João Esteves, tintoreiro.
Escrivão da Câmara — Jorge Vaz
1454
Juizes do Cível — Palamades Vaz da Veiga e João Pacheco
1455
Vereadores — Álvaro Lopes de Frielas, João Roiz Teixeira e Afonso Roiz
Procurador — Álvaro Gonçalves Cordeiro
Procuradores dos Mesteres — João Afonso, tecelão, Álvaro Anes, alfaiate, João Anes, sapateiro e Diogo Afonso, tosador.
Escrivão da Câmara — Jorge Vaz
Porteiro da Câmara — João Afonso
1456
1457
Corregedor — Diogo Gonçalves Lobo

1458

1459

Veredores — Pero Barcelos, Gonçalo Nunes da Pedreira e Gonçalo Garcia

Procurador — Diogo Roiz

Escrivão da Câmara — Jorge Vaz

1460

Corregedor — Álvaro Pires Vieira

Veredores — Luís Eanes, João Vaz e Gomes Eanes do Batel

Procurador — Estêvão Álvares

Escrivão da Câmara — Jorge Vaz

1461

Corregedor — Diogo Gonçalves Lobo

Veredores — João de Lisboa, Aires Gomes e Gonçalo Garcia

Procurador — Álvaro Pires Cideira

Procuradores dos Mesteres — João Roiz, sapateiro, Álvaro Fernandes, correiro, Martim Vaz, tosador e Vicente Afonso, alfaiate

Escrivão da Câmara — Jorge Vaz

Porteiro da Câmara — Álvaro Vicente

Homens da Câmara — João da Granja, Giraldo Anes e Luís Anes

Tesoureiro — João Franco

Provedor da Casa de S. Lázaro — Luís Eanes

Procurador dos Negócios — Luís Anes

Mestre das Obras da Cidade — João Anes

1462

Corregedor — Diogo Gonçalves Lobo

Veredores — Lopo Vaz de Alvalade, Lopo Dias do Pao e João Roiz Vilela

Procurador — Álvaro Gonçalves da Porta do Mar

Procuradores dos Mesteres:

Afonso Anes, alfaiate, Álvaro Fernandes, correiro, Afonso Martins, ourives e João Martins, barbeiro

De Janeiro a Março de 1463:

Afonso Anes, alfaiate, Lopo Vaz, ourives, Álvaro Gomes, tanoeiro e Martim Fernandes, tosador

Escrivão da Câmara — Jorge Vaz

Porteiros da Câmara — João de Lima e Álvaro Vicente

Homens da Câmara — João da Granja, Luís Anes e Giraldo Anes

Tesoureiro — João Nunes

Contador — Álvaro Martins

Provedor da Casa de S. Lázaro — Aires Gomes

1463

Corregedor — Diogo Gonçalves Lobo

Veredores — Álvaro Lopes de Frellos, Fernão Roiz de Brito e Gomes Eanes, o rico

Procurador — Álvaro Gonçalves da Porta do Mar

Juiz do Cível — Afonso de Almada

Procuradores dos Mesteres:

Afonso Martins, ourives, João Álvares, sapateiro, Martim Anes, alfaiate e Rodrigo Anes, correiro

Em Julho:

Martim Anes, alfaiate, João Martins, barbeiro, João Afonso, tecelão e Vasco Roiz, tanoeiro

Em Novembro:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, João Martins, barbeiro e Gomes Eanes, sapateiro

Em Janeiro de 1464:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, João Martins, barbeiro e Martim Fernandes, tosador

Em Março de 1464:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, Martim Fernandes, tosador e Lopo Vaz, bainheiro

Escrivão da Câmara — Jorge Vaz

Homens da Câmara — João da Granja, Luís Anes e Giraldo Anes

Tesoureiro — Fernão Martins

Escrivão dos Contos — Gonçalo Anes, escudeiro

Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Pero Vaz

Escrivão da Casa de S. Lázaro — Gonçalo Roiz

1464

Vereadores — Gonçalo Anes de Óbidos, João Vaz Rebelo e Aires da Fonseca

Procurador — Manuel Roiz

Procuradores dos Mesteres:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, Martim Fernandes, tosador e Lopo Vaz, bainheiro

Em Junho:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, Lopo Vaz, bainheiro e João Afonso, tosador

Em Julho:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, Lopo Vaz, bainheiro e Martim Fernandes, tosador

Em Outubro:

Martim Anes, alfaiate, Vasco Roiz, tanoeiro, João Afonso, tosador e Afonso Anes, esteceiro

Escrivão da Câmara — Lopo Alma e Gonçalo Anes, na ausência de Jorge Vaz

Homens da Câmara — João da Granja, Luís Anes e Giraldo Anes

Tesoureiro — João Franco

Escrivão do Tesouro e da Aposentadoria — João de Braga

Provedor da Casa de S. Lázaro — Gomes Anes, o rico

Mestre das Obras da Cidade — João Anes

1465

Corregedor — Diogo Gonçalves Lobo

Vereadores — João de Lisboa, Aires Gomes e Gonçalo Garcia

Procurador — Álvaro Pires Cidreira

Juiz do Cível — Álvaro de Almada

Juiz do Crime — João Cotrim

Procuradores dos Mesteres:

João Afonso, tosador, Lopo Vaz, bainheiro, Afonso Pires, barbeiro e Vasco Roiz, tanoeiro

Em Janeiro de 1466:

Afonso Pires, barbeiro, Álvaro Gomes, tanoeiro, João Afonso, sapateiro e João Afonso, ourives

Em Fevereiro de 1466:

Afonso Pires, barbeiro, João Afonso, ourives, Lopo Vaz, bainheiro e Bernardo Anes, tanoeiro

Escrivão da Câmara — Jorge Vaz e por vezes Lopo Alma na ausência do primeiro

Porteiro da Câmara — Álvaro Vicente

Homens da Câmara:

João da Granja e Giraldo Anes

Em Janeiro de 1466:

João da Granja, Gonçalo Vaz e João Dinis

Juiz dos Órfãos — Fernando Alves de Frelos

Provedor da Casa de S. Lázaro — Gomes Anes de Óbidos

Procurador dos Negócios — Luís Anes

Mestre das Obras da Cidade — João Anes

1466

Corregedor — Rui Lobo

Vereadores:

Lopo Dias do Pao e Amador de Alpoim

Em Outubro:

Lopo Dias do Pao, Gomes Anes, o rico e Miçê Trope de Vivaldo

Procurador — Gonçalo Vaz

Procuradores dos Mesteres:

Afonso Pires, barbeiro, João Afonso, ourives, Álvaro Gomes, tanoeiro e João Afonso, sapateiro

Em Setembro:

Álvaro Pais, barbeiro, João Pires, tosador e João Gonçalves, alfaiate

Em Outubro:

Afonso Pires, barbeiro, Álvaro Pais, barbeiro, Álvaro Gonçalves, tanoeiro e João Vaz, coreeiro

Em Dezembro:

João Afonso, sapateiro, João Pires, tosador, João Vaz, tosador e Vasco Fernandes, ourives

Escrivão da Câmara—Jorge Vaz e por vezes Lopo Alma na ausência do primeiro

Porteiro da Câmara—Álvaro Vicente

Homens da Câmara—João da Granja, João Dinis e Gonçalo Vaz

Tesoureiro—Álvaro Martins

1457

Vereadores—Fernão Roiz de Brito, Gomes Anes, o rico e Fernão Nunes

Procurador—Álvaro Gonçalves da Porta do Mar

Procuradores dos Mesteres:

Álvaro Pais, barbeiro, João de Mafra, sapateiro, João Vaz, tosador e João Pires, tosador

Em Julho:

Álvaro Pais, barbeiro, João de Mafra, sapateiro, João Pires, tosador e João Gonçalves, alfaiate

Em Outubro:

Álvaro Pais, barbeiro, João Pires, tosador, João Gonçalves, alfaiate e Álvaro Gomes, tanoeiro

Em Fevereiro de 1468:

Álvaro Pais, barbeiro, João Pires, tosador, João Gonçalves, alfaiate e João de Mafra, sapateiro

Escrivão da Câmara—Jorge Vaz

Porteiro da Câmara—Álvaro Vicente

Homens da Câmara—João da Granja, João Dinis e Gonçalo Vaz

Tesoureiro—Vasco Gil

Provedor da Casa de S. Lázaro—Lopo Dias do Pao

1468

Vereadores—Pero Lopes do Carvalhal, Gomes Anes de Óbidos e Miçer Trope

Procurador—Lançarote Dias

Procuradores dos Mesteres:

Álvaro Pais, barbeiro, Vasco Fernandes, ourives, Álvaro Gomes, tanoeiro e João Álvares, tecelão

Em Junho:

João Álvares, tecelão, João Pires, tanoeiro, Pero Vaz, sapateiro e João Afonso, ourives

Escrivão da Câmara—Jorge Vaz

Porteiro da Câmara—Álvaro Vicente

Homens da Câmara—João da Granja, João Dinis e Gonçalo Vaz

Provedor da Casa de S. Lázaro—Gomes Anes, criado do Infante D. Henrique

Aposentador—Pero Anes

Escrivão da Aposentadoria—João de Braga

Vedor das Obras da Cidade—Lopo Alma

1469

Corregedor—Rui Lobo

Vereadores—João Correia, João Vaz Rebelo e Pero de Abreu

Procurador—Álvaro Gil

Procuradores dos Mesteres (em Novembro)—Vicente Afonso, alfaiate, João Roiz, sapateiro e Pero Afonso, tecelão

Escrivão da Câmara—Jorge Vaz

Procurador de Negócios—Luís Anes

1470

- Corregedor* — Rui Lopo, do desembargo do rei
Vereadores — Tomás Luís de Chaves, Rui Mendes de Brito e Manuel Pestana
Procurador — Vasco Gomes
Procuradores dos Mesteres (em Novembro) — Luís Anes, cutileiro, Pero Anes, sapateiro, Fernão Roiz, sapateiro, Pero Afonso, tecelão, Vasco Gonçalves, ourives, Bernardo Anes, tanociro e Pero Vaz, borziguiciro

1471

- Corregedor* — Rui Lobo
Vereadores — João Lopes, cavaleiro, Gomes Anes, o rico e Aires Gomes
Procurador — Lopo Roiz
Juizes do Cível — Álvaro de Castro, cavaleiro e Lopo Vaz, bacharel
Juizes do Crime — Gonçalo Mendes, cavaleiro e Fernão Martins
Escrivão da Câmara — Jorge Vaz
Porteiro da Câmara — Álvaro Vicente
Juiz da aposentadoria e Chanceler da Casa do Cível — Álvaro Pires Vieira

1472

- Juizes do Cível* — Lopo Vaz e João Alves Porto Carreiro
Provedor do Hospital do Conde D. Pedro — Álvaro do Couto

1473

- Juizes do Cível* — Luís Fogaça, cavaleiro e Rui Dias do Pao, bacharel
Provedor do Hospital de D. Maria de Boim — Pero Vasques

1474

- Vereadores* — Rui Mendes de Brito, Estêvão Vasques e Fernão Gomes
Procurador — Valentim Lopes

1475

- Vereadores* — Fernão Esteves, Aires Gomes e Miçe Trope
Procurador — Martim da Silveira
Juizes do Cível — Diogo Rebelo, cavaleiro e Fernão Martins, escudeiro
Escrivão da Câmara — Jorge Vaz

1476

1477

- Corregedor* — Brás Afonso
Vereadores — João Lopes Bulhão e Pero Lopes do Carvalho
Juiz do Cível — João Alves do Porto Carreiro
Procuradores dos Mesteres (em Julho) — Diogo Gonçalves..., Jorge Afonso, surrador e Diogo Afonso, ourives

- Escrivão da Câmara* — Nuno Fernandes

1478

- Corregedor* — Brás Afonso
Vereadores — Diogo de Lemos, Aires Gomes e Gomes Anes de Óbidos
Procurador — Valentim Lopes

- Escrivão da Câmara* — Álvaro de Calvos
Porteiro da Câmara — Álvaro Vicente
Homens da Câmara — João da Granja, João Dinis, Luís Ribeiro e Martim Rodrigues

- Contador* — João Vidal

1479

- Vereadores* — Rui Mendes de Brito, Estêvão Vasques e Fernão Gomes da Mina, do conselho do rei
Procurador — Valentim Lopes
Escrivão da Almotacaria — Vasco Afonso

1480

- Corregedor* — Rui Davila, escudeiro
Vereadores — Rui Davila, Vasco Martins e Alvaro do Casal
Procurador — Vasco Cinza
Juiz do Cível — Dr. João Vasques da Porta Nova
Procuradores dos Mesteres — Diogo Nunes, tosador, Rodrigo Anes, cordoeiro, João Leal, carpinteiro e Gomes Franco, sapateiro
Escrivão da Câmara — Álvaro de Calvos
Porteiro da Câmara — Álvaro Vicente
Escrivão da Almotaçaria — Gonçalo Gil

1481

- Corregedor* — Rui Lobo, fidalgo e vedor da casa do rei, do seu conselho e desembargo
Vereadores — Diogo (ou Pero) Vaz da Veiga, Luís Fogaça e Lopo Dias
Procurador — Fernando Afonso
Juiz do Cível — João Vaz de Alvalade
Juiz do Crime — Estêvão Afonso
Procuradores dos Mestres — Jorge Afonso, ourives, Jorge Afonso, surrador, Diogo Fernandes, tanoeiro e João Preto, cirieiro
Escrivão da Câmara — Álvaro de Calvos

1482

1483

- Vereadores* — João Álvares Porto Carreiro, Manuel Pestana e Afonso Roiz
Procurador — Martim Gonçalves
Juizes do Cível — Lopo Vaz e Diogo Rebelo, cavaleiro
Almotacés (em Agosto) — Rui Davila e Diogo Roiz
Procuradores dos Mesteres — Pero Vaz, pintor, João Gonçalves, correieiro e Martim Afonso...
Escrivão da Câmara — Pero Anes
Escrivão da Almotaçaria — Vasco Afonso

1484

- Corregedor* — Lopo da Fonseca
Vereadores — Luís Fogaça, Gil Anes e Manuel Pestana
Procurador — Álvaro Pires
Procuradores dos Mesteres — Diogo Nunes, tosador, Rui Pires, ourives, Dinis Afonso, borzigueiro e Luís de Beja, barbeiro
Escrivão da Câmara — Rui Vaz
Porteiro da Câmara — Álvaro Anes
Guarda da Câmara — Diogo Gil
Homens da Câmara — Martim Roiz, Fernando Anes e João Dinis
Vedor das cargas das naus — Manuel Pestana, cavaleiro e cidadão

1485

- Corregedor* — Lopo da Fonseca, licenciado
Vereadores — Luís Fogaça e Manuel Pestana
Procurador — Martim Gonçalves
Procuradores dos Mesteres — Luís de Beja, barbeiro, Dinis Afonso..., Diogo Nunes... e Rui Pires...
Escrivão da Câmara — Rui Vaz, cavaleiro

1486

1487

- Vereadores* — Diogo Vaz da Veiga, Manuel Pestana e Lopo de Figueiredo
Procurador — Álvaro Roiz da Arruela
Procuradores dos Mesteres — Álvaro Fernandes, seleiro, Gonçalo Pires, alfaiate, Afonso Ribeiro, tosador e Rui Dias, caldeieiro
Contador — João Vidal
Vedor das Obras — Pero Vaz, cavaleiro do rei

1488

- Procurador* — Diogo Brandão
Juizes do Cível — João Vaz de Alvalade e João Álvares, bacharel

1489

Corregedor — Lopo da Fonseca

1490

Corregedor — Fernando Alves Rebelo, bacharel

Vereadores:

Afonso Roiz de Castel-Branco, Afonso Lopes Bulhão e Álvaro Vaz

Em Março de 1491:

Afonso Lopes Bulhão morre e é substituído pelo bacharel Areque (?) Vaz então juiz do cível

Procurador — Gonçalo (ou Gil) Roiz

Juiz do Cível — Areque (?) Vaz, bacharel

Juiz do Crime — João Afonso de Aguiar

Procuradores dos Mesteres — Gomes Franco, borzigueiro, Dinis Afonso, borzigueiro, Gonçalo Roiz, ferrador e Fernando Anes, cirieiro

Escrivão da Câmara — Rui Vaz

Porteiro da Câmara — Álvaro Anes

Guarda da Câmara — Diogo Gil

Homens da Câmara — Martim Roiz, Luís Ribeiro e Fernando Anes

Tesoureiro — Gomes Eanes

Escrivão do Tesouro — Rui Davila

Provedor da Casa de S. Lázaro — Diogo Dias

Juiz dos Órfãos — Estêvão Afonso

1491

Vereadores — Diogo Vaz da Veiga, Rui Mendes de Brito e Afonso Leitão

Procurador — Lopo Roiz

Juizes do Cível — Álvaro Botelho, cavaleiro e Henrique Vaz

Juizes do Crime — Talamor Fernandes e Diogo Brandão

Procuradores dos Mesteres:

Fernão Velho, cirieiro, Gonçalo Pires, alfaiate, Gonçalo Anes, tanoeiro e João de Abreu, selei-ro

De Outubro a Dezembro:

Fernão Velho, cirieiro, Gonçalo Pires, alfaiate e Gonçalo Anes, tanoeiro

Em Dezembro e meses seguintes:

Fernão Velho, cirieiro, Gonçalo Pires, alfaiate, Gonçalo Anes, tanoeiro e Vicente Afonso, tosador

Escrivão da Câmara — Rui Vaz

Guarda da Câmara — Diogo Gil

Homens da Câmara — Martim Roiz, Luís Ribeiro e João Afonso

Tesoureiro — Fernão Roiz de Almeida

Contador — João Vidal

Provedor da Casa de S. Lázaro — Afonso Roiz de Castel-Branco

Juiz dos Órfãos — Estêvão Afonso

Procurador dos Negócios — Fernando Anes

1492

Durante Abril e Maio as vereações mantêm-se idênticas a 1491.

Em Junho:

Corregedor — Rui Lobo

Vereadores — Gil Vaz da Cunha, do conselho do rei, Lopo de Abreu, fidalgo da casa do rei e Vicente Gil

Procurador — Diogo Martins Alho

Juizes do Cível — João Roiz Cordeiro e Diogo Alves Vieira

Procuradores dos Mestres — Vasco Anes, cirieiro, Pero Vaz, pintor, Dinis Afonso, borzigueiro e João Afonso, picheleiro

Escrivão da Câmara — Rui Vaz, que morrendo em Julho é substituído por Pero Anes

Guarda da Câmara — Diogo Gil

Homens da Câmara — Martim Roiz, Luís Ribeiro e Pero Gonçalves

Tesoureiro — Fernão Roiz de Almeida
Contador — João Vidal
Provedor da Casa de S. Lázaro — Rui Mendes de Brito
Juiz dos Órfãos — Estêvão Afonso

1493

Alcaide-mor — João Figueira
Corregedor — Rui Lobo, fidalgo da casa do rei
Vereadores — Álvaro Vaz, Pero Lopes do Carvalhal e Afonso Leitão
Procurador — Diogo Lopes
Procuradores dos Mesteres — Gomes Franco, borziguieiro Fernão Velho, cirieiro, Luís de Beja, barbeiro e João Martins, tanociro

Escrivão da Câmara:

Pero Roiz e na sua ausência Pero Anes

Em Março de 1494:

Nuno Fernandes

Porteiro da Câmara — Álvaro Anes
Guarda da Câmara — Diogo Gil
Homens da Câmara — Martim Roiz, Luís Ribeiro e Pero Gonçalves
Tesoureiro — Fernão Roiz de Almeida
Escrivão do Tesouro — Rui Davila
Vedor das Obras — Pero Vaz

1494

Vereadores — Pero Vaz da Veiga, Rui Gomes da Grã e João de Albuquerque
Procurador — Álvaro Pires
Procuradores dos Mesteres — Fernando Anes, cirieiro, Martim Afonso, coronheiro, João Fernandes, alfaiate e Gonçalo Pires, alfaiate
Escrivão da Câmara — Nuno Fernandes
Porteiro da Câmara — Eduarte Godinho

Guarda da Câmara — Diogo Gil
Homens da Câmara — Martim Roiz, Luís Ribeiro e Pero Gonçalves
Juiz dos Órfãos — Fernão Álvares de Frielas
Escrivão dos Órfãos — Pero Anes

1495

Alcaide-mor — D. João de Castro, conde de Monsanto
Corregedor — Álvaro Vaz, cavaleiro
Vereadores — Duarte de Azevedo, Rui Mendes de Brito e Diogo de Lemos
Procurador — Diogo Vieira
Juizes do Crime — António Fernandes Moreira e Diogo Homem
Almotacés:

Abril:

Sagramor do Basto e João de Paiva

Maió:

Dr. Fernão Vaz de Caminha e Diogo Roiz

Junho:

Gil Roiz e Álvaro de...

Setembro:

Álvaro de Braga e Diogo de Figueiredo

Outubro:

Fernão Roiz de Almeida e Henrique de Lemos

Novembro:

Fernão de Vargas e Sagramor de Basto

Fevereiro e Março de 1496:

Gonçalo Pais e Lourenço Mendes

Procuradores dos Mesteres — Gomes Franco, borziguieiro, Pero Afonso, seleiro, Gonçalo Roiz, alfaiate e Luís Anes, sapateiro

Escrivão da Câmara — Nuno Fernandes

Guarda da Câmara — Diogo Gil

Homens da Câmara — Martim Roiz e Pero Gonçalves

Vedor das Obras — Pero Vaz

PROCURADORES DE LISBOA E CORTES

Cortes de Lisboa de 1439:

Pero de Serpa e João Lourenço Farinha

Cortes de Torres Vedras de 1441:

Rui Gomes da Betesga, Vicente Egas e Luís Anes, mercador

Cortes de Évora de 1442:

Tristão Vaz da Veiga e João Lourenço Farinha

Cortes de Évora de 1444:

Afonso Gomes, cavaleiro e Mem Roiz

Cortes de Lisboa de 1446:

Vicente Egas e João Careiro (?)

Cortes de Évora de 1461:

Jorge Vaz e Aires da Fonseca

Cortes de Montemor-o-Novo de 1477:

João Lopes, cavaleiro e Luís Fogaça, cavaleiro

Cortes de Lisboa de 1478:

Alvaro de Calvos e Luís Fogaça

Cortes de Évora de 1480-81:

Pero Vaz da Veiga, fidalgo

Cortes de Évora de 1490:

Pero Vaz da Veiga, fidalgo

(*Continua*).





OSORIO

«AS GAIVOTAS, NO CÉU DE LISBOA»

Lá em cima, no ar,
sobre a monotonia de estas casas,
sulcando sereníssimas os céus,
abrem a larga rima das suas asas,
lenços brancos do azul, dizendo adeus
ao vento e ao mar.

Fico-me a vê-las,
e meus olhos, de as verem, vão partindo
e voando com elas;
e a segui-las eu penso,
enquanto o olhar no azul se espraia e prega,
que há uma graça, que há um sonho imenso
em tudo o que flutua e que navega . . .

Lá vão, serenas . . . E são elas, quando
a tormenta, de noite, atroa e ronca e estala,
e o mar rasga com raiva os vendavais aos ais,
que, de noite velando, encarnam, piando,
almas de mestres que, no mar lutando,
o mar sepulta na profunda vala!

Para onde se desterram as gaiivotas,
contra o vento vogando, altas e belas,
essas voantes e pairantes frotas,
essas vivas e alvas caravelas?

Oh ânsia de partir! . . .
Abalar, navegar, flutuar, voar,
para onde? Mas ir . . .
As almas são irmãs do fugitivo fumo,
nostálgicas do fugitivo rumo,
ansiosas de pairar, e de subir . . .

Vão para o Longe . . . E lá desaparecem,
e levam-me consigo, e vou também . . .
Alongam-se os meus olhos e entristecem
com as vagas saudades que merecem
as coisas que se somem pelo além!

AFONSO LOPES VIEIRA

MOINHOS DE VENTO DE LISBOA

I — OS MOINHOS DA AJUDA

Poucas pessoas saberão que Lisboa era, ainda há um século, a capital europeia que maior número de *Moinhos de Vento* contava dentro do seu perímetro! Em 1834 trabalhavam nas colinas periféricas, limitadas pela «circunvalação», não menos de 100 moinhos de vento cuja produção se juntava à de cerca de 25 azenhas e ainda à de um reduzido número de velhas atafonas. O abastecimento da Cidade, porém, dependia principalmente dos Moinhos de Maré do estuário do Tejo e dos moinhos de vento e de água da região chamada «termo».

Os Moinhos de Vento constituíam motivo de curiosidade para os estrangeiros e forasteiros e o primeiro «Guia Turístico de Lisboa» — *The Stranger's Guide in Lisbon* — publicado em 1847 a eles se refere com estas palavras: «*The view from the opposite side of the Tagus is uncommonly grand. The noble river itself from one to four miles broad, the shipping, the widely extended city, with churches, palaces and monasteries, the aqueduct over the valley of Alcântara, the busy windmills on the nearer hills . . . compose a rich assemblage of objects forming a prospect which few places in the world can present*»⁽¹⁾. Como se lê, os moinhos eram equi-

parados aos mais famosos monumentos da Cidade reconhecendo-se a sua importância no conjunto da paisagem.

Em 1840 o engenheiro naval inglês, Simon Goodrich, interessou-se a tal ponto pelos moinhos lisboetas que deles fez um levantamento rigoroso, documento hoje guardado como verdadeira preciosidade no *Science Museum* de Londres⁽²⁾.

Ignora-se de quando datam os mais antigos Moinhos de Vento de Lisboa. É natural que de longa data tenha havido aproveitamento de ribeiros e veios de água para a instalação de moendas, concorrendo em melhores condições económicas com as atafonas manuais ou tocadas por bestas das quais temos testemunhos na documentação e na toponímia⁽³⁾.

Dos meados do Século XVI, pelo menos, eram os Moinhos de Vento do Alto da Cotovia — onde hoje corre a Rua D. Pedro V — um dos quais deu o nome à *Rua do Moinho de Vento*⁽⁴⁾; também desta época seriam os da encosta do Campo de Sant'Ana onde ainda se conserva, para memória, a *Calçada do Moinho de Vento*⁽⁵⁾.

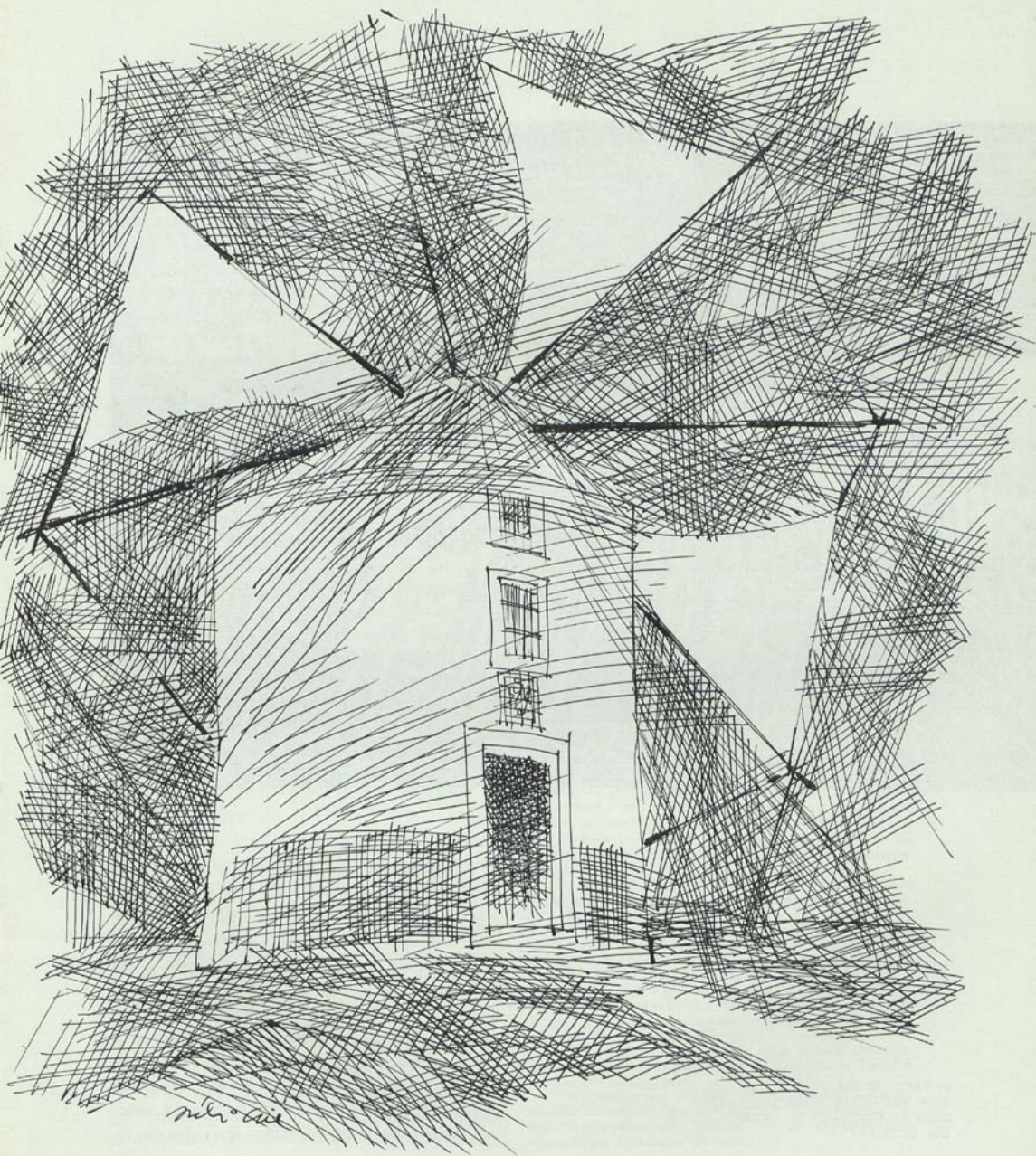
(1) Houve uma edição posterior desta obra, publicada em 1848. Nesta o autor é A. J. P., identificado por Vieira da Silva com Joseph Ihler, como se pode ver na nota a lápis que se lê no exemplar hoje guardado no Gabinete de Estudos Ulisiponenses (cota 2013 E1).

(2) No segundo estudo que projectamos *Os Sete Moinhos* tratamos mais detidamente de Simon Goodrich. Por agora diremos que este engenheiro veio viver para Portugal, tendo falecido em Lisboa em 1847. Está sepultado no cemitério inglês, da Estrela.

(3) Cristóvão Rodrigues de Oliveira refere no conhecido *Summario* e que brevemente se contém algumas coisas . . . que ha na cidade de Lisboa (1.ª ed. 1555) a existência de duzentos e dezasseis atafoneiros. É de notar que neste *Summario* não há qualquer menção a moinhos de vento, a azenhas ou a moleiros.

(4) A propósito do problema dos Moinhos do Alto da Cotovia, ver a comunicação da Ex.^{ma} Sr.^a D. Julieta Ferrão, Conservador-Chefe dos Museus da Cidade, ao I Simpósio Internacional de Molinologia, realizado em Cascais em Setembro de 1965, intitulada *Os Moinhos na Toponímia Lisboeta*.

(5) António Baião, no artigo *A Inquisição em Portugal e no Brasil* (in «Arquivo Histórico», vol. VIII, Jan.^o/Fev.^o 1910, p. 53) refere um processo em que figura o flamengo Jacques António, «morador no Campo de Santana, defronte dos moinhos de vento», em 18 de Março de 1594.



OLISSIPPO quae nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lusitana
Orientis, et multarum Insularum Aethiopicæ et Americæ e



121 Sacellum D.N. conglaciatus
122 Templum
123 Templum
124 Sacellum sancti Spiritus de alfama
125 Templum sancti Marci . 126
127 Templum sancti Ludouici
128 Templum sancti spiritus da pedreira
129 Ermita D.N. do monte



PORMENOR DA PLANTA DE LISBOA (BRAUNIO — SECULO XVI) DESTACANDO-SE OS MOINHOS DA COTOVIA

Tais moinhos quinhentistas, a ajuizar pelos testemunhos iconográficos — aliás de discutível rigor — seriam construídos em madeira conforme com os protótipos flamengos, segundo modelos adoptados na Europa Setentrional desde o Século XIII e de que houve outros exemplares em Portugal (*). Eram os «Standard Molen» ou «Post Mills» que se radicaram no norte da França, na Flandres e bem assim em Inglaterra, Alemanha e Escandinávia, precursores dos «wip molen» holandeses, tais como podem ser vistos nas conhecidas vistas de Lisboa derivadas das es-

tampas publicadas por Braunius no seu Atlas *Civitas Orbis Terrarum* (1.ª Ed. Colonia 1572) e localizados precisamente no Alto da Cotovia (7). No entanto sabemos que já naquela época, e positivamente desde o princípio do Século XVII, abundavam na região lisboeta os moinhos de vento de torre de alvenaria e «capelo» rotativo, quatro velas triangulares de pano, ou seja o tipo muito propriamente chamado «Moinho Português» (8).

Sem entrarmos em considerações históricas ou tecnológicas, diremos apenas o que é possível colher de alguma documentação oficial, particularmente dos *Livros de Lançamento da Décima da Cidade*, os mais antigos dos quais datam de 1762 (9). Também para não alargar demasiadamente o âmbito deste pequeno estudo referir-nos-emos apenas aos Moinhos da Freguesia da Ajuda, aquela onde se concentrava o maior número de engenhos.

A área da Freguesia da Ajuda estendia-se no meado do Século XVIII desde a margem direita do Ribeiro de Alcântara até ao Rio de Algés, abrangendo para a banda do Norte toda a vertente do maciço da Serra de Monsanto, confinando com a Freguesia de Benfica. Era nesta vasta zona a Oeste da Cidade que se encontravam os moinhos, aproveitando a corrente dos cursos de água citados, o fluxo da maré no grande moinho ribeirinho do Tejo — em cuja «caldeira» se abre hoje a Avenida de Ceuta (10) — e, sobretudo, o vento que abundantemente se oferecia de todos os quadrantes, varrendo os cabeços — então desprovidos de vegetação arbórea — ou infiltrando-se pelas quebradas da serra.

É certo que mais perto do mercado cidadão havia moinhos de vento — como por exemplo os dos altos dos «Sete Moinhos» e do «Carvalho», o de «Buenos Aires» à Lapa, os de «Santo Amaro» e da «Boa Hora» ou, ainda, os do «Campo de Santana», os do «Monte de São Gens» e os do «Vale Escuro» — mas era a poente do Vale de Alcântara que se estabelecera um verdadeiro centro moageiro, pré-anunciando as concentrações industriais dos nossos dias.

A distribuição dos moinhos de vento em 1762 fazia-se ao longo do caminho que da Junqueira ou de Belém subia à Serra de Monsanto — a chamada, mais tarde, Estrada dos Moinhos — espalhando-se para um e outro lado pelos cômodos do Carmão (11), pelo topo das Oliveiras (12), no Alvito sobre a Ribeira de Alcântara, e, mais para Oeste, por aselas até à entrada da Ribeira de Algés, mais propriamente em Linda-a-Pastora.

O lançamento da *Décima*, ou, melhor, o cadastro dos prédios colectados, era feito itinerariamente, indicando-se os arruamentos e os lados a que se referiam os números de registo matriciais. É assim relativamente fácil reconstituir as localizações dos moinhos e até reconhecer algumas ruínas os velhos engenhos descritos nas matrizes.

(7) Sousa Viterbo, no seu primoroso pequeno estudo *Archeologia Industrial Portuguesa — Os Moinhos*, publicado em 1896 (in «O Archeologo Português», vol. II, pp. 193-194), revela a Carta Régia de D. João II, de Agosto de 1552, concedendo privilégio a Jerónimo Fragoso, seu moço de estribeira, para este «...fazer hum moinho de vento na cidade d'Evora ao modo dos que ha em Frandres». Tratava-se de uma novidade que «hera ênobrecimento e proveito da cidade e nella não ouera nunqua moinho de vento desta maneira...». Na verdade não era o primeiro moinho de vento de Evora e já no século XVI uma das portas da cidade era conhecida por porta do moinho de vento. Esta referência é mesmo a mais antiga notícia que temos da existência de moinhos de vento em Portugal. (Boletim «Cidade de Evora», n.º 9-10, pp. 65).

(8) Vide nota 4 supra.

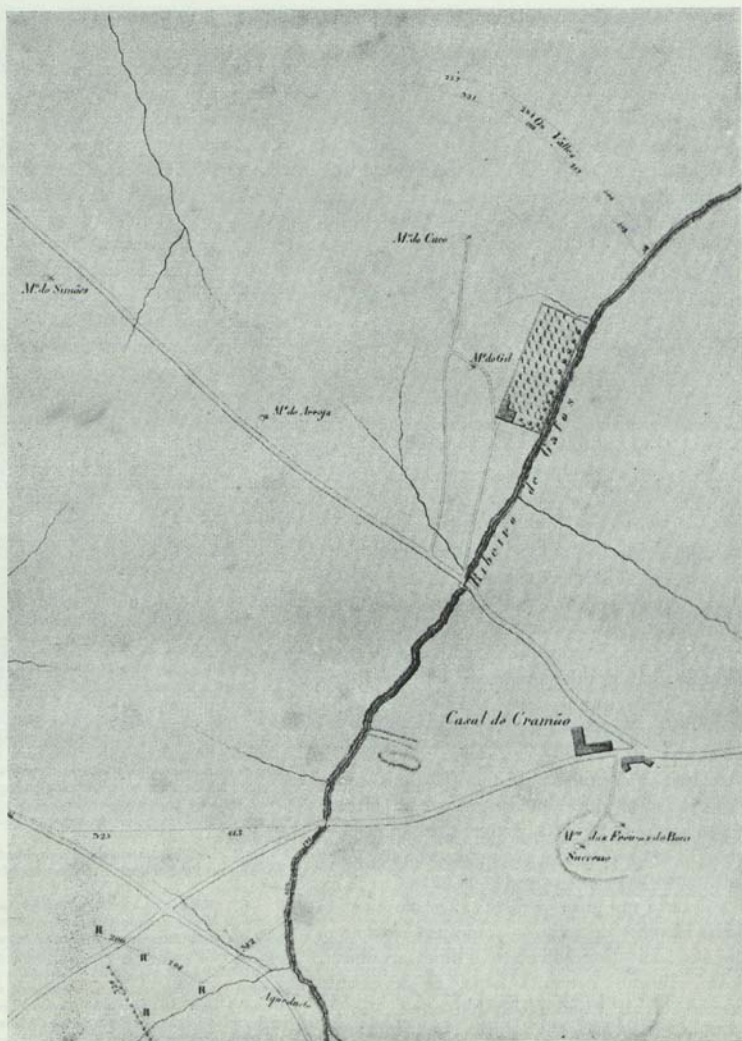
(9) Em trabalhos de enciclopedistas franceses do século XVIII há mais de uma referência a estes moinhos, acompanhadas de gravuras ilustrativas, onde eles são diferenciados com o nome «moulin portugais», apelação que os distingua e individualizava entre os demais tipos apresentados. Ainda na «Encyclopédia Londinensis» (Londres 1817) se reproduzem em gravura vários moinhos de vento os quais um «portuguese windmill».

(10) Este importantíssimo e inexplorado cartório encontra-se no Arquivo do Tribunal de Contas do Ministério das Finanças, em Lisboa.

(11) Sobre este e outros Moinhos de Maré apresentou o Ex.º Sr. Dr. Fernando Castelo-Branco no I Simpósio de Molinologia uma importante comunicação sob o título *Subsídios para o estudo dos Moinhos de Maré em Portugal*.

(12) É com esta grafia — Carmão — que aparece referido o local (também chamado «sítio das serras» e «casal das freiras») que, por deturpela popular, típica do falar lisboeta, se transformou em «Caramão da Ajuda». Carmão deve ser de facto o termo antigo e original, talvez apelido (feminino Carmona) que deu Carmões, v. g. S. Domingos de Carmões no Concelho de ALENQUER.

(13) Oliveiras era o termo genérico aplicado à encosta nascente da Serra de Monsanto, entre o Alvito e a encruzilhada dos caminhos «das Oliveiras» e «dos Moinhos», hoje conhecida por «Cruz das Oliveiras».



FORMENOR DA PLANTA
 DO ALMOXARIFADO DA AJUDA,
 COM REFERENCIA AOS MOINHOS
 DAS FREIRAS DO BOM-SUCCESSO

De notar, desde já, que muitos dos moinhos descritos naquele primeiro «lançamento» de 1762 eram então muito antigos alguns havendo mesmo que já estavam «arruinados» ou «devolutos» o que presuppõem construções vetustas, datando, pelo menos, do Século XVII.

Seria fastidioso enumerar um a um todos os moinhos descritos nos fólhos dos Livros dos Lançamentos — que cobrem, ano a ano, os prédios colectados entre 1762 e 1834 — onde constam os nomes dos proprietários, os rendeiros, os valores colectáveis, as descrições dos anexos, a contribuição aplicada e vários pormenores, aliás muito interessantes. É possível reconstituir assim toda a história dos moinhos desde 1762, assinalar as transmissões de propriedade, as novas construções

ou até as reparações, mas, para o caso que nos interessa em artigo de divulgação, teremos que nos cingir aos números mais elucidativos e tirar deles algumas lições.

Em primeiro lugar observaremos que os moinhos seriam praticamente de um único tipo e de uma mesma dimensão e, ainda que os seus valores colectáveis sejam diferentes, essas discrepâncias provêm do tipo de exploração — mais elevados para os moinhos que estavam «de renda» do que para aqueles que eram explorados pelo proprietário — ou do facto de terem uma ou mais mós.

Resumindo os elementos colhidos no *Lançamento* referente a 1762-63 temos a seguinte distribuição na Freguesia da Ajuda:

	MOINHOS			
	Em laboração		Parados	Total
	De moleiros	De renda		
Sítio dos Moinhos (futura Estrada dos Moinhos)	14	5	3	22
Sítio das Serras (incluia o Carmão e o Penedo)	3 ⁽¹³⁾	2 ⁽¹⁴⁾		5
Santo Amaro (desde o Alto ao Giestal)	3	2		5
Caselas e Ribeira de Algés	1	1		2
Ribeira d'Alcântara (do Alvito às Oliveiras)	4	1		5
Total da Freguesia da Ajuda				39
Em laboração por conta de proprietários	25			
Em laboração por conta de rendeiros		11		
Parados (arruinados e devolutos)			3	

Quarenta anos depois — 1802-03 — aumentara consideravelmente o número de moinhos na Freguesia da Ajuda. Poderíamos dar uma estatística deste crescimento anual mas basta, para o efeito, referir que o acréscimo se deu principalmente ao longo da já então Estrada dos Moi-

cipal de Lisboa em 1965, estando actualmente a ser mantidos em laboração pela Associação Portuguesa de Amigos de Moinhos. O outro, encravado no Bairro Municipal do Carmão da Ajuda, seria, provavelmente o mais antigo. É um notável exemplar de arquitectura, infra-estrutura de abóbadas de alvenaria, tendo ainda uma inscrição onde se lê: ...do Bom Sucesso, Julgamo-lo do meado do século XVII.

⁽¹³⁾ Um destes moinhos era do célebre Sargento-Mor Pedro Teixeira, ligado ao atentado contra El-Rei D. José, proprietário de uma quinta ainda hoje testemunhada nas edificações do chamado «Casal de Pedro Teixeira». Seria o *Moinho Encarnado*, cuja torre se conserva integrada no Bairro do Carmão. Estava em 1762 arrendado ao moleiro António Duarte. Por sua vez Pedro Teixeira explorava directamente um moinho, sua propriedade, em Caselas.

⁽¹⁴⁾ Estes três moinhos pertenciam e eram explorados pelas freiras do Bom Sucesso. Dois deles — o Moinho de Santana e o Moinho Velho — ficavam propriamente no chamado «Casal das Freiras» e foram reconstruídos pela Câmara Muni-

PORMENOR DA PLANTA DE LISBOA
(FILIPE FOLQUE) COM OS MOINHOS
DO CARAMÃO E OUTROS

sob a direcção do general
FILIPPE FOLQUE
rector geral dos trabalhos geodesicos
Publicada em 1871



nhos de Monsanto aparecendo novos moinhos na Calçada da Tapada e ainda no Penedo, ou seja,

na parte superior do Carmão. A distribuição, agora, era a seguinte:

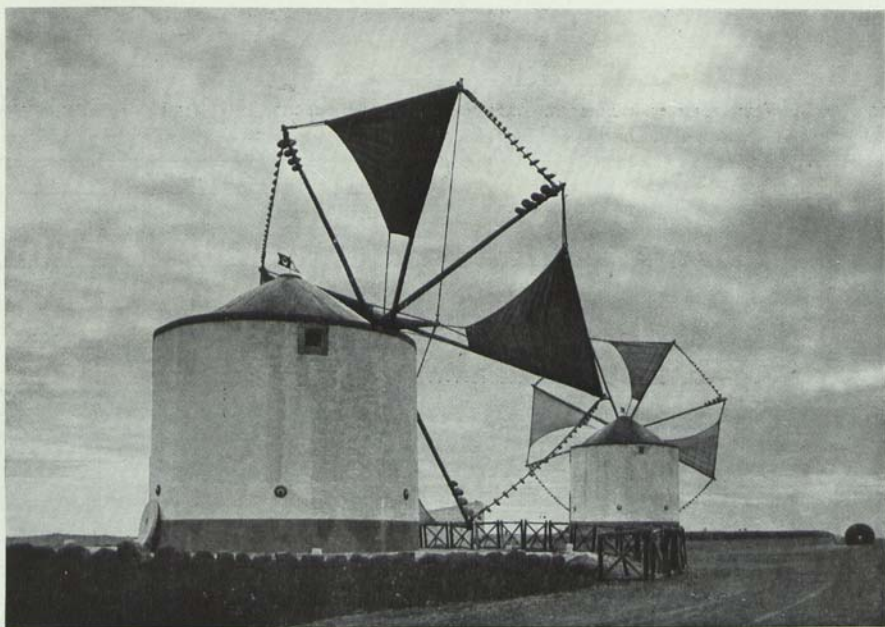
	MOINHOS			
	Em laboração		Parados	Total
	De moleiros	De renda		
Monsanto (Estrada dos Moinhos)	21	17	3	41
Carmão e Penedo	3	7		10
Santo Amaro		5		5
Caselas e Ribeira de Algés	1	1		2
Ribeira de Alcântara	4	2		6
Calçada da Tapada		3		3
Total da Freguesia da Ajuda				67
Em laboração por conta própria	29			
Em laboração por conta de rendeiros		35		
Parados			3	

Volvidos mais trinta anos — 1834 — podemos ainda colher no último *Livro de Lançamento da Décima* outros elementos, agora ainda mais explícitos. A técnica dos Lançamentos aper-

feçoara-se com as enumerações por arruamentos, podendo no entanto agrupar-se para efeitos comparativos os seguintes:

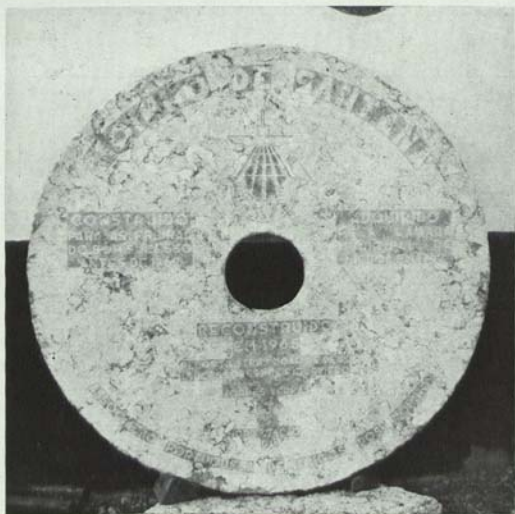
	MOINHOS			
	Em laboração		Parados	Total
	De moleiros	De renda		
Estrada dos Moinhos	2	3	1	6
Calçada da Ajuda	2	2		4
Pimenteira	4	5		9
Casal do Cano		1		1
Monsanto (Serra)	11	18	6	35
Oliveiras		4		4
Carmão e Penedo	8	11	4	23
Caselas e Ribeira de Algés	2	2		4
Total da Freguesia da Ajuda ⁽¹³⁾				86
Em laboração por conta própria	29			
Em laboração por conta alheia		46		
Parados (devolutos)			11	

⁽¹³⁾ A partir de 1822 deixou de fazer parte da freguesia a zona de Santo Amaro onde, aliás, se conservavam em 1834 os 5 moinhos mencionados desde 1762, três dos quais abandonados.



MOINHOS DO CARAMÃO
(AIUDA) 1966

LAPIDE COLOCADA JUNTO
DO RECONSTRUIDO MOINHO
DE SANTA ANA



Do estudo destas listas ressalta o manifesto progresso na utilização dos moinhos de vento nesses setenta anos, acompanhando o crescimento demográfico da Cidade, quando ainda não se desenvolvera o estabelecimento das moagens industriais que os haviam de substituir. O grande crescimento deu-se principalmente no decénio 1810-1820 e já em 1834 é grande o número de moinhos devolutos e abandonados na Freguesia da Ajuda, resultado por um lado da concorrência dos moinhos do Termo e da Outra Banda — onde o número aumentará consideravelmente desde o princípio do século — e ainda pela crescente urbanização da Cidade e até aumento das importa-

ções de farinha, vindas principalmente de Inglaterra.

Também se reconhece que, de uma forma geral, os moinhos de vento que primitivamente eram explorados por conta própria — construídos e mantidos pelos próprios moleiros ou laborando para os seus proprietários — passaram a ser dados de renda, constituindo assim um «emprego de capital» ou seja uma verdadeira «indústria» de investimento capitalista substituindo-se à actividade artesanal.

Poderemos resumir no seguinte quadro a evolução:

	A N O S		
	1762	1803	1834
Trabalhando por conta própria	25 (64%)	29 (43%)	29 (34%)
Trabalhando por conta alheia	11 (28%)	35 (52%)	46 (55%)
Paralizados	3 (8%)	3 (5%)	11 (11%)
Totais	39 (100%)	67 (100%)	85 (100%)

Analisando as relações nominais dos proprietários e rendeiros dos moinhos, verificámos que, ao contrário do que seria de supor, poucos são os moinhos que se mantêm na mesma família. O moinho, particularmente a partir de 1800, é frequentemente transaccionado e, mesmo os que são feitos de novo, passam de mão dentro de relativamente poucos anos. Em muitos casos são os rendeiros que os adquirem para por sua vez os venderem e, de notar, é a valorização do moinho — pelo menos para efeitos fiscaes — de cada vez que passa de dono. Assim, por exemplo, o Moinho de Pedro Teixeira que estava avaliado numa renda de 24 000 réis em 1762, valia 70 000 réis em 1803 e é arrendado em 1834 a José Homem por 115 000 réis.

Igualmente se observa que em 1762 — salvo raras excepções — cada proprietário tem apenas um moinho e cada rendeiro somente uma unidade (*).

Em 1802-03 já é nítida a tendência para a concentração. São muitos os proprietários de três moinhos — sempre arrendados — e alguns rendeiros exploram mais de um moinho tendo moleiros a trabalhar por sua conta. Em 1834 aquela tendência acentua-se e encontramos mesmo como proprietários de Moinhos de Vento verdadeiros «capitalistas», tais como o Conde de Farrobo, Cláudio Pierre Hoet, o Dr. Manuel Alves do Rio e outros.

Dos 85 moinhos colectados em 1834 é possível localizar quase todos nas cartas topográficas da Cidade (por exemplo na de Filipe Folque,

(*) Ressalvam-se os casos, por exemplo, de um Pedro da Silva que é proprietário de três moinhos que explora por sua conta (com moleiros assalariados) e de mais um que deu de renda a Teresa Maria Viúva. E também o caso dos Moinhos do Carmão das Freiras do Bom Sucesso, que ainda em 1762 mantinham moleiros por sua conta passando a arrendar os moinhos entre 1780 e 1800.

de 1856) com a indicação do seu estado de conservação. Ali se vêem, pelo menos, 50 moinhos arvorados outros havendo com a sinalização de estarem abandonados ou em ruínas.

A partir de 1880, porém, decresce consideravelmente aquele número, mantendo-se teimosamente aqueles que, necessariamente, tinham melhores condições de vento ou clientela, mais fiel recrutada particularmente entre os agricultores da região que mandavam moer em regime de maquia.

Durante a Primeira Grande Guerra reanimaram-se ainda alguns velhos moinhos mas, passada a crise, o abastecimento de farinhas pela grande indústria retomou o seu crescente ritmo e, finalmente, em 1925 parou o último moinho da Freguesia da Ajuda — o chamado «Moinho do Penedo», hoje desaparecido entre o arvoredado do Parque Florestal de Monsanto.

Não houve, infelizmente, o cuidado de conservar os mais belos e melhor localizados Moinhos de Monsanto, antes alguns foram adaptados a vivendas — como o célebre «Moinho do Alferes», que pertenceu a Veva de Lima — ou transformados em arrecadações ou a fins militares — como o do Alto da Serafina.

Apenas, quando a Câmara Municipal de Lisboa urbanizou o Bairro do Carmão, houve o bom senso de integrar no plano director as carcassas de quatro moinhos de vento as quais se acham em pequenas pracetas ou coroando o Bairro. Nenhum desses moinhos está, porém, em condições de voltar a trabalhar. O mesmo não sucedeu, felizmente, com dois dos moinhos do «Casal das Freiras» — conservados em tempo pelo Clube de Golf dos Ingleses — os quais, desafogados no alto da Ajuda, foram em 1965 reconstituídos pela Câmara Municipal de Lisboa sob a orientação da Associação Portuguesa de Amigos de Moinhos e entregues aos cuidados desta agremiação para os manter em trabalho. São eles os últimos abencerragens dessa bateria de trabalhadores e ficarão como monumentos de uma das mais nobres actividades dos lisboetas, testemunhando o são critério da primeira Municipalidade do País para quem o progresso da Cidade não é incompatível com o respeito pelo passado. Oxalá o exemplo dado por Lisboa possa ser seguido pelas outras edilidades portuguesas e que se não percam totalmente os Moinhos de Vento e de Água que durante tantos séculos forneceram a farinha para o pão quotidiano dos portugueses.



SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA GERAL DE LISBOA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

POR COSTA GARCEZ

PAVÃO (José da Costa Garcez)

Ver: *Garcez (Costa)*

PAVIE (T. H.)

Lisbonne, la cour de Dona Maria in «Revue des deux mondes», Maio — Paris, 1874.

PAXECO (Óscar)

Lisboa e a revolução in «Boletim da Junta da Província da Estremadura» n.º 00, pp. 33 a 34 e 48 — Lisboa, 1939.

Santo António de Lisboa in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.ª série, n.º 2, pp. 125 a 137 — Lisboa, 1943.

Terceiro (O) Centenário da morte de D. Rodrigo da Cunha—O grande arcebispo de Lisboa, obreiro da restauração da independência in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.ª série, n.º 4, pp. 347 a 357 — Lisboa, 1943.

PAYVA (A. C.)

Ver: *Cruz (Bernardo da)*

PECANTET (Julião)

S. Francisco de Paula e a sua projecção lisboeta. (No 450.º aniversário da sua morte) in «Revista Municipal» n.º 76, pp. 5 a 23 — Lisboa, 1958.

PECCHIO (Joseph)

Lettres historiques et politiques sur le Portugal — Paris, s/d, 376 pp.

PEDEGACHE (Miguel Tibério)

Nova e fiel relação do terremoto que experimenton Lisboa e todo o Portugal no 1.º de Novembro de 1755 — Lisboa, 1756.

- PEGAS (Manuel Alvares)
Tratado histórico e jurídico sobre o sacrilégio furto, execrável sacrilégio que se fez em a Paroquial Igreja de Odivelas, termo da Cidade de Lisboa, na noite de 10 para 11 de Maio de 1671—Madrid, 1678, 215 pp.
- PEIXOTO (Afrânio)
Viagem na minha terra—Porto, 1938, 240 pp.
- PEIXOTO (Augusto)
Dois dedos de conversa—O Chiado—in «Revista Literária», Ano II (Fev.)—Lisboa, 1902.
- PELAYO (Jorge)
Lisboa, a cidade que fica bem, in Revista «Cinema» n.º 27, pp. 13 a 18—Lisboa, 1947.
- PENALBER (Bianor)
Imagens de Portugal—Rio de Janeiro, 1954.
- PEQUITO (Rodrigo Afonso)
Parecer sobre o projecto de melhoramentos do Porto de Lisboa—Lisboa, 1884.
- PEREIRA (Acúrcio)
Atravessando a Baixa pela mão de minha mãe in «Revista Municipal» n.º 34, pp. 7 a 10—Lisboa, 1947.
Boato (O) in «Olisipo» n.º 58, pp. 143 a 149—Lisboa, 1952.
Lisboa, 1899 in «Revista Municipal» n.º 43, pp. 5 a 16 e 43 a 52—Lisboa, 1949.
Lisboa nos últimos anos da monarquia in «Lisboa, Oito Séculos de História», pp. 611 a 629—Lisboa, 1947. *****
Minha (Da) janela—Quando tinha cinco anos in «Revista Municipal» n.º 22/23, pp. 17 a 22—Lisboa, 1944.
Teatros (Dois) populares do meu Bairro in «Olisipo» n.º 40, pp. 196 a 199—Lisboa, 1947.
- PEREIRA (Ângelo)
 Ver: *Inauguração (A) da Estátua Equestre...*
 Ver: *Terramoto (O) de 1755, etc.*
- PEREIRA (António)
Commentário latino e português sobre o terremoto e incêndio de Lisboa—Lisboa, 1756.
- PEREIRA (António Aluizio Jervis)
Instituição (Uma) lisboeta—As instalações da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, nas Amoreiras e Santo Amaro in «Olisipo» n.º 50, pp. 79 a 90—Lisboa, 1950.
- PEREIRA (António José)
Diálogos em que se descreve o magnífico festejo com que se celebrou a fantástica inauguração da Estátua Equestre—Lisboa, 16 pp.
- PEREIRA (Armando Gonçalves)
Porto de Lisboa—Conferência—in «L'Economie Maritime du Portugal»—Coimbra, 1934.
- PEREIRA (Augusto Xavier da Silva)
Guia Paroquial da Cidade de Lisboa para o ano civil de 1880 baseado em documentos oficiais—Lisboa, 1880, 95 pp.
- PEREIRA (Consigliéri Sá)
Lendas (As) da fundação—Mouras encantadas in «Revista Municipal», Ano XI, n.º 73, pp. 10—Lisboa, 1947.
- PEREIRA (Félix Alves)
Duas lápides suburbanas de Olisipo in «Arquivo Histórico de Portugal», vol. I, pp. 106 a 117—Lisboa, 1932/34.
Necrópole (A) de Olisipo e a via militar in «O Arqueólogo Português», vol. XXVI, pp. 182—Lisboa, 1924.
- PEREIRA (Gabriel Vítor do Monte)
Benfica (De) à Quinta do Correio-Mór—Lisboa, 1905, 29 pp.
Igreja (A) do Menino Deus in «Boletim da Real Associação dos Architectos e Arqueólogos Portugueses», tomo IX, 4.ª série, n.º 6—Lisboa, 1901.
Igreja (A) e o Mosteiro de Santa Joana in «Boletim da Real Associação dos Architectos e Arqueólogos Portugueses», tomo XI, 4.ª série, pp. 688—Lisboa.
Estudos diversos—Arqueologia, História, Arte e Etnografia—Pref. de D. José Pessanha—Notas de João Rosa—Lisboa, 1934, IX+526 pp.
Fragmentos relativos à História e Geografia da Península Ibérica—Caius Plinius Secundus Pomponius Mela—Evora, 1879, 34 pp.
Fragmentos relativos à História e Geografia da Península Ibérica—Floro, Sallustio, Eutrópio, Aurélio Victor, Scylax, Hannon, Ptolomeu; Itinerário de Antonino—Coimbra, 1880, 32 pp.
Lisboa e arredores—Inquirições do Reinado de D. Afonso III—Lisboa, 1902, 15 pp.
Monumentos nacionais—Conferência—Lisboa, 1909, 31 pp.

- Subúrbios (Pelos) e vizinhanças de Lisboa — Lisboa, 1910, 305 pp.
- Túmulos (Dois) na Sé de Lisboa in «Arte Portuguesa», Ano I, n.º 1, pp. 14 — Lisboa, 1895.
- Ver: Mooyer.
- PEREIRA (J. Moniz) e CUTILEIRO (José)
Frequência dos vários tipos de pneumococos na pneumonia lobar aguda em Lisboa — Lisboa, s/d.
- PEREIRA (João Camacho)
Colecção de gravuras portuguesas — Vieira da Silva escreveu o prefácio da 2.ª parte. Ver: *Diversos*, 3.ª volume — *Estampas antigas de Lisboa* — Lisboa, 1946.
- PEREIRA (João Manuel Esteves)
Inscrição (A) lapidária na Rua do Salvador (Monografia) — Lisboa, 1896, 16 pp.
- PEREIRA (José Manuel Esteves) e RODRIGUES (Guilherme)
Portugal — Dicionário histórico, etc. — 7 volumes — Lisboa, 1904.
- PEREIRA (L. A. Esteves)
Órgão (O) de S. Vicente de Fóra in «Olisipo» n.º 95, pp. 135 a 148 — Lisboa, 1961.
- PEREIRA (Luís Gonzaga)
Monumentos sacros de Lisboa em 1833 por (...) — Manuscrito n.º 215 da Secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa — Prefácio por Augusto Vieira da Silva — Lisboa, 1927, XVI + 524 pp.
- PEREIRA (Rui Neves)
Armazéns (Os) Frigoríficos da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhão in «Panorama», Ano 3.º, n.º 13, pp. 5 a 7 e 11 — Lisboa, 1943.
- PEREIRA CIDADE (Manuel)
Ver: *Cidade (Manuel Pereira)*
- PEREIRA DE CASTRO (Gabriel)
Ver: *Castro (Gabriel Pereira de)*
- PEREIRA DE SOUSA (Francisco Luís)
Ver: *Sousa (Francisco Luís Pereira)*
- PERES (Damião)
História de Portugal, edição de Barcelos — 9 volumes — Porto, 1928.
- PERES (Fernão)
Indiculus Foundationis Monasterii S. Vicentii in «Portugaliae Monumenta Histórica», vol. I, pp. 90 93 (Scriptores) — Lisboa, 1856.
- PERESTRELO (Afonso de Melo Cid)
Porto (O) de Lisboa e as suas obras — Conferência — Sep. da Revista «Técnica» — Lisboa, 1938, 9 pp.
- Portos e gares marítimas* — Lisboa, 1936.
- Portos (Os) de turismo* — Tese do 1.º Congresso Nacional de Turismo», 3.ª Secção — Lisboa, 1936.
- PÉREZ (Eduardo Aunós)
Historia de las ciudades — Madrid, 1943.
- PÉREZ (Nicolas Diaz y)
Madrid (De) a Lisboa — Madrid, 1877, 947 pp.
- PÉREZ (Rogério)
Praças e corridas de touros em Lisboa in «Revista Municipal» n.º 6, pp. 35 a 37 — Lisboa, 1940.
- PERMONT (Laure de Saint Martin)
Mémoires de Madame la Duchesse d'Abrantes — 10 volumes (Ver: Volumes V e VII) — Paris, 1893.
- Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal, de 1808 à 1811* — 2 volumes (Ver: Volume II) — Paris, 1837.
- Ver: *Savine (Albert)*
- PERROQUIER (André) [Maître]
Tragédie (La) de [...], ou le tremblement de terre de Lisbonne — Tragédie en cinq actes et en grand vers, de toutes mesures — Paris, 1805.
- PERRY VIDAL (Frederico Gavazzo)
Ver: *Vidal (Frederico Gavazzo Perry)*
- PESSANHA (José Maria da Silva)
Altar (O) de S. Vicente na Sé de Lisboa in «Revista de Arqueologia», vol. II, pp. 3 — Lisboa, 1935.
- Fábrica (A) de Louça do Rato* — Lisboa, 1898, 19 pp.
- Ver: *Pereira (Gabriel Vítor do Monte)*
- PESSANHA (José da Silva), VALDEZ (José Joaquim da Ascensão) e SOUSA (Alberto de)
Quadros (Os) da Biblioteca Nacional de Lisboa (1915) — Lisboa, s/d, 6 pp.
- PESSANHA (Sebastião)
Museu (O) do Conservatório de Lisboa in «Revista de Arqueologia», vol. I, pp. 265 — Lisboa, 1934.

- PEZERAT (Pedro José)
Dados e estudos para um projecto de abastecimento de águas e sua distribuição em Lisboa—Lisboa, 1855, 64 pp.
- PFAFF (Friedrich)
Vulkanischen (Dies) Erscheinungen—München, 1871.
- PFÜLF (Otto)
Heerfahrt (Die) des sel. Heinrich von Bonn und Seinergefahrten in «Stimmen aus Maria-Laach», tomo XLVII, pp. 24 a 48—Breisgau, 1894.
- PIANO (Mariano de)
Compendiosa narração da vida do venerável padre Fr. Lourenço de Brindise—Lisboa, 1752.
- PICCINI
 Ver: *Aumer (M.)*
- PIDERIT (Johann Rudolph Anton)
Freye Betrachtungen über das neulich e erdeden zu Lissabon und andern vertern welches zugleich nach den nothwen digsten umstandem beschrieben wird—Marburg, 1756.
- PILOTO (João António)
Vida (A) e a obra do architecto João Frederico Ludovice in «Revista Municipal» n.º 52, pp. 33 a 39—Lisboa, 1952.
- PIMENTA (Alfredo Augusto Lopes)
Conquista (A) de Lisboa em 1147—Nota à margem da História de Portugal de Alexandre Herculano—Lisboa, 1937, 24 pp.
- Façanha (A) de Martim Moniz*—Lisboa, 1940, 21 pp.
- Façanha (A) de Martim Moniz in «Revista Municipal» n.º 49, pp. 51 a 58*—Lisboa, 1951.
- PIMENTEL (Alberto Augusto de Almeida)
Amantes (As) de D. João V—Lisboa, 1892, 276 pp.
- Através do passado*—Paris, s/d, 294 pp.
- Corte (A) de D. Pedro IV, 2.ª ed.*—Lisboa, 1914, 316 pp.
- Espelbo de portugueses*—Lisboa, 1901, 216 pp.
- Estremadura (A) portuguesa*—2 volumes—Lisboa, 1908/9.
- Figuras humanas*—Lisboa, 1905, 200 pp.
- Fitas de Animatógrafo*—Lisboa, 1909, 195 pp.
- Fotografias de Lisboa*—Porto, 1874, 120 pp.
- História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*—Lisboa, 1899, 499 pp.
- Homens e datas*—Porto, 1875, 204 pp.
- Lobo (O) da Madragoa*—Lisboa, 1954, 384 pp.
- Memórias do tempo de Camilo*—Porto, 1913, 199 pp.
- Ninho do Guincho*—Lisboa, 1903, 201 pp.
- Poeta (O) Chiado (Novas investigações sobre a sua vida e escriptos)*—Lisboa, 1901, 59 pp.
- Portugal de cabeleira*—Pará, 1875, 248 pp.
- Romance (O) do Romancista*—Lisboa, s/d, 305 pp.
- Triste (A) Canção do Sul*—Lisboa, 1904, 302 pp.
- Última (A) Corte absolutista em Portugal*—Lisboa, 1893, 347 pp.
- Vida de Lisboa*—Lisboa, 1900, 195 pp.
- Vinte anos de vida literária*—Lisboa, 1908, 198 pp.
- Ver: *Mata (João da)*
- PIMENTEL (António Augusto Álvares Pereira de Sampaio Forjaz)
 Ver: *Forjaz (António Pereira)*
- PIMENTEL (Marcelino da Silva)
Relação do notável incêndio e lastimoso estrago que houve no Real Convento de S. Francisco da Cidade, em Quinta-feira 30 de Novembro de 1741—Lisboa, 1741, 12 pp.
- PINA (Luís de)
Garcia de Orta no magistério universitário de filosofia natural em Lisboa—Sep. de «O Médico» n.º 638—Porto, 1963.
- Porto (O) na conquista de Lisboa in «Duas cidades ao serviço de Portugal», vol. I, pp. 1 a 42*—Porto, 1947. ●
- regresso a Deus—Batalha sem fim—Do Porto cristão à Lisboa mourisca*—Porto, 1947, 26 pp.
- Vida (A) social lisboeta na «Polyanthea» de Curvo Semedo in «Revista Municipal» n.ºs 20/21 e 22/23, pp. 5 a 16 e 39 a 51*—Lisboa, 1944.

- PINA (Luís de Andrade de)
Lisboa, menina bonita do cinema in «Jornal de Turismo», Abril de 1962—Porto, 1962.
- PINHEIRO (Araldo César de C.)
Movimento dos mercados abastecedores de produtos hortícolas na cidade de Lisboa—Sintra, 1946, 59 pp.
- PINHEIRO (Chaby)
Memórias—Lisboa, 1938, 144+220 pp.
- PINHEIRO (Joaquim Gil)
Roteiro de Lisboa—Histórico, hidrográfico, corográfico, arqueológico e estatístico—São Paulo, 1905, III+306 pp.
- PINHEIRO (Rafael Bordalo)
Album das Glórias—Desenhos de R. B. P., textos de João Rialto (Guilherme de Azevedo) e João Ribaixo (Ramalho Ortigão)—Lisboa, 1880.
Lazareto (No) de Lisboa—Lisboa, 1881, 56 pp.
- PINHO LEAL (Augusto Soares de Azevedo Barbosa de)
 Ver: *Leal (Pinho)*
- PINTO (Américo Cortês)
Famosa (Da) Arte da imprimeira—Lisboa, 1948, 49º pp.
Lisboa (Um) ilustre—O conselheiro, capitão-de-mar-e-guerra João António Brissac das Neves Ferreira in «Revista Municipal» n.º 62, pp. 33 a 40—Lisboa, 1954.
Monsanto—A paisagem e o espírito in «Revista Municipal» n.º 41, pp. 5 a 10—Lisboa, 1949.
Poetas de Lisboa in «Revista Municipal» n.º 32, pp. 41 a 46—Lisboa, 1947.
Santo (O) de Lisboa e o Infante de Sagres—Conferência—Lisboa, 1960, 48 pp.
- PINTO (António Correia de Sequeira)
 Ver: *Epítome dos melhoramentos, etc.*
- PINTO (António Joaquim Gouveia)
Exame crítico e histórico relativo aos expostos—Lisboa, 1828.
- PINTO (Augusto Cardoso)
Ainda a propósito do Palácio das Janelas Verdes e das suas obras in «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», vol. II, pp. 13 e 179—Lisboa, 1941.
- Escola (Uma) de guias* in «Revista Municipal» n.º 36, pp. 35 a 37—Lisboa, 1948.
Notas para a história do Palácio das Janelas Verdes—Sep. do «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», vols. I e II, fascs. 3, 5 e 8—Lisboa, 1943, 38 pp.
Porcelana portuguesa—Uma colecção de pseudo-camafeus—Sep. de «Armas e Troféus», vol. I, fasc. 3—Lisboa, 1932, 15 pp.
 Ver: *Catálogo da Exposição de Cerâmica Ulissiponense.*
- PINTO (Fonseca)
Ruínas do Carmo in «Artes e Letras», vol. II, pp. 20—Lisboa, 1873.
- PINTO (Matias Pereira de Azevedo)
Diário dos sucessos de Lisboa desde o terremoto até ao extermínio dos jesuítas—Lisboa, 1766, 65 pp.
- PIRES (António Caldeira)
História do Palácio Nacional de Queluz—Lisboa, 1926, 365 pp.
Lisboa em relance—Lisboa, 1898, 83+XLIV pp.
Lisbonne à vol d'oiseau—Lisboa, 1898, 104 pp.
- PIRES (Eurico de Sampaio Satúrio)
Alvorecer da Pátria—A Tomada de Lisboa em 1147—Conferência—Lisboa, 1935, 14 pp.
- PIRES (Mário)
Geologia de Lisboa in «Revista Municipal» n.º 90, pp. 63 a 74—Lisboa, 1961.
Primeira (A) reportagem sobre Lisboa e arredores in «Revista Municipal» n.º 89, pp. 73 a 77—Lisboa, 1961.
Tejo (O)—Versões: portuguesa, inglesa, francesa e alemã. N. B.—Este texto foi inserto em «Lisboa, cidade de turismo» com o título «O Tejo, espelho de Lisboa», pp. 96 a 111—Lisboa, s/d (1964?), 41 pp.+gravuras.—Lisboa, s/d (1964?), 41 pp.**
Tejo (O) Rio internacional, Rio português e Rio de Lisboa in «Revista Municipal» n.º 95, pp. 7 a 10—Lisboa, 1962.
- PIRES DE LIMA (Durval Rui)
 Ver: *Lima (Durval Rui Pires de)*
- PISTORIUM (Joannes)
 Ver: *Dodechinus*

- POMBAL (Marquês de)
Ver: *Melo (Sebastião José de Carvalho e)*
- POMBO (Ruela)
Cinzas de Lisboa: I — A realeza; II — A religião; III — A Cidade; IV — O Tejo; V — A cultura; VI — Bibliografia in «Olisipo» n.º 51, pp. 132 a 140 — Lisboa, 1950.
Convento (O) de S. Domingos antes do terramoto de 1755 in «Olisipo» n.º 46, pp. 75 a 79 — Lisboa, 1949.
Memórias paroquiais de Lisboa — Santa Justa & Rufina (1668-1702) in «Olisipo» n.º 44, pp. 227 a 230 — Lisboa, 1948.
Paço (O) do Peçanha, ou o Bairro do Duque de Caminha, ou o Bairro do Marquês de Vila Real in «Olisipo» n.º 47, pp. 159 a 171 — Lisboa, 1949.
- PONCINS (Léonide)
Portugal (Le) Renait — Paris, 1936.
- PONTE (António Tomás da Guarda Cabreira de Faria e Alvelos Diego de)
Ver: *Cabreira (António)*
- POPIELOVO (Nicolas de), STEBLOVO (Erich Lasota de) e SOBIESKI (Jacob)
Viajes de extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII — Coleccion de Javier Liske, traduções por F. R. — Madrid, 1878, 267 pp.
- PORTELA (Artur)
Mortos (Os) falam — Lisboa, 1943, 194 pp.
- PORTELA (Artur), RAMOS (João Ortigão), CASTRO (Augusto de), BARROS (José Leitão de) e MARQUES (Alfredo)
Bodas (As) de Ouro do São Luís — Lisboa, 1945, 38 pp.
- PORTELA (Severo)
Bulhão Pato (Entre) e Fialbo de Almeida in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.ª série, n.º 3, pp. 253 a 260 — Lisboa, 1943.
Quarenta anos são passados in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.ª série, n.º 4, pp. 391 a 396 — Lisboa, 1943.
Ver: *Sanches (José Dias)*
- PORTUGAL (Eduardo)
Bilhete (O) postal como elemento de propaganda in «Primeira Reunião Olisiponense», vol. 1, pp. 121 a 122 — Lisboa, 1948*
Parque Eduardo VII — Estufa Fria — Fotografias de (...) — Lisboa, 1935.
- PORTUGAL (Francisco de Almeida)
Memórias, comentadas pelo Marquês do Lavradio D. José de Almeida Correia de Sá — Revistas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrada — Primeira parte (1796-1833) — 6 volumes — Coimbra, 1932/46.
- PORTUGAL (José da Cunha Neves e Carvalho)
Ver: *Rozmihal (Löv)*
- POVOLIDE (Condessa de)
Nossa Junqueira — Lisboa, 1959, XV + 662 pp.
- PRADE (E. Pyrent de la)
Mélanges — Paris, 1889, 243 pp.
- PRESTAGE (Edgar) e AZEVEDO (Pedro Augusto de São Bartolomeu)
Registos da Freguesia da Sé, desde 1563 até 1610, com introduções, notas e índices por (...) — 2 volumes — Coimbra, 1924/27.
Registos paroquiais de Lisboa — Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castelo desde 1536 até 1628 — Coimbra, 1913, XXVIII + 142 pp.
- PRINCIPE DE LICHNOWSKY
Ver: *Lichnowsky (Félix)*
- PRINCESA DE RATTAZZI
Ver: *Wyse (Marie Laetitia Studolmine)*
- PROENÇA (Álvaro)
Benfica através dos tempos — Lisboa, 1964, 53 pp.
- PROENÇA (Raul Sangremann)
Encyclopédia pela imagem — Lisboa — Porto, s/d, 64 pp.
Guia de Portugal — 3 volumes (Ver 1.º volume) — Lisboa, s/d.
Lisboa — Porto, s/d, 64 pp.
- PTOLOMEUS (Cláudius)
Geographia opus novissima traductione ex grecorum archetypis castigantissime pressum — Estarburgo, 1513.
Ver: *Pereira (Gabriel Vítor do Monte)*
- PULIDO GARCIA
Ver: *Garcia (José da Orta Cano Pulido)*
- PURIFICAÇÃO (António da)
Crónica dos eremitas de Santo Agostinho — Lisboa.

Q

- QUADROS (António)**
Enigma (O) de Lisboa — Ensaio de Psicologia e Psicografia de uma cidade — Lisboa, 1918, 14 pp.
Gosto de Lisboa! in «Panorama», vol. V, n.º 32/33 — Lisboa, 1947.
Monumentos (Os) de Lisboa in «Revista Municipal» n.º 92/93, pp. 16 a 22. N. B. — Está assinado *Quadros Ferro* — Lisboa, 1962.

- QUADROS (Luís de)**
Grandes (As) obras cidadinas — Campo Grande in «Revista Municipal» n.º 36, pp. 12 a 18 — Lisboa, 1948.

- QUARTAU (Oliveira)**
Aquarelas de Lisboa — Feriado na praia in «Revista Municipal» n.º 78, pp. 29 a 30 — Lisboa, 1958.

- Aquarelas de Lisboa — Jardim da Rocha* in «Revista Municipal» n.º 76, pp. 55 a 56 — Lisboa, 1958.

- QUEIRÓS (José)**
Azulejos de S. Vicente de Fóra in «Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses», tomo XIII, 5.ª série, n.º 2, pp. 70 e 72 — Lisboa, 1915/1921.

- Cerâmica portuguesa* — Lisboa, 1907, VIII + 449 pp.

- Olarias do Monte Sinai* — Lisboa, 1913, IX + 119 pp.

- Tapeçarias (As) do Paço da Ribeira* in «Terra Portuguesa» n.º 6, pp. 179 — Lisboa, 1916.

- QUEIRÓS (José Maria de Eça de)**
Campanha (Uma) Alegre — 2 volumes — Lisboa, 1908.

- Capital (A)* — 6.ª ed. — Porto, 1945, 534 pp.

- Correspondência (A) de Fradique Mendes*, 11.ª edição — Porto, 1941, 261 pp.

- Mais (Os)*, 7.ª edição — 2 volumes — Porto, 1924.

- Primo (O) Basílio* — Porto, 1950, 561 pp.

- Prosas bárbaras*, 4.ª edição — Porto, 1909, LXVIII + 284 pp.

- Últimas Páginas* — Porto, 1918, VII + 502 pp.

- QUEIRÓS (Teixeira de)**
Caridade (A) em Lisboa — 2 volumes — Lisboa, 1901.

- QUEIRÓS VELOSO (José Maria)**
 Ver: *Veloso (José Maria Queirós)*

- QUENTAL (Arnaldo F. de Sousa)**
Aspectos da salubridade de Lisboa — Lisboa, 1961.

- QUETIN**
Guide en Espagne et en Portugal — Paris, 1842.

- QUILLARDER**
Espagnols et Portugais chez eux — Paris, 1905, 134 pp.

- QUILLIANAN (Dora)**
Journal of a few month's residence in Portugal and glimpses of the south of Spain — 2 volumes — London, 1847.

- QUINET (Edgar)**
Vacances (Mes) en Espagne — Paris, 1846, 212 pp.

- QUINTIN (Janine) e VIDAL (João Pina)**
Parque Municipal de Turismo e Campismo — Versões: portuguesa, francesa, inglesa e alemã. N. B. — Este texto foi inserto em «Lisboa, cidade de turismo», com o título «Na zona florestal de Monsanto — O parque de campismo e turismo», pp. 138 a 147 — Lisboa, s/d, 43 pp. + gravuras **

- QUINTINHA (Julião)**
Lisboa e o seu encanto marítimo in «Revista Turismo», Ano XI, n.º 72, pp. 3 a 5 — Lisboa, 1947.

- QUITA (Domingos dos Reis)**
Obras de (...) — 2 volumes — Lisboa, 1781.

R

- R...
Complemento ao volume II da «Lisboa Antiga» de Júlio de Castilho — Conquista de Lisboa aos Mouros (1147) narrada pelo cruzado Osberno... pelo Dr. José Augusto de Oliveira — Lisboa, 1935, 88 pp.

Expugnacione (De) Lyxbonensi, the conquest of Lisbon edited from the unique manuscript in Corpus Christi College, Cambridge, with a translation into English by (Chaples Wendell David — New-York, 1936, X + 204 pp.

Expugnacione (De) Olisijponis A.D. MCXLVII — Monumenta III in «Portugaliae Monumenta Historica, vol. I, pp. 391 a 405 (Scriptores) — Olisipone, 1856.

- RACZYNSKY (Armand)
Arts (Les) en Portugal — Paris, 1846, 548 pp.
Cartas dirigidas pelo Conde (...) a Ferdinand Denis perficadas e anotadas por Henrique de Campos Ferreira de Lima — Lisboa, 1932, 49 pp.
Dictionnaire historico-artistique du Portugal — Paris, 1847, XII + 306 pp.
- RAMALHO (M. Costa)
Cidades de Portugal — Lisboa — Monumentos — Monografia de Propaganda do «Guia de Portugal Artístico» — Lisboa, 1933, 16 ffs.
- RAMALHO (Miguel Maurício)
Lisboa reedificada — Poema épico — Lisboa, 1780, 307 pp.
- RAMALHO (Robélia de Sousa Lobo)
Guia de Portugal Artístico — 5 volumes — Lisboa, 1933/38.
- RAMALHO ORTIGÃO (José Duarte)
 Ver: *Ortigão (Ramalho)*
- RAMOS (Gustavo Cordeiro)
A propósito de uma novela de Kleist inspirada dos estudos de Kant sobre o terremoto de 1755 — Sep. do «Boletim de 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa», vol. XVI — Coimbra, 1925.
- RAMOS (Jorge)
Lisboa, o eterno motivo — *A Cidade noiva* in «Revista Municipal» n.º 70, pp. 41 a 42 — Lisboa, 1956.
- RAMOS (João Ortigão), CASTRO (Augusto de), BARROS (José Leitão de), PORTELA (Artur) e MARQUES (Alfredo)
Bodas (As) de Ouro do São Luís — Lisboa, 1945, 38 pp.
- RAMOS (José da Silva)
Misericórdia (A) de Lisboa — Lisboa, 1931, 123 pp.
- RAMOS (Manuel de Oliveira), CHAGAS (Manuel Pinheiro), COLEN (J. Barbosa), GOMES (Marques) e GALES (Alfredo)
História de Portugal popular e ilustrada — 14 volumes — Lisboa, 1899/1909.
- RAMOS (Teodoro Lopes)
Curto passeio na velha Lisboa in «Olisipo» n.º 65, pp. 151 a 154 — Lisboa, 1953.
Primórdios (Os) da fundação do Grupo «Amigos de Lisboa» in «Olisipo» n.º 94, pp. 88 a 92 — Lisboa, 1961.
- RANQUE (H.)
Lettres sur le Portugal, écrites à l'occasion de la guerre actuelle par un français établi à Lisbonne avec de observations sur le voyage du duc du Chatelet, et des détails sur les Finances de lo royaume. Publiées por (...) — Paris, s/d, XXXVIII + 126 pp.
- RAPIN (G.)
Tableau (Le) des calamités, ou description exacte et fidele de l'extinction de Lisbonne — sl, 1756, 75 pp.
- RAPOSO (Hipólito)
Resgate (O) de Lisboa in «Anais das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais» n.º 14, Ano IV, pp. 27 a 35 — Lisboa, 1934.
- RAPOSO (Hipólito), MACEDO (Luís Pastor de), SEQUEIRA (Gustavo Adriano de Matos), ARAÚJO (Norberto Moreira de), COLAÇO (Tomás Ribeiro), BRAMÃO (Alberto), LEMÓS (Abílio Pinto de) e SARAIVA (João)
Evocação do Café Martinho — Lisboa, 1936, 47 pp.
- RAPOSO (Hugo)
Centenário (O) do «Arquivo Pitoresco» in «Olisipo» n.º 80, pp. 153 a 161 — Lisboa, 1957.
Crónica — *Sob o domínio do metro quadrado* in «Olisipo» n.º 11, pp. 135 a 136 — Lisboa, 1940.
Crónica — *Um milhão de habitantes é demais* in «Olisipo» n.º 13, pp. 26 a 28 — Lisboa, 1941.
Marcenaria (A) Portuguesa in «Olisipo» n.º 40, pp. 239 a 241 — Lisboa, 1947.
Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa in «Olisipo» n.º 90, pp. 65 a 73 — Lisboa, 1960.
Notas biográficas sobre o Eng.º Vieira da Silva in «Olisipo» n.º 54, pp. 9 a 15 — Lisboa, 1951.
Palácio (O) do Conde de Oeiras in «Olisipo» n.º 100, pp. 160 a 168 — Lisboa, 1962.
Palmatória (A) de S. Roque in «Olisipo» n.º 55, pp. 104 a 106 — Lisboa, 1951.
- RAPOSO (João Rebelo) e LOBATO (Luís de Guimarães)
O «Controle» da Expansão das Cidades in «Revista Municipal» n.º 69, pp. 26 a 32 — Lisboa, 1956.
- RATOLA (Francisco Simões)
Notícia do chafariz de Pedrouços — Lisboa, 1907, 23 pp.

- RATTAZZI (Princesa)
Ver: *Wise (Marie Laetitia Studolmine)*
- RATTON (Jacome)
Recordações — 2.^a ed. — Coimbra, 1920, XVII + 340 pp.
- RAU (Virgínia)
Subsídios para o estudo das Feiras Medievais Portuguesas — Lisboa, 1943, 171 pp.
Subsídios para o estudo do movimento dos Portos de Faro e Lisboa durante o Século XVII — Sep. dos «Anais da Academia Portuguesa de História», 2.^a série, vol. V — Lisboa, 1954.
- READERS (Georges)
Images de Lisbonne in «Figaro Artistique Illustré» — Paris, 1931.
- REAL (João Afonso Corte)
Condicionamento (O) habitacional em Lisboa — Lisboa, 1948, 17 pp.
Lisboa, centro da unidade de Portugal in «Boletim da Junta Distrital de Lisboa» n.º 57/58, pp. 9 a 36 — Lisboa, 1962.
Lisboa ignorada in «Boletim da Junta Distrital de Lisboa» n.º 55/56, pp. 7 a 20 — Lisboa, 1961.
Lisboa e o Ultramar — Suas grandezas e declínios — Lisboa, 1963, 41 pp.
- REAL (Mário Guedes)
Cruzeiros legendados da Estremadura in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.^a série, n.º 16, pp. 315 a 334 — Lisboa, 1947.
Desaparecido (O) chafariz de Arroios in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.^a série, n.º 9, pp. 205 a 221 — Lisboa, 1945.
Fontes, bicas e chafarizes estremenhos in «Boletim da Junta da Província da Estremadura» n.º 41/43, pp. 169 a 210 — Lisboa, 1957.
Heráldica (A) municipal e suas lendas perante a esfragística in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.^a série, n.º 14, pp. 7 a 31 — Lisboa, 1947.
Heráldica (A) na escultura e na arquitectura estremenhas in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.^a série, n.º 5, pp. 1 a 12 — Lisboa 1944.
«Memória» (A) de Odivelas in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.^a série, n.º 7, pp. 305 a 329 — Lisboa, 1944.
- Nossa Senhora da Penha de França e o sismo grande da capital* in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.^a série, n.º 20, pp. 39 a 56 — Lisboa, 1949.
Senhor (O) Roubado in «Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa» n.º 53/54, pp. 65 a 94 — Lisboa, 1960.
Toponímia árabe da Estremadura in «Boletim da Junta de Turismo da Estremadura», 2.^a série, n.º 6, pp. 137 a 153 e n.º 10, pp. 289 a 303 — Lisboa, 1944/45.
- REBELO (Brito)
Terremoto (O) de Lisboa no 1.º de Novembro de 1755 in «Occidente», Ano IV, vol. IV, n.º 103, 104 e 105, pp. 242, 256 e 258 — Lisboa, 1881.
- REBELO (Domingos Maria Xavier) e BARATA (Martins)
Palácio (O) de S. Bento — Assembleia Nacional in «Olisipo» n.º 50, pp. 62 a 67 — Lisboa, 1950.
- REBELO (João António)
Capela Real Portuguesa — Lisboa, 1878, 44 pp.
- REGLI (Francesco)
Primo (II) di Novembro de 1755 — Milano, 1845, 124 pp.
- REICHARD (M.)
Itinerary (An) of Spain and Portugal, or, a complete guide to travellers. N. B. — Tem edição francesa: Paris, 1808 — London, 1820, XXVII + 206 pp.
- REIS (Fernanda)
Alfacinhas in «Olisipo» n.º 24, pp. 210 a 214 — Lisboa, 1943.
Monumentos de Lisboa — Estátuas in «Revista Municipal» n.º 16, pp. 75 a 77 — Lisboa, 1943.
- REIS (Pedro Batalha)
Listz na sua passagem por Lisboa, em 1845 — Lisboa, 1945, 173 pp.
Medalha (A) comemorativa da conquista de Lisboa in «Panorama», vol. V, n.º 32/33 — Lisboa, 1947.
Medalística olisiponensis in «Revista Municipal» n.º 22/23, pp. 8 a 16 — Lisboa, 1944.
- REMÉDIOS (António dos)
Resposta à carta de José de Oliveira Trovão e Sousa em que se dá notícia do lamentável successo de Lisboa — Lisboa, 1756.
Ver: *Sousa (José de Oliveira Trovão e)*

- REMY (Coronel)
Ver: *Renault (Gilbert)*
- RENAULT (Gilbert)
Portugal—Lisboa, 1956, 314 pp.
- RESENDE (André Falcão de)
Carta em que se conta a vinda dos ingleses a Lisboa no ano de 1589—Lisboa.
- RESENDE (Garcia de)
Ida da Infanta D. Beatriz para Saboya—Lisboa.
- RESENDE (Manuel Marques)
Espelho da corte ou um breve mapa de Lisboa no qual epilodadamente se mostram e retratam as suas grandezas—Lisboa, 1730, 23 pp.
- RESENDIUS (L. Andraeas)
Vicentius Levita et Martyr—Olisipone, 1545.
- REVAL (Gabriela)
Enchantment (L') du Portugal—Paris, 1934, 215 pp.
- RHYS (Udal A. P.)
Account (An) of the most remarkadle places and curiosities in Spain and Portugal—London, 1749, IV+332 pp.
- RIALTO (João)
Ver: *Azevedo (Guilherme de)*
- RIBAIXO (João)
Ver: *Ortigão (José Duarte Ramalho)*
- RIBEIRAS DO CAVADO (António Vizinho das)
Ver: *Sampaio (António de Villasboas e)*
- RIBEIRO (António Lopes)
Lisboa, a fotogénica in Revista «Cinema» n.º 27, pp. 3—Lisboa, 1947.
Lisboa dos meus encantos in «Panorama», vol. V, n.º 32/33—Lisboa, 1947.
Telhados (Os) de Lisboa in «Panorama», vol. II, n.º 7, pp. 25 a 27—Lisboa, 1942.
- RIBEIRO (Aquilino)
Camões, Camilo, Eça e alguns mais—Lisboa, 1949, 358 pp.
Edição (A) «príncips» dos Lusíadas in «Boletim da Junta da Província da Estremadura», 2.ª série, n.º 20, pp. 17 a 37—Lisboa, 1949.
Santo António vela pelo Bairro in «Revista Municipal» n.º 58, pp. 19 a 30—Lisboa, 1953.
- RIBEIRO (Armando Vitorino)
Como e quando começaram a ser utilizados os serviços de bombeiros nas casas de espectáculos de Lisboa—Lisboa, 1952, 84 pp.
Horrendo (Um) crime na Lisboa de há 100 anos—Lisboa, 1948, 21 pp.
Relatório da visita à Casa da Moeda—Lisboa, 1912, 11 pp.
Relatório da visita à Escola Afonso Domingues, Igreja da Madre de Deus e Asilo Maria Pia—Lisboa, 1913, 12 pp.
2.ª Esquadra (A) da Polícia de Segurança Pública de Lisboa e o local onde hoje se encontra instalada—Lisboa.
Subsídios para a história da localização das esquadras de polícia de Lisboa—Lisboa.
Tempo (No) das Lutas Liberais—Lisboa, 1948, 8 pp.
- RIBEIRO (Carlos)
Considerações gerais sobre a grande conserva de águas projectada na Ribeira de Carenque—Lisboa, 1854, 22 pp.
Estudos pré-históricos em Portugal—Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos em Portugal—2 volumes—Lisboa, 1878/80.
Memória sobre o abastecimento de Lisboa com águas de nascente e águas de Rio—Lisboa, 1867, 119 pp.
Reconhecimento geológico e hidrológico dos terrenos das vizinhanças de Lisboa com relação ao abastecimento das águas desta Cidade—Lisboa, 1857, 160 pp.
Relatório sobre os trabalhos da exploração de águas nas cercanias de Bellas e do Sabugo in «Revista de Obras Públicas e Minas», Ano X, tomo X, pp. 479 a 510—Lisboa, 1879.
- RIBEIRO (Ernesto Rodolfo Hintze) e AGUIAR (António Augusto de)
Proposta de lei apresentada à Câmara dos Deputados sobre melhoramentos do Porto de Lisboa in «Revista de Obras Públicas e Minas», tomo XVI—Lisboa, 1885.
- RIBEIRO (Félix)
Bela (A) Lisboa vedeta de cinema in Revista «Cinema» n.º 27, pp. 11, 12 e 16—Lisboa, 1947.

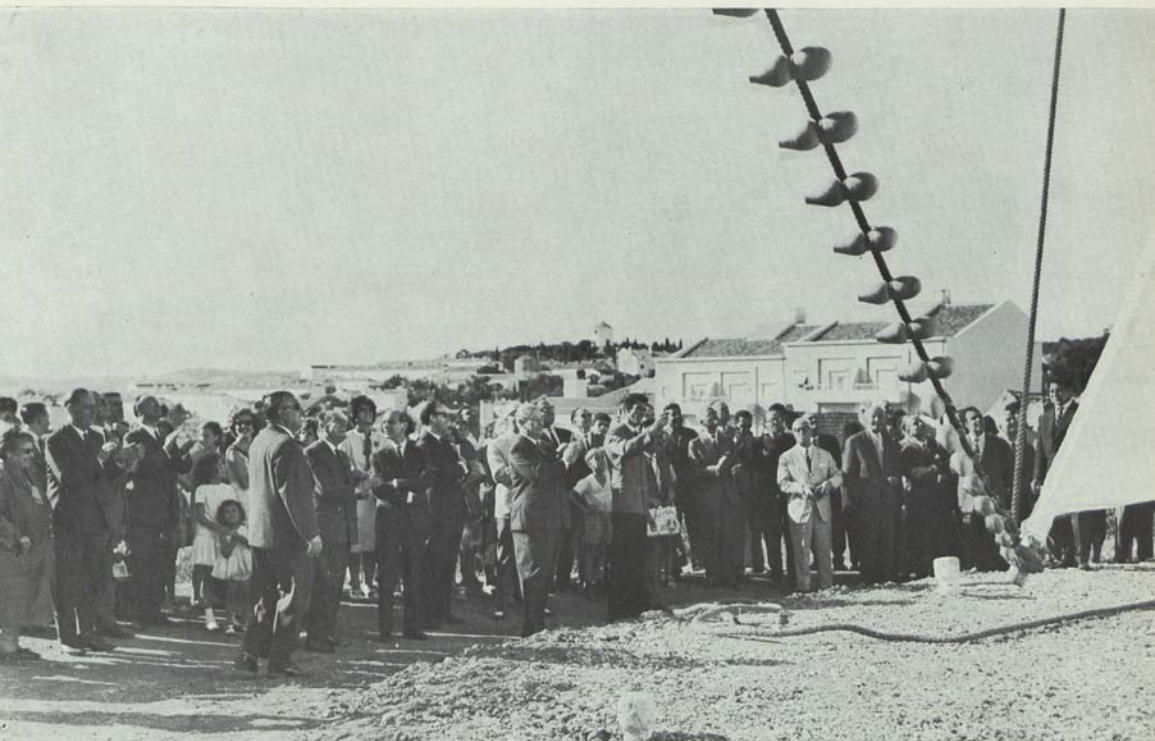
- RIBEIRO (Iveta)
Portugal visto por mim — Anotações de viagem
— Rio de Janeiro, 1932, 226 pp.
- RIBEIRO (J. Nunes)
Auto-Estrada (A) in «Panorama», Ano III, n.º
15/16, pp. 6 e 8 — Lisboa, 1943.
- RIBEIRO (João Inácio Lopes)
Problema (O) dos produtos hortícolas in «Pri-
meira Reunião Olisiponense», vol. I, pp. 187 a
226 — Lisboa, 1948*
- Serviços de inspecção sanitária e mercados* in «Bo-
letim Cultural e Estatístico da C. M. L.» n.º 3,
pp. 371 a 381 — Lisboa, 1937.
- RIBEIRO (João Pedro)
*Memórias autênticas para a história do Real Ar-
quivo* — Lisboa, 1819.
- Memórias para a História das inquirições dos pri-
meiros reinados de Portugal* — Lisboa, 1815, 136 pp.
- RIBEIRO (José Luís)
Fado, Mulheres e Toiros — Lisboa, s/d, 206 pp.
- Lisboa das touradas* — Lisboa, s/d, 444 pp.
- RIBEIRO (José de Somer)
*Antigo (O) sítio do Forno do Tijolo na Freguesia
dos Anjos de Lisboa — Notas acerca de alguns
dos seus moradores* — Lisboa, 1931, 42 pp.
- RIBEIRO (José Silvestre)
*História dos estabelecimentos científicos, literários
e artísticos de Portugal* — 18 volumes — Lisboa,
1871/93.
- Real (O) observatório astronômico de Lisboa —
Notícia história e descritiva* — Lisboa, 1871, 64 pp.
- RIBEIRO (Leonel), JALHAY (Eugénio) e PAÇO
(Afonso do)
*Estação pré-histórica de Montes Claros — Mon-
santo* — Sep. da «Revista Municipal» n.º 20 e 21
— Lisboa, 1945.
- RIBEIRO (Luciano)
Machado de Castro e a Estátua Equestre — Con-
ferência — Lisboa, 1939, 21 pp.
- Moradias em Lisboa de alguns membros da famí-
lia Camões* in «Revista Municipal» n.º 24/25,
pp. 31 a 32 — Lisboa, 1945.
- Palácio (O) dos Sousa-Calbariz* in «Olisipo»
n.º 43, pp. 129 a 136 — Lisboa, 1948.
- RIBEIRO (M)
Terremoto (O) de Lisboa (romance) — Lisboa,
1874.
- RIBEIRO (Manuel)
Sé (A) de Lisboa — Porto, 1931, 29 pp.
- RIBEIRO (Mário de Sampaio)
Calçada (A) da Ajuda (Conferência) — Lisboa,
1940, 85 pp.
- Data (A) da morte do Padre-Mestre Filipe de
Magalhães* in «Olisipo» n.º 93, pp. 9 a 12 — Lis-
boa, 1961.
- Igreja (A) e o Convento de Nossa Senhora da
Graça de Lisboa* in «Olisipo» n.º 5, pp. 49 a 55;
n.º 6, pp. 67 a 86 e n.º 7, pp. 146 a 160 — Lisboa,
1939.
- Inscrição (A propósito da) sepulcral do fundador
da Ermida de Nossa Senhora da Oliveira de Lis-
boa* in «Olisipo» n.º 83, pp. 133 a 141 — Lisboa,
1958.
- Lisboa Manuelina* in «Lisboa, Oito Séculos de
História», pp. 315 a 338 — Lisboa, 1947. *****
- Luísa Todj* (Conferência) in «Anais das Bibliote-
cas, Museus e Arquivo Histórico Municipais» n.º
12, pp. 5 a 20 — Lisboa, 1934.
- Missas (A) da meia-noite do ano de 1527 no
Paço da Ribeira* — Lisboa, 1941, 28 pp.
- Mosteiro (Do) da Madre de Deus, em Xabregas
e de sua excelsa fundadora* in «Olisipo» n.º 20,
pp. 221 a 230 e n.º 21, pp. 32 a 38 — Lisboa,
1942.
- Música (A) em Lisboa* in «Revista Municipal»
n.º 4, pp. 57 a 61 — Lisboa, 1940.
- Olisiponense (Um) illustre — José Artur Leitão
Bárçia* in «Olisipo» n.º 33, pp. 3 a 5 — Lisboa,
1946.
- «Pergaminhos» fadistas* in «Olisipo» n.º 13, pp. 3
a 13 — Lisboa, 1941.
- Pina Manique e a ascensão de Lunardi* in «Re-
vista Municipal», n.º 53, pp. 17 a 23 — Lisboa,
1952.
- Quintas (As) Reais do lugar de Belém* in «Anais
das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Mun-
cipais», Ano V, pp. 10 a 21 — Lisboa, 1934.
- Sítio (Do) da Junqueira* (Conferência) — Lisboa,
1939, 41 pp.

- Sítio (Do) de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda* (Conferência) in «Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais», Ano V, pp. 150 a 168—Lisboa, 1935.
- Sítio (Do) do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém*—Lisboa, 1949, 122 pp.
- Superstições, bruxedos e agoiros* in «Olisipo» n.º 58, pp. 84 a 95—Lisboa, 1952.
- Velba (Da) Algés* (Conferência)—Sep. do «Boletim Cultural e Estatístico da C. M. L.», vol. I, n.º 3—Lisboa, 1938, 34 pp.
- Velbos pregões musicados de Lisboa—Acheegas para seu estudo e sua inventariação*—Sep. da «Revista de Etnografia», n.º 7—Museu de Etnografia e História—Porto, s/d, 59 pp.
- Visita à Igreja da Conceição Velba* in «Olisipo» n.º 3, pp. 17 a 23—Lisboa, 1938.
- RIBEIRO (Mário de Sampaio), CARNAXIDE (António de Sousa Pedrosa), AMEAL (João), SANTOS (Reinaldo dos) e SEQUEIRA (Gustavo Adriano de Matos)
D. João V—Lisboa, 1952, 166 pp.
- RIBEIRO (Mário de Sampaio) e MACEDO (Luís (Pastor de))
«Lisboa de Ontem e de Hoje» (A) do Sr. Rocha Martins—Lisboa, 1946, 24 pp.
- RIBEIRO (Orlando)
Evolução e perspectivas dos estudos olisiponenses in «Revista Municipal» n.º 27, pp. 3 a 12—Lisboa, 1945.
- Território (O) de Lisboa* in «Lisboa, Oito Séculos de História», pp. 1 a 11—Lisboa, 1947. *****
- RIBEIRO (Vitor Maximiano)
Alfama in «Serões», 2.ª série, vol. III, pp. 175 a 189—Lisboa, 1907.
- Antigo (O) edifício da Misericórdia de Lisboa e a respectiva porta no Museu do Carmo* in «Boletim da Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses», tomo IX, 4.ª série, n.º 4—Lisboa, 1901.
- Arquivo (O) da Misericórdia de Lisboa na Exposição Olisiponense de 1914*—Coimbra, 1915, 67 pp.
- Ateneu (O) Comercial de Lisboa, no seu 25.º Aniversário*—Lisboa, 1905, 238 pp.
- Fundadora (A) da Igreja do Colégio de Santo Antão (da Companhia de Jesus) e a sua sepultura*—Coimbra, 1911, 55 pp.
- Igreja (A) e casa de S. Roque de Lisboa—Algumas notícias subsidiárias e documentos*—Sep. do «Boletim de 2.ª classe da Academia Real das Ciências de Lisboa», vol. III, n.º 6—Lisboa, 1910, 15 pp.
- História da Beneficência em Portugal*—Coimbra, 1907, 210 pp.
- Infanta (A) Dona Maria e o seu Hospital da Luz—Notícia documental*—Sep. do «Boletim da Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses», tomo X—Lisboa, 1907, 100 pp.
- Lisboa trágica—Os dramas do incêndio* in «Serões», 2.ª série, vol. IV, pp. 403 a 414—Lisboa, 1907.
- Lotarias (As) da Misericórdia e a Academia das Ciências*—Coimbra, 1914, 45 pp.
- Mouraria* in «Serões», 2.ª série, vol. IV, pp. 251 a 282—Lisboa, 1907.
- Notícias (Algumas) documentais de arte e arqueologia relativas à Misericórdia de Lisboa e à sua igreja e casa de S. Roque*—Lisboa, 1907, 39 pp.
- Santa (A) Casa da Misericórdia de Lisboa (Subsídios para a sua história) 1498-1898*—Sep. da «História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa», nova série, 2.ª classe, tomo IX, 2.ª parte, pp. I a XIII e 3 a 563—Lisboa, 1902, XV+565 pp.
- Velba (A) Lisboa e os estudos de arqueologia da capital*—Sep. do «Boletim de 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa», vol. IX—Coimbra, 1915, 47 pp.
- Vida (A) lisboeta nos Séculos XV e XVI (...)*
Peditórios e pedintes in «Arquivo Histórico Português», vol. VIII—Lisboa, 1911.
- RIBEIRO GUIMARÃES (José)
Ver: *Guimarães (José Ribeiro)*
- RIEUX (Melchior) [?]
Lisboa sob o Duque de Alba—Segundo um manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris—Carta atribuída a [...] por R(odrigues) C(avalheiro) in «Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Municipais» n.º 15, pp. 5 a 9—Lisboa, 1935.

(Continua)

ACONTE
CIMEN-
TOS
CITA-
DINOS





POR INICIATIVA DA C. M. L. OS MOINHOS DE SANTANA, NO CARAMÃO DA AJUDA FORAM RESTAURADOS E RESTITUIDOS À VIDA DA CIDADE. AO ACTO ASSISTIRAM O SENHOR GENERAL FRANÇA BORGES E MUITAS OUTRAS INDIVIDUALIDADES



DIRIGENTES E FIGURANTES
DO CORO JUVENIL DE OHIO,
«GOODWILL SINGNIG EMBAS-
SADORS», APRESENTAM
CUMPRIMENTOS
AO MUNICIPIO DE LISBOA

NO CENÁRIO DE ALFAMA,
A COMPANHIA DE TEATRO DE JOÃO
SARABANDO INTERPRETA «A CULPA
É DA PRIMAVERA»

«A CELA DOS CARDEAIS»,
PELA COMPANHIA
DE TEATRO POPULAR
—ESTUFA FRIA



«ROSAS DE TODO O ANO»,
PELA COMPANHIA
DE TEATRO POPULAR
—ESTUFA FRIA



«D. BELTRÃO DE FIGUEIROA»,
PELA COMPANHIA
DE TEATRO POPULAR
—ESTUFA FRIA





EM PLENO CORAÇÃO DE ALFAMA,
INAUGUROU-SE A FEIRA DE ANTI-
GUIDADES E ARTESANATO. OS SRS.
MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS,
PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA
CÂMARA, SECRETÁRIO NACIONAL
DA INFORMAÇÃO E OUTRAS ENTI-
DADES OFICIAIS QUE ASSISTIRAM
A CERIMONIA



PROFESSORES E ALUNOS DOS ESTUDOS
GERAIS UNIVERSITÁRIOS DE ANGOLA
E UM GRUPO DE FINALISTAS
DOS CURSOS SECUNDÁRIOS DA MESMA
PROVINCIA SÃO RECEBIDOS NA C. M. L.



RECEPÇÃO NOS PAÇOS DO CONCELHO
AOS PEQUENOS HERÓIS
DA OPERAÇÃO «PLUS ULTRA».

APRESENTAÇÃO
DE CUMPRIMENTOS
DA MISSÃO INTERAMERICANA
DE COOPERAÇÃO INTERMUNICIPAL O «MAYOR»
DA CIDADE DE LOUISVILLE
ENTREGA AO SENHOR
GENERAL FRANÇA BORGES
A MEDALHA COMEMORATIVA



ESTUFA FRIA—«CONDE BARÃO».
INTERPRETADA PELA COMPANHIA
DE TEATRO POPULAR

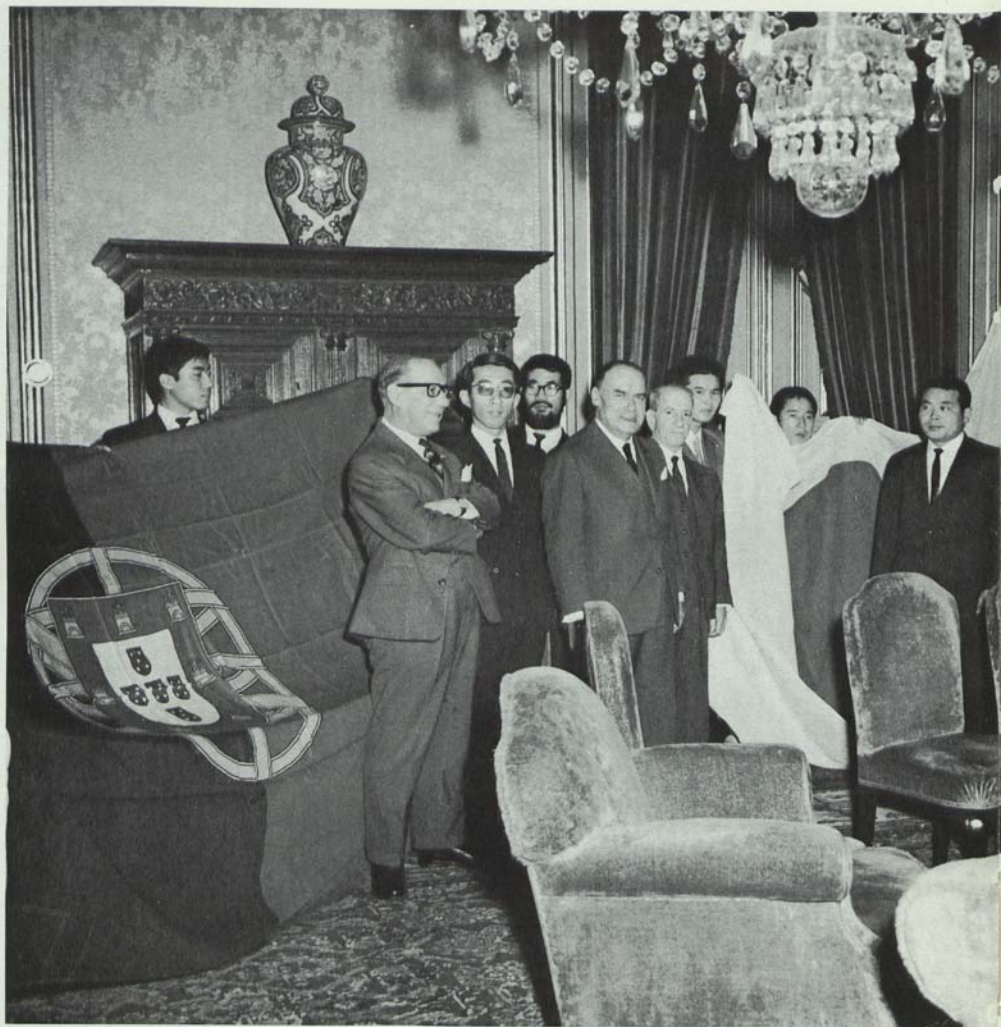




MEMBROS DO GOVERNO
E ALTOS FUNCIONARIOS DOS
ESTADOS BAVAROS
APRESENTAM CUMPRIMENTOS
NO MUNICIPIO DE LISBOA



O SENHOR GENERAL FRANÇA BORGES
RECEBE O PRESIDENTE DA CÂMARA
DE COMÉRCIO DE FALL RIVER



ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE JAPONESA DE TKUSHOUCU OFERECEM A C. M. L. AS BANDEIRAS DE PORTUGAL E DO JAPÃO QUE FIGURARAM NO ESTÁDIO OLÍMPICO DAQUELE PAÍS, QUANDO DAS ÚLTIMAS OLIMPIADAS

MANIFESTAÇÃO PÚBLICA NOS PAÇOS DO
CONCELHO POR OCASIÃO DAS ELEIÇÕES
PARA DEPUTADOS À ASSEMBLEIA
NACIONAL. O PRESIDENTE DO MUNICÍPIO
DISCURSANDO PERANTE ALGUNS
MEMBROS DO GOVERNO



TAÇAS OFERECIDAS AOS GRUPOS
PARTICIPANTES NAS MARCHAS
DE LISBOA DE 1965



MARCHAS
POPULARES

PREMIOS
DA
CAL
Serviço de Propaganda e Turismo



COMEMORAÇÕES DA TOMADA
DE LISBOA AOS MOUROS.
INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA
VIATURA DO B. S. B. E. A ENTREGA
DA MEDALHA DE OURO
AO CHEFE ANTÓNIO AUGUSTO
RODRIGUES DO MESMO BATALHÃO



NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS, ENTREGA DOS PRÊMIOS DAS MARCHAS POPULARES DE 1965

CELEBRANDO A TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS, A C. M. L. FAZ ENTREGA DE ALGUMAS BIBLIOTECAS OFERECIDAS A INSTITUIÇÕES CULTURAIS DA CIDADE





O PRESIDENTE DA C. M. L. AGRADECE AOS ARTISTAS DO TEATRO POPULAR DE LISBOA A COLABORAÇÃO PRESTADA AO MUNICÍPIO NA ÉPOCA DE 1965



O DR. MADEIRA VIDIGAL TOMA POSSE DO CARGO DE CHEFE DA REPARTIÇÃO DE LIMPEZA URBANA



HOMENAGEM DOS DIRIGENTES
DA FEDERAÇÃO DAS COLECTIVIDADES
DE CULTURA E RECREIO AO PRESIDENTE
DA C. M. L.

RECEPÇÃO AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ULTRA-
MARINOS QUE ACABARAM DE CHEGAR À METRÓ-
POLE PARA A FREQUÊNCIA DE CURSOS SUPERIORES
NÃO INCLUIDOS NOS ESTUDOS GERAIS
DAS RESPECTIVAS PROVÍNCIAS



ESTREIA DO ORFEÃO DO PESSOAL
DO MUNICÍPIO, EM ESPECTÁCULO REALI-
ZADO NA ESTUFA FRIA. O PRESIDENTE
DA C. M. L., O DIRECTOR DOS SERVIÇOS
CENTRAIS E CULTURAIS E O MAESTRO
JAIME SILVA (BARCARENA)
COM OS ELEMENTOS DO AGRUPAMENTO





O PRESIDENTE SUBSTITUTO DO CONSELHO
MUNICIPAL DE SEATTLE (E. U. A.) APRESENTA
CUMPRIMENTOS AO MUNICIPIO DE LISBOA

NO PALACIO GALVEIAS — TARDE CULTURAL
INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES NACIONAIS
DO II CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BOGAGE
— DOIS ASPECTOS DA ASSISTENCIA





APRESENTAÇÃO DE CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS AO PRESIDENTE DA C. M. L.—O DIRECTOR DOS SERVIÇOS CENTRAIS E CULTURAIS FALA EM NOME DOS FUNCIONARIOS MUNICIPAIS. NO FINAL O SENHOR GENERAL FRANÇA BORGES DIRIGE ALGUMAS PALAVRAS DE AGRADECIMENTO



ÍNDICE GERAL
DA «REVISTA MUNICIPAL»
(DO N.º 104 AO 107)
ANO DE 1965

Designação	Números	Páginas
A		
Acontecimentos citadinos	104/5	131
	106/7	111
Aspectos da Administração Municipal de Lisboa no Século XV	104/5	8
	106/7	72
C		
Camões:— Amor e saudade em Lisboa	104/5	105
E		
Eternidade de Bocage	106/7	58
G		
Gaivotas no céu de Lisboa (As)	106/7	87
H		
Hospital Real de Todos-os-Santos	104/5	27
	106/7	7
M		
Moinhos de Vento de Lisboa	106/7	88
P		
Panorama Geral de Lisboa (Iluminura do primeiro quartel do Século XVI).....	104/5	25
Pintura a Óleo — Café Nicola — Lisboa	106/7	70-A
S		
Subsídios para uma Bibliografia Geral de Lisboa	104/5	107
	106/7	99

ÍNDICE DOS COLABORADORES

Designação	Números	Páginas
C		
Crespo — Gonçalves Camões — Amor e Saudade em Lisboa	104/5	105
G		
Garcez — Costa Subsídios para uma Bibliografia Geral de Lisboa	104/5 106/7	107 99
M		
Moita — Irisalva Hospital Real de Todos-os-Santos	104/5 106/7	27 7
Muler — Simões Eternidade de Bocage	106/7	58
R		
Rodrigues — Maria Teresa Campos Aspectos da Administração Municipal de Lisboa no Século XV	104/5 106/7	8 72
S		
Simões — J. M. dos Santos Moinhos de Vento de Lisboa	106/7	88
V		
Vieira — Afonso Lopes As gaivotas no céu de Lisboa	106/7	87

ÍNDICE DAS GRAVURAS

Designação	Números	Páginas
A		
Acontecimentos cívicos		
Visita aos Paços do Concelho, dos alunos da Escola Profissional de Comércio de Jerez de La Frontera	104/5	132
Visita do Presidente da Câmara à República Federal Alemã	104/5	133
Solene «Te-Deum» na Sé	104/5	133
Apresentação de cumprimentos do Governador Civil de Ávila (Espanha)	104/5	134
Inauguração da Rua Embaixador Teixeira de Sampaio	104/5	134
Cumprimentos ao Presidente da Câmara, dos dirigentes e atletas da F. I. S. E. C. O Sr. George Macnally entrega ao Presidente da Câmara a chave da Cidade de Mobile (Alabama)	104/5	135
O Presidente do Lions Club International entrega ao Presidente da Câmara a medalha de ouro conferida por aquela associação	104/5	136
I Colóquio Nacional de Comércio	104/5	136
O Sr. Presidente da Câmara recebe uma mensagem do «Mayor» de Joanesburgo ..	104/5	137
Voo inaugural da T. A. P. a Bruxelas	104/5	137
A rainha das Azéleas, entrega ao Presidente da Câmara uma mensagem do «Mayor» de Pietermaritzburgo (África do Sul)	104/5	138
Exposição de Miniaturas Angolanas, no Palácio Galveias	104/5	138
II Festival Internacional de Teatro da Cidade de Lisboa	104/5	139
Recepção nos Paços do Concelho aos participantes no voo inaugural Joanesburgo-Lisboa	104/5	140
Inauguração do Pavilhão Municipal na Feira Popular de Lisboa	104/5	140
XXVIII Campeonato da Europa de Hóquei em Patins	104/5	141
Recepção na Estufa Fria aos participantes no Congresso Internacional de Fabricantes de Superfosfatos	104/5	142
Homenagem a Camões	104/5	143
Inauguração da Biblioteca Municipal da Junqueira	104/5	144
Entrega de Bibliotecas Municipais a diversas associações de cultura e recreio	104/5	144
Exposição «Lisboa Vista pelos Estrangeiros»	104/5	145
Copo-d'água oferecido às noivas de Santo António	104/5	146
Cerimónia no B. S. B.	104/5	146
Moinhos de Santana, no Caramão da Ajuda (2 aspectos)	106/7	113
Apresentação de cumprimentos do Coro Juvenil de Ohio	106/7	114
Teatro da Estufa Fria (4 aspectos)	106/7	114/5
Inauguração da Feira de Antiguidades e Artesanato em Alfama	106/7	116
Recepção a professores e alunos dos Estudos Gerais Universitários de Angola	106/7	117
Heróis da operação «Plus Ultra»	106/7	117
Apresentação de cumprimentos da Missão Interamericana de Cooperação Internacional Teatro da Estufa Fria	106/7	118
Apresentação de cumprimentos de entidades estrangeiras (2 aspectos)	106/7	118
Estudantes japoneses oferecem à C. M. L. as bandeiras de Portugal e do Japão	106/7	119
Manifestação nos Paços do Concelho	106/7	120
Taças oferecidas aos grupos participantes nas Marchas Populares de 1965	106/7	121
Comemorações da Tomada de Lisboa aos Moaros (4 aspectos)	106/7	122
Agradecimento do Presidente da Câmara aos artistas do Teatro Popular de Lisboa	106/7	123, 4
Acto de posse do Dr. Madeira Vidigal	106/7	125
Homenagem dos dirigentes da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio ao Presidente da C. M. L.	106/7	125
Recepção aos estudantes universitários ultramarinos	106/7	126
Estreia do Orfeão do Pessoal do Município	106/7	127

Designação	Números	Páginas
O Presidente Substituto do Conselho Municipal de Seattle (E. U. A.) apresenta cumprimentos ao Município	106/7	128
Tarde cultural, no Palácio Galveias, integrada nas Comemorações Nacionais do II Centenário do Nascimento de Bocage (2 aspectos)	106/7	129
Apresentação de cumprimentos de Boas Festas ao Presidente da C. M. L. (2 aspectos)	106/7	130
B		
Bocage — Visto por Júlio Gil	106/7	60
E		
Estampas dos achados nas escavações do Hospital Real de Todos-os-Santos	104/5 106/7	27 a 103 9 a 57
L		
Lápide colocada junto do reconstruído Moinho de Santana	106/7	96
M		
Manuel Maria Barbosa du Bocage	106/7	60
Moinhos do Caramão	106/7	96
P		
Panorama geral de Lisboa — Iluminura do primeiro quartel do Século XVI	104/5	25
Pinturas a óleo — Café Nicola — Lisboa	106/7	63, 68 e 70-A
Pormenor da planta de Lisboa (Século XVI) destacando-se os Moinhos da Cotovia	106/7	90
Pormenor da planta do Almojarifado da Ajuda, com referência aos moinhos das Freiras do Bom-Sucesso	106/7	92
Pormenor da planta de Lisboa com os moinhos do Caramão e outros	106/7	94

EDIÇÕES MUNICIPAIS

O CARMO E A TRINDADE
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

CASAS DA CÂMARA DE LISBOA
LUÍS PASTOR DE MACEDO E NORBERTO DE ARAÚJO

A CERCA FERNANDINA
AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

A CERCA MOURA DE LISBOA
AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

*A CERCA MOURA DE LISBOA E O ESTEIRO
DO TEJO NA BAIXA*
AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

CONQUISTA DE LISBOA AOS MOUROS (1147)
NARRAÇÕES PELOS CRUZADOS OSBERNO E ARNULFO
TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS
POR JOSÉ AUGUSTO DE OLIVEIRA

EPIGRAFLA DE OLISIPO
AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

*EVOLUÇÃO DA GRAVURA DE MADEIRA
EM PORTUGAL*
ERNESTO SOARES

AS FREGUESIAS DE LISBOA
AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

*HISTÓRIA DOS MOSTEIROS, CONVENTOS E CASAS
RELIGIOSAS DE LISBOA*

IGREJAS E MOSTEIROS DE LISBOA
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

CASTELO DE S. JORGE
COSTA GARCEZ

MUSEUS DE LISBOA
FERNANDO CASTELO BRANCO

CHAFARIZES DE LISBOA
LUÍS CHAVES

PORTAS E BRAZÕES DE LISBOA
LUÍS FERROS PONCE DE LEÃO

O TEJO
MÁRIO PIRES



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRAFICAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



PREÇARIO DA REVISTA:

Preço avulso	12\$50
Números duplos	20\$00
Assinatura (por cada série de 4 números)	40\$00

DEPOSITARIO GERAL:

Grupo «Amigos de Lisboa» — Largo Trindade Coelho, n.º 9, 1.º
Telefone 32 57 11

CORRESPONDÊNCIA:

Secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa
Praça do Município — Telefone 36 29 51

